

REVISTA DA SEMANA

N.º 25

Cr\$ 1,50 em todo o Brasil

23-6-945





JOCKEY CLUB MUNDANO

Na tarde de domingo último o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos seus frequentadores mais uma das suas muito animadas reuniões. Como sempre, as tribunas estavam repletas de elementos representativos da nossa sociedade, e mais uma vez as elegantes "turiwomen" cariocas concorreram com a sua graça para o êxito dessa tarde turfística. As fotos que aqui estampamos foram colhidas pela nossa objetiva, nos intervalos das corridas.





O major-brigadeiro Eduardo Gomes em sugestivo flagrante batido no Pacaembú, quando ali se realizava, sábado último, a grande concentração promovida pela União Democrática Nacional. O majestoso estádio bandeirante acolheu dezenas de milhares de pessoas de tôdas as correntes partidárias coligadas na oposição, representantes de tôdas as classes sociais e de várias procedências, para ouvirem o candidato opositor. (Outras fotos desse acontecimento, nas páginas seguintes, feitas em São Paulo especialmente para a REVISTA DA SEMANA.)

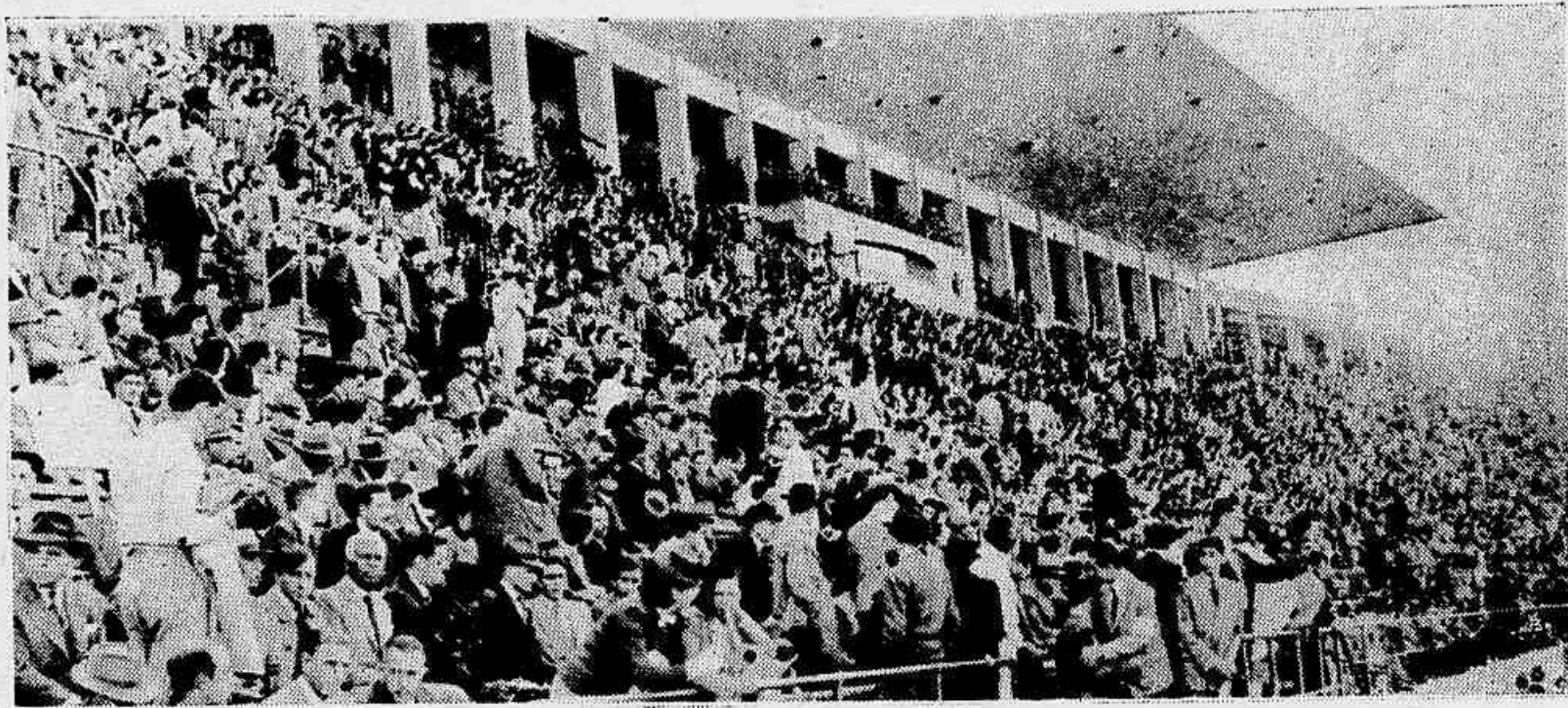
O comício pró Eduardo Gomes no Pacaembú



Antes do comício o candidato oposicionista teve ocasião de fazer uma visita à sede da União Democrática Nacional, onde lhe foram prestadas muitas homenagens. A gravura mostra-nos um flagrante obtido nessa ocasião, vendo-se o major-brigadeiro Eduardo Gomes rodeado de membros daquela agremiação e destacadas figuras políticas bandeirantes.



Um detalhe do espetáculo de alto sentido cívico levado a efeito no anfiteatro do Pacaembu, quando usava da palavra o jornalista Carlos Lacerda, cuja oração provocou, no vasto auditório, prolongados e entusiásticos aplausos. Todos os discursos foram irradiados para a Capital da República e para todo o Brasil, e depois reproduzidos pela Imprensa.



Os portões do Pacaembu foram abertos às 12 horas, quando o povo começou a invadir as dependências daquele amplo campo de esportes. Iam chegando as delegações das cidades do interior, que se colocavam na curva de entrada do anfiteatro ostentando seus dísticos. O aspecto do Estádio do Pacaembu, aos poucos, foi ficando empolgante. À medida que as arquibancadas iam ficando repletas de uma entusiasmada multidão, esse aspecto era mais e mais impressionante. Grande número de senhoras e senhoritas emprestava, com sua presença, vivacidade e elegância ao acontecimento político. No fundo do anfiteatro estava situada a tribuna de honra, com bandeiras nacionais, enquanto na parede exterior do Ginásio via-se uma bela alegoria de homenagem aos soldados da F.E.B. De um lado, uma vista da esquadra brasileira em alto mar; do outro, um expedicionário em atitude de ataque à baioneta calada. E em legenda: "Homenagem ao combatente da Democracia". O comício teve início depois das 15 horas, com a entrada do major-brigadeiro Eduardo Gomes, prolongando-se até quase noite fechada.

Destacados próceres da corrente oposicionista por ocasião de seu desembarque em São Paulo, vendo-se, da esquerda para a direita, Juracy Magalhães, José Americo, Artur Bernardes, Flores da Cunha, Pedro Aleixo e outras personalidades que foram ao Pacaembu, dos quais alguns usando da palavra, solidários com a candidatura do major-brigadeiro Eduardo Gomes. A ausência de Armando de Sales Oliveira, que a morte privou de comparecer a esse registro político, e cuja iniciativa ele tanto vinha animando, foi sensivelmente notada. Mas a União Democrática Nacional fez colocar, nos lugares de honra, a cadeira em que deveria sentar-se o antigo presidente de São Paulo, cadeira que ficou vaga durante todo o tempo das grandes cerimônias públicas.



Nossa
insta
apla
reali

naci
do g
ning
qual
reco
deiro
a pa
e pe
pecti
pági
em
entus
de v
lade
creto

Retr
Edu
Man
foi r

o do
ocou,
oram

povo
o de
r, que
o seus
foi fi-
cando
e mais
mpres-
mento
honra,
tinásio
F.E.B.
ar; do
calada.
ia". O
major-
chada.

Ber-
adeiro
mente
urante



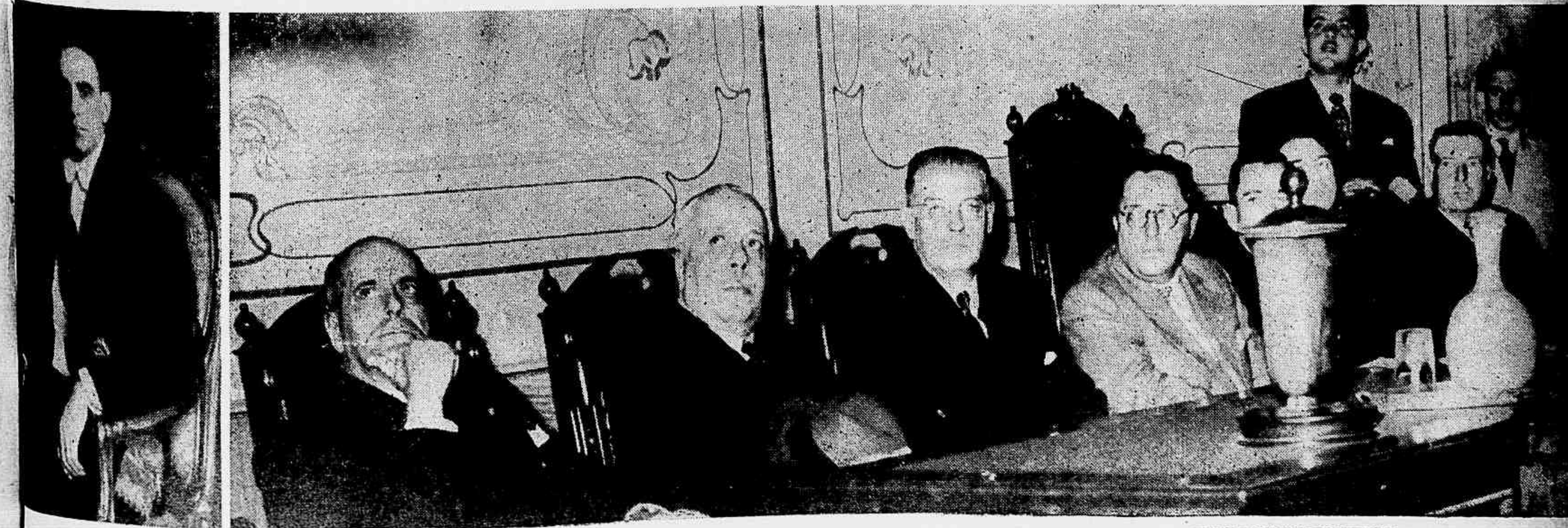
Nossas objetivas fotográficas procuraram fixar as fases culminantes do comício do Pacaembu. Não foi possível, naturalmente, apanhá-las na sua totalidade, mas aqui damos instantâneos batidos quando falavam três dos oradores de sábado. Da esquerda para a direita: Otávio Mangabeira, antigo ministro das Relações Exteriores, cuja oração foi das mais aplaudidas; Artur Bernardes, antigo Presidente da República, que ali estava representando as oposições mineiras, e José Americo, a quem se deve o ponto de referência para a realização da grande hora política presente, com a sua memorável entrevista que fez modificar-se o panorama nacional. Todos usaram da palavra sob os mais calorosos aplausos da multidão que enchia o recinto imenso do Pacaembu.

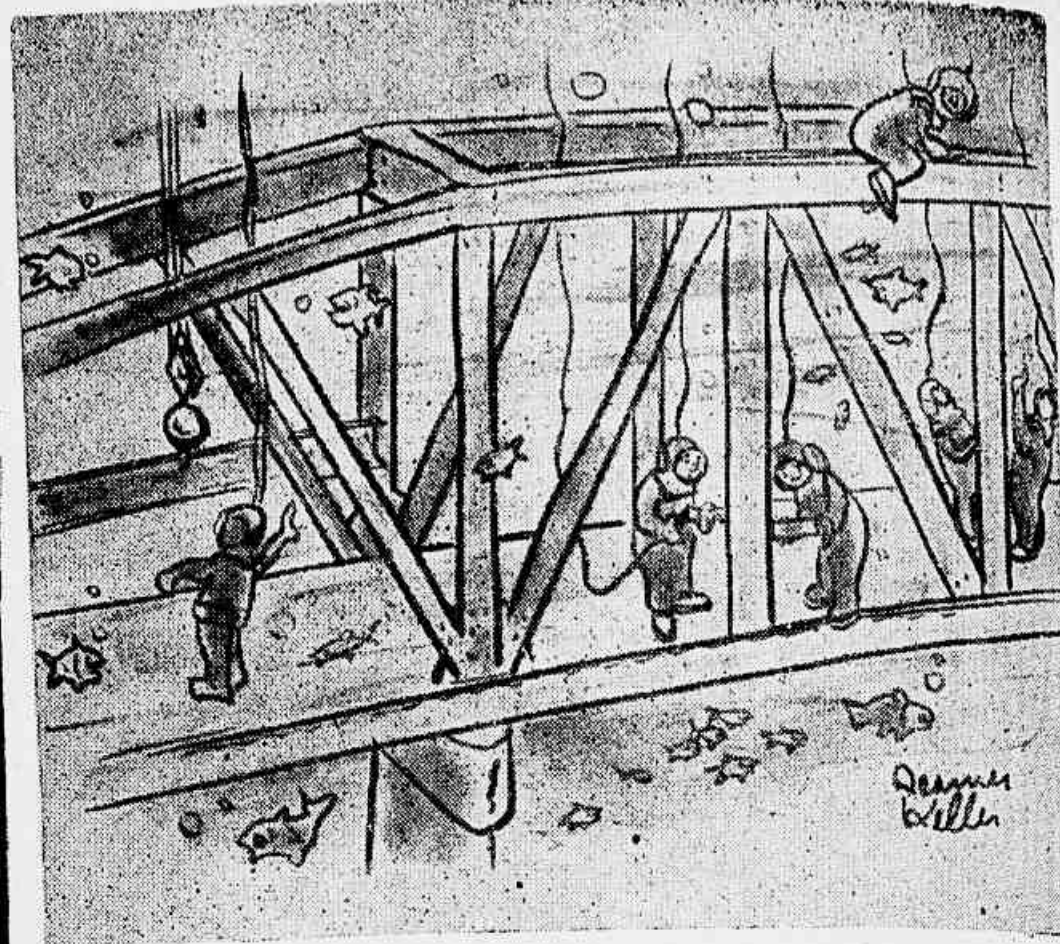
Quando se desenvolve, em todos os setores políticos nacionais, a campanha da sucessão presidencial, o registro do grande comício de 16 do corrente, na terra de Piratininga, assumiu foros de um legítimo acontecimento. Sob qualquer aspecto por que tenhamos de apreciá-lo, é ele reconfortante, pois demonstra que os princípios da verdadeira democracia estão em curso com os comícios políticos, a palavra em público, largamente difundida pela imprensa e pelo rádio dos elementos da oposição e, enfim, a perspectiva da obra eleitoral propriamente dita. Damos, nestas páginas, vários flagrantes obtidos pela nossa reportagem em São Paulo, daquele magno acontecimento que tanto entusiasmo despertou, entusiasmo que atingiu o maior ponto de vibração quando o major-brigadeiro entrou no Estádio ladeado pelos srs. Julio Prestes e Waldemar Ferreira. Discreto, agitando com simplicidade o seu lenço, Eduardo

Gomes respondia, do automóvel que dava a volta ao Estádio, às aclamações da multidão. Parando o automóvel defronte à tribuna de honra, com dificuldade conseguiu acesso ao local onde o aguardavam os próceres da U. D. N. Incessantemente ovacionado, o brigadeiro conseguiu, afinal, subir à tribuna de onde, com acenos breves de mão, respondia às saudações populares. Saindo da multidão, uma menina conseguiu chegar junto à tribuna, erguendo suas mãos para o homenageado num incontido entusiasmo infantil. O brigadeiro curvou-se, trazendo para seu lado a pequena admiradora. A multidão prorrompeu em nova torrente de aplausos. Foi nesse momento que subiu muito alto um foguete e estourou o morteiro do qual saiu uma bandeira nacional sustida por paraquedas. O pavilhão veio descendo sob os olhos atentos da multidão e foi pousar na tribuna, bem ao lado do candidato da oposição.

Depois foi iniciado o comício, que se esntedeu pela tarde e quase ao cair da noite, vendo-se na tribuna especial, entre muitos outros, os srs. José Americo de Almeida, ministro do Tribunal de Contas; Otávio Mangabeira, ex-ministro das Relações Exteriores; Artur Bernardes, ex-presidente da República; Julio Prestes, antigo presidente do Estado de São Paulo, Gabriel Passos, ex-procurador geral da República; Odilon Braga, ex-ministro da Agricultura; Juracy Magalhães, ex-governador do Estado da Bahia; general Flores da Cunha, ex-presidente do Estado do Rio Grande do Sul; Luiz Piza Sobrinho, ex-secretário da Agricultura; Pedro Aleixo, ex-presidente da Câmara dos Deputados; Jader de Carvalho, representante das esquerdas democráticas do Ceará, e Domingos Velasco, prestigioso procer político de Goiás.

Retrato a óleo do sr. Armando de Sales Oliveira, inaugurado na sede do Instituto Histórico de São Paulo, na véspera do comício, solenidade que teve a presença do major-brigadeiro Eduardo Gomes e de altas personalidades políticas. — A direita, a mesa que presidiu a essa solenidade, vendo-se entre outros, e além do candidato das oposições, os srs. Otávio Mangabeira, Pedro Aleixo e Julio Prestes, este, antigo presidente do Estado de São Paulo. A memória do saudoso homem público, cujo passamento ocorreu fazem poucas semanas, foi reverenciada de maneira impressionante, associando-se a essas homenagens tôda a população paulista. Mesmo no recinto do Pacaembu, quando iam mais animadas as celebrações do comício, o nome de Armando de Sales Oliveira foi muito lembrado.

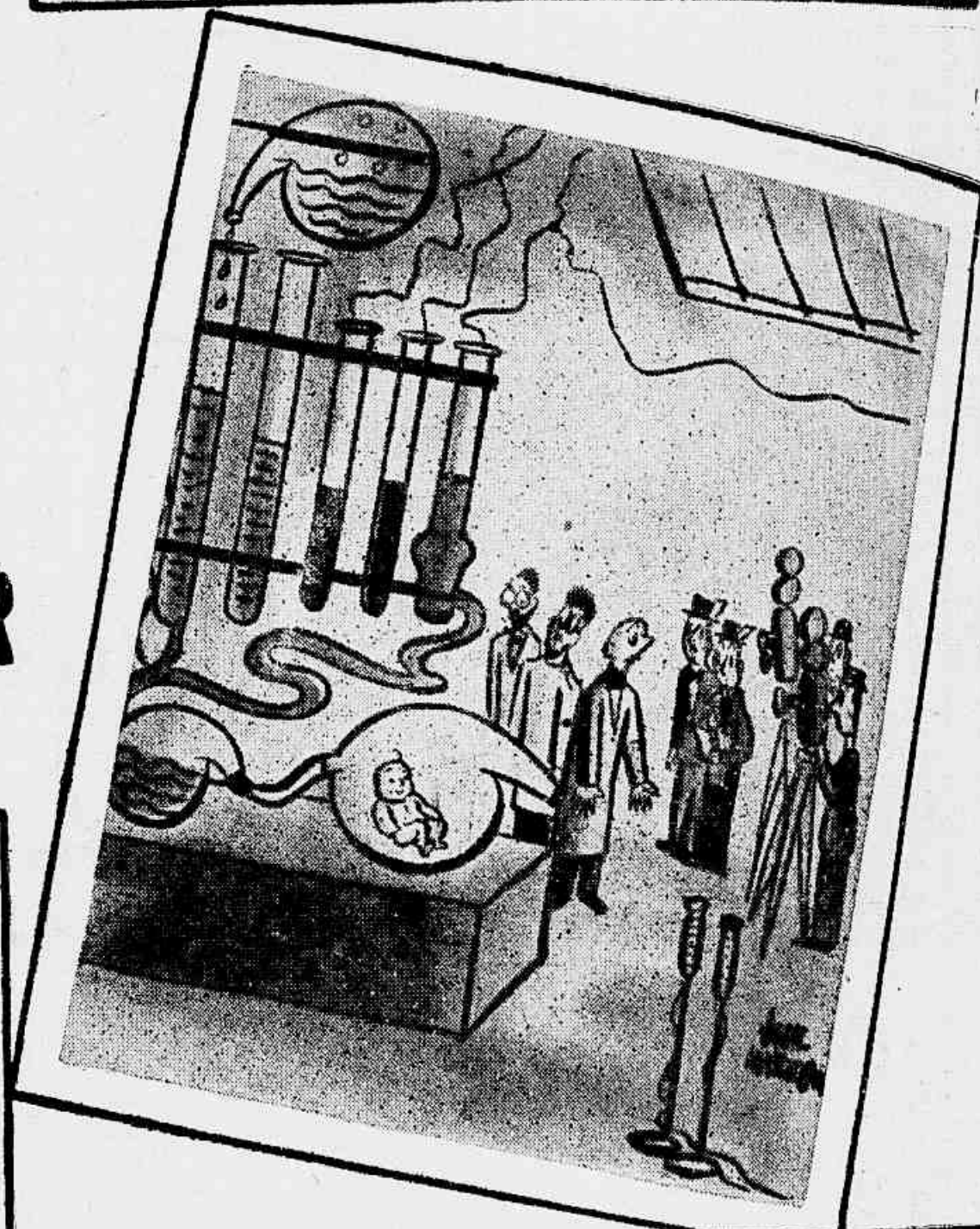




— "Seu" Chico, parece que o engenheiro fez um pequeno engano aqui em baixo...



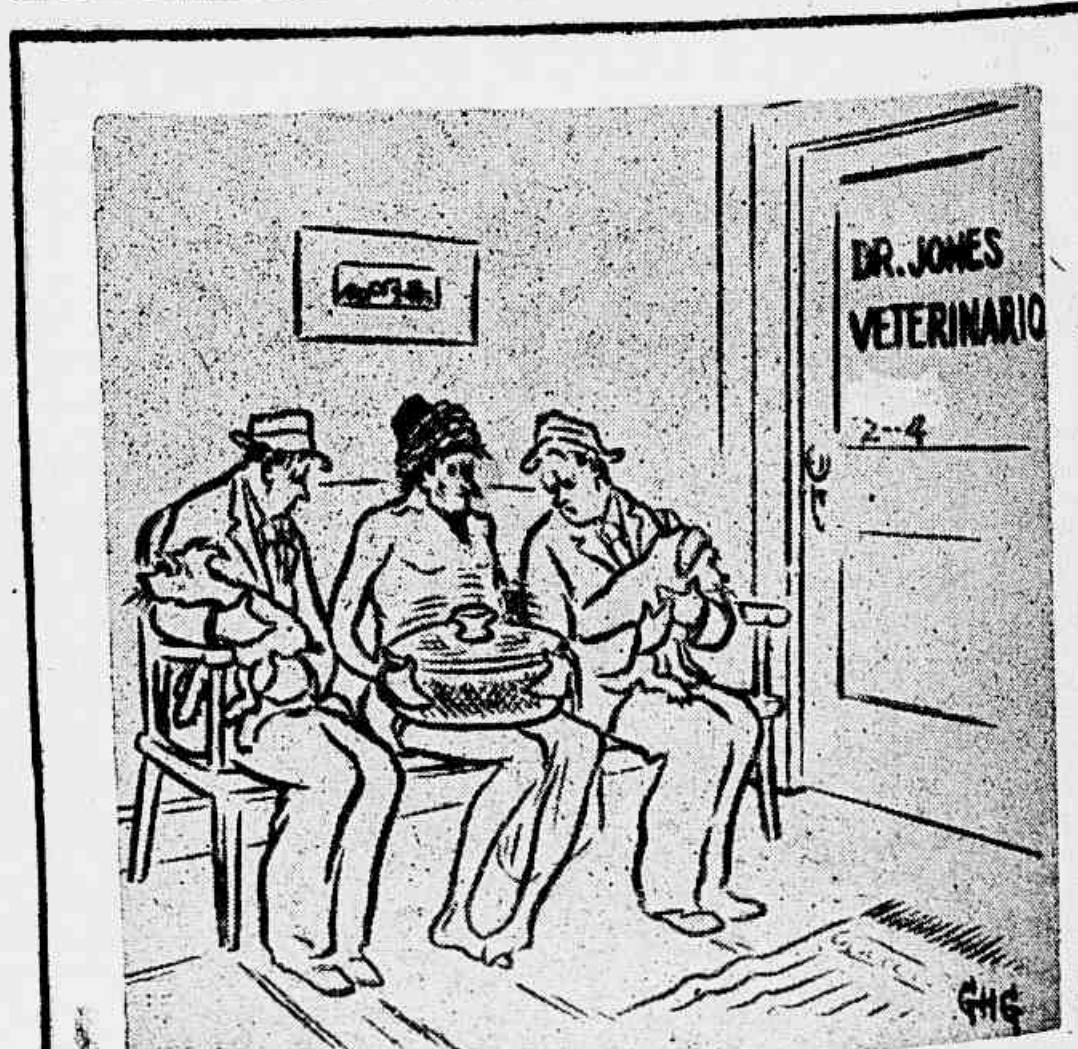
DE BOM HUMOR



— Os senhores queiram desculpar, mas eu estava certo de que ia sair borracha sintética!



— Menina! Mas que bruta pedra!



REPORT

O comi
"O fado
Em vesp
Figuras

LITERA

A aven
Amador
Inez de
Meu du
Livros

FEMIN

Nos Ba
Quatro
Figurin
Outros

CURIO

A regiã

SECCO

Aconte
A sema
Artes
De Cin
De mú

CARIO

De Bo

NOVE

"Ressu

"Sus
grandes
pois da
"Canção
uma sob
"fans",
express
seu esp
moderno
predica
os leito
portage
já ficou
sação o
driguez
ainda,
desenv
viada o
te Luiz
nossas
fotogrã
pois d
"Ressu

NO
G
CO
SU

E

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 25 --- 23-6-945

REPORTAGENS

O comício Pró-Eduardo Gomes no Pacaembú	3/5
"O fado não é nada disso" — declara Amalia Rodrigues	9/15
Em vésperas de regresso ao Brasil	23/25
Figuras e Fatos	28

LITERATURA

A aventura do tenente ferido (Ellery Queen)	22
Amadores de Arte (A. Boukhov)	29
Inez de Castro (Escragnolle Doria)	30
Meu duelo com Ciniselli (Vitor Rákosi)	32/33
Livros Novos (J. L.)	36/37

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	19
Quatro Modelos	20/21
Figurinos para Noivas	42/43
Outros Modelos	46/48

CURIOSIDADES

A região dos lagos ingleses	16/17
-----------------------------------	-------

SECÇÕES

Aconteceu... ..	7
A semana em revista	8
Artes Plásticas	31
De Cinema (Luiz Serrano)	34/35
De música (Roberto Lyra Filho)	41

CARICATURAS

De Bom Humor	6
--------------------	---

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	49/50
-------------------------------------	-------

NOSSA CAPA

"Susan Peters, considerada hoje uma das grandes revelações do cinema americano, depois daquele seu impressionante trabalho em "Canção da Rússia", merece as honras de uma sobrecapa neste número. Aí a têm seus "fans", a sugestiva "estrêla" da Metro, numa expressão muito personalíssima que traduz seu espírito vivo e atilado, de comediante moderna e também dotada de inconfundíveis predicados de beleza. Neste mesmo número os leitores encontram, além da palpitante reportagem sobre o comício do Pacaembú, que já ficou páginas atrás, uma entrevista de sensação com a cantora portuguesa Amalia Rodrigues, que está de volta ao nosso país, e ainda, além das secções do costume, uma desenvolvida reportagem cinematográfica, enviada de Hollywood pelo nosso correspondente Luiz Serrano. Muitos figurinos para as nossas leitoras, contos e novelas, flagrantes fotográficos dos brasileiros na Europa já depois do término da luta contra os nazistas, e continuação da interessante novela "Ressurreição" completam o sumário da presente edição.



NO PRÓXIMO NÚMERO:

GRANDE EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO
COLABORAÇÕES ESPECIAIS — REPORTAGENS —
SUPLEMENTO EM TRICROMIA — MUITAS PÁGINAS

— Faça reservar desde já o seu exemplar —

Casada
ou
Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**.
Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu...

HÁ QUINZE ANOS

"A PRIMEIRA ILHA FLUTUANTE DO ATLÂNTICO. — Crear ilhas flutuantes em pleno Atlântico é empreendimento que em breve sairá dos domínios da pura imaginação. Por todo este mês deve ser ancorada a 570 quilômetros de Nova York a primeira ilha flutuante destinada a receber os aviões do serviço aéreo transatlântico. O cabo de amarração do peso de 9.000 quilos poderá suportar um esforço de tração de 300.000 quilos. A ilha foi construída em Chesapeake Bay. Otto pontões flutuantes perfeitamente idênticos (a que os norte-americanos dão o nome "seadromes") serão colocados sob a linha aérea Nova York-França.

Medem êles 340 metros de comprimento por 120 de largura e 105 de altura. Êles deslocam, além disto, 30.000 metros cúbicos de água. E a superfície, que ficará vinte e cinco metros acima da linha de flutuação, e por conseguinte ao abrigo das mais altas ondas. Haverá nessas ilhas uma verdadeira povoação em miniatura, composta de hotéis, bars, etc."

Assim se referia a REVISTA DA SEMANA de 19 de julho de 1930 ao projeto da construção de ilhas flutuantes no Atlântico, como campos de pouso intermediários para a navegação aérea entre a França e os Estados Unidos.

Lidas naquele tempo essas linhas representavam um projeto arrojado. Visto hoje esse plano mais não é que uma visão irrisória de um passado longínquo. Quinze anos apenas nos separam dessa era perdida. Quinze anos entre os quais foi edificada a barreira de um cataclisma tremendo, que abalou o mundo durante espaço de tempo seis vezes superior a seiscentos e sessenta dias. E cada um desses dias nos distanciou como os velhos séculos daquele dia do ano de 1930, em que foi lançada ao mar a primeira ilha flutuante. Que grande coisa a aviação! Que grande gênio Santos Dumont! A sua obra fecunda, através dos séculos vindouros, irá marcando a grandiosidade de seu gênio pelos quilômetros cobertos em segundos, pelas regiões ligadas em minutos. Mas ele pagou com a vida o preço de sua bondade. Não podia ver o que aconteceu. Em vez das cidades edificadas em pleno Atlântico por obra de seu invento, a sua máquina genial, transformada em mecanismo diabólico pelos monopolizadores da maldade, arrasou civilizações e soterrou países...

Mas venceu Santos Dumont, do fundo de sua campa do cemitério São João Batista. A vitória sorriu aos homens livres. Hoje as ilhas flutuantes representam para nós algo parecido com as velhas carruagens de nossos antepassados. Mas vive a grande obra de Santos Dumont, perpetuada no milagre dos super-clippers e dos transportes de carga, que cortam o Atlântico e o Pacífico em todas as direções, a milhares de metros de altura. E cada um desses aviões seria suficiente para conduzir no seu bôjo uma das arrojadas ilhas flutuantes de 1930.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A SEMANA EM REVISTA

COMO ADÃO, NO PARAÍSO...



"Foi para mim um dos maiores sacrifícios ter que enviar um de meus ministros a Moscou"... Assim falou Hitler, quando os seus exércitos invadiram a Rússia, denunciando o pacto de não-agressão germano-soviético. Esse ministro de que falara o fuehrer mais não era que o terrível Joakin von Ribbentrop, encarregado de enganar o governo soviético com um tratado que, dois anos depois, seria tido pelo III Reich como mais um pedaço de papel sujo. E eles meteram-se pela Rússia a dentro, esperando uma vitória fácil contra o exército vermelho, que seria liquidado em "seis semanas". Mas as semanas desfilaram morosamente pelo calendário de sangue; as estepes começaram a crescer em frente aos invasores. E um dia os cossacos passearam os seus cavalos pelo pavimento esburacado da Wilhelm Strass. E Joakin von Ribbentrop, alto, espadaúdo, elegante, monóculo no olho, "pirou" heroicamente. Ele não tinha nada com a guerra: fizera tudo sem saber o que fazia.

Ele trouxera sempre no coração essa inocência deliciosa que caracteriza os alemães e que os fazem acreditar em Papai Noel até os 21 anos. O que fizera, fizera e que os faziam acreditar em Papai Noel para se divertir. Portanto o que queria agora, terminada a guerra, era gozar o merecido sossego. E, modestamente instalado numa pensão familiar dos arredores de Hamburgo, o ex-diplomata deixou-se estar em paz com os homens e com os deuses, gozando as delícias de uma cama macia e o amor de uma fraulein loura e deliciosa. Nome trocado, atiradas ao fogo as suas credenciais de ministro, o barão não poderia jamais ser molestado por quem quer que fosse. A sua consciência estava tranquila. O que fizera, fizera sem maldade, pensando no bem. E nada lhe restava, portanto, senão esperar a chegada de Papai Noel.

Há poucos dias porém, à frente de uma patrulha, um tenente inglês bateu à porta de seu quarto. Joakin mandou dizer que não estava. Mas o inimigo entrou-lhe no quarto, pegando-o de surpresa, nú, de monóculo ao olho, comendo uma maçã. O fruto do bem e do mal. O diplomata acabou de mastigar e possuiu-se então de vergonha, vestiu um pijama e foi conduzido à prisão.

TUDO DÁ DINHEIRO NESTE MUNDO!



O que importa — costumam dizer muitos — é fazer fortuna. A origem do dinheiro não interessa. E não interessa porque, fôssemos analisar, com toda calma, de que modo se reuniram certos pecúlios, e nem com o auxílio de máscaras contra gases poderíamos resistir à tarefa. A origem das fortunas construídas à custa da City, por exemplo...

Bem, mas o caso é outro neste instante, nem nos movem questões de aspecto socialista, mas um simples, inocente e bisonho comentário a certo anúncio que os nossos olhos depararam, uma destas gloriosas manhas de junho, num jornal especializado em vende-se, precisa-se e aluga-se. Era vistoso o anúncio, em duas colunas, título em caixa alta e texto em negrito entrelinhado. Dizia assim: "Percevejos de cama. — Compra-se percevejos de cama, vivos, pagando a Cr\$ 0,10 cada um (estudo para um inseticida). Casa tal, rua tal, número tantos, telefone, etc.". Um anúncio aparentemente igual aos demais, de tanta gente que procura investir capital em negócios rendosos,

como a compra e venda de terrenos em Mangaratiba ou a participação nos lucros de uma sociedade para vender penicilina hipotética... Todavia, observando melhor, o anúncio tem seu cunho de originalidade. Não está a originalidade no fato do anunciante mostrar-se disposto a comprar esse nojentoso inseto, mal cheiroso e sugador de sangue. Está, porém, nas explicações cautelosas que nos oferece o texto do mesmo. Há, por exemplo, a preocupação de frisar que os percevejos destinam-se a estudos para um inseticida. Sim, os senhores poderiam imaginar que a Casa Tal estivesse disposta a intensificar uma criação daqueles bichinhos, vendendo-os por bom preço aos amantes da espécie... Outro detalhe: os percevejos devem ser vivos. Porque mortos não adianta. Nem morder podem... E finalmente: percevejos de parede, de roupa, de cabide, de armários não servem. Só mesmo os de cama. Talvez fosse preferível dizer: de colchão. Porque, nesse caso, será mais fácil ao interessado levar o colchãozinho às costas e, em chegando à Casa Tal, de indicador e polegar em riste, ir contando: um, dois, três, dez, vinte, cem...

A razão de dez centavos, quanto colchão poderá salvar as finanças de muita gente "limpa"!

COMPLICAÇÃO ONOMASTICA



Aconteceu em Trás-os-Montes, em Freixo d'Espada à Cinta ou nas províncias d'Além Minho. Já não nos lembramos dos detalhes do telegrama publicado em "O Século", que dava conta do fato. Mas o fato é que o fato aconteceu de fato. Guardamos entretanto na memória apenas as suas linhas gerais, que são, só por si, a revelação de uma dessas pequenas tragédias, no fundo cheias de pitoresco, mas capazes de fazer um cristão perder a paciência e estourar os miolos com um tiro ou beber formidável com cerveja barriguda. Eis o caso:

Joaquim Alves de Souza nasceu há muito tempo. Veiu ao mundo no alvorecer do século, quando Portugal acabava de instituir o serviço militar obrigatório. Os camponeses lusos andavam tremendo como os trigais ao vento, com medo da terrível lei que mandava recrutar os jovens de vinte anos. Foi nesse ambiente de temor pânico que nasceu o nosso

herói. Herói ou heroína? Ninguém o saberia dizer pouco tempo depois, pois o garoto, filho de pais inimigos do recrutamento, havia sido batizado com o nome Joaquina, para se furtar ao sorteio quando lhe chegasse a idade. E Joaquina foi crescendo, vestiu calças compridas, apaixonou-se por uma sacudida cachopa e foi tratar dos papéis para o casamento. Mas teve então que se registrar de novo como "Joaquim" afim de que tudo pudesse correr normalmente. Até aí nada de mais. Mas, mais vinte anos se passaram e hoje, depois de dobrado o cabo das tormentas, com quarenta e um anos no costado, Joaquim, que para as autoridades civis conta entretanto vinte anos de idade, acaba de ser chamado para o serviço ativo do exército português, juntamente com o seu filho, que tem a mesma idade civil que ele, sendo porém vinte anos mais novo. Assim o homem paga agora o erro de seu pai. E o neto com certeza, no quartel, será alvo das galhofas (como dizem os portugueses) de seus companheiros, por ter a mesma idade do pai. Só porque este, sendo Joaquina, teimou em vestir calças. Bem feito! Saia desta agora, "seu" Joaquim.

OS PREDICADOS DE UM SUJEITO



Foi tudo uma questão de gramática: o Tribunal de Segurança Nacional acaba de julgar o réu José Francisco Simões dos Santos, acusado de haver injuriado um dos juizes daquela egrégia corte. Segundo a denúncia, o acusado se havia referido ao magistrado nos seguintes termos: "Esse sujeito é uma besta". Chamado a prestar contas, o suposto desaforado contratou os serviços de um causídico, que conseguiu por fim a sua absolvição, declarando que não se poderia jamais provar o crime de injúria, por isto que o seu constituinte nunca tivera a intenção de ofender o magistrado. Declarou ainda o brilhante advogado, para justificar o seu ponto de vista, que o réu não poderia ter-se referido ao juiz quando disse "esse sujeito", pelo simples motivo de que, estando ele em presença daquele senhor, ele seria por certo "este" e não "esse". Além disto o acusado não poderia, sem incorrer em grave erro, emprestar tão feio predicado a um sujeito íntegro e sereno

como o juiz. O advogado foi habilíssimo e, como já dissemos, logrou a absolvição de seu constituinte. Se o argumento não desse certo, ele com certeza alegaria que o réu havia dito que o juiz era uma "besta", isto é, uma arma poderosa de que se serviam os soldados medievais para ferir os infiéis. Tudo é justificável na advocacia. Mas o causídico preferiu basear-se na gramática e provar que o sujeito da oração não era o juiz e sim outra pessoa qualquer. Além disso, o magistrado, cujos predicados morais eram do conhecimento público, não poderia por certo admitir a existência de um espírito tão mesquinho que o taxasse de "sujeito". Assim, comprovados os predicados do juiz e ignorado o sujeito a quem se referia o réu, terminou a sessão a contento de todos. E todo mundo continuou sem saber quem era o tal a quem o acusado chamara besta. Não era o juiz, não era o advogado de defesa, não era ninguém. O sujeito continuava oculto. E oculto permanece até agora. Como se vê, ambas as partes ficaram satisfeitas. E foi tudo uma questão de gramática. Mas a nossa curiosidade de jornalista nos leva agora a uma pergunta: quem será o sujeito da oração? Será o Benedito?

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2822; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7886.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 209 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 52 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



Fala Amalia Rodrigues:

“O FADO NÃO É NADA DISSO”

UMA PEQUENA DE LISBOA CANTA PARA OS PORTUGÊSES DO RIO — HERDEIRA DAS TRADIÇÕES DA SEVERA — OS ÚLTIMOS REDUTOS DO VERDADEIRO FADO EM LISBOA — MADRID, SEVILHA E BARCELONA OUVIRAM A MÚSICA DA MOURARIA — HISTÓRIA DE UMA VOZ QUE INSPIROU TOUREIROS

Escreveu Celius Aulicus

Fotografou Arnaldo Vieira

EXISTE, sim, um outro Portugal, escondido atrás dos cartazes de turismo, edificado muito além das colunas de “O Século”, o Portugal da arte e da poesia, que anda nas noites claras de luar de guitarra em punho, cantando fados sentimentais pelas ruas tortuosas da Madragoa e do Bairro Alto. Esse Portugal, de que não nos falam os telegramas oficiais, guarda em si todo o velho encanto das serenatas líricas cantadas à beira do Mondego, quando os estudantes em bando iam pelo Choupal afora, atirando endeixas às janelas das “tricanas” adormecidas. E esse país perdido atrás dos anos de desassossêgo, é restituído agora aos portugueses pela voz dolente de Amalia Rodrigues, herdeira legítima da Severa, alma dos velhos bairros da boemia lisboeta, que atravessou o oceano no bôjo de um “Clipper”, para trazer aos seus patrícios do Brasil uma mensagem de saudade e de poesia, cantando entre ais nostálgicos ao som da guitarra chorosa.

Quando, vencendo a timidez e a modéstia da cantora, que desde criança tem um medo pânico da publicidade, conseguimos entrevistá-la em seu apartamento, de Copacabana, fomos encontrar ali, não uma portuguesa típica do Bairro Alto, mas, muito ao contrário,

uma morena brasileiríssima, de cabelos negros e faces trigueiras, acariciada pela brisa do Atlântico Sul, queimada pelo sol do Pôsto 3. Ela veio, viu, achou bom e se acimatou. Ainda não faz um mês que pisou terra brasileira e já se habituou à nossa vida de cidade cosmopolita: acostumou-se a viajar nos “lotações” super-lotados, locomover-se no meio das multidões apressadas na rua do Ouvidor, lutar para conseguir um lugar em pé num ônibus da Light. Mas, no meio deste borbórinho barulhento de cidade americana, Amalia Rodrigues não deixa de pensar no seu velho Portugal e traz consigo constantemente a nostalgia do Bairro Alto e da Mouraria; a saudade das ruas de Lisboa, que vivem ainda cheias de sua voz e da poesia maravilhosa de seus fados saudosos.

ERA UMA VEZ UMA LINDA MENINA

E’ Amalia Rodrigues que nos fala saudosamente de sua vida:

— Quando eu era pequenina já cantava. Ouvia na rua os cantores populares e as guitarras soluçantes. Aprendia mal as letras e ia repetindo os fados que me enchiam a ca-

beça. E me identifiquei de tal maneira com a música de minha terra, que não havia minuto em que não estivesse cantando o fado. Todos gostavam de minha voz. E os de casa, como é natural, ficavam orgulhosos de mim. Isto aconteceu em Lisboa, há muito tempo. E quando eu fui crescendo, como acontece em todos os países com as meninas “que sabem cantar”, era solicitada a mostrar a minha voz a quanta festinha familiar comparecia. Foi então que a minha família, principalmente os meus pais, começou a “dar o contra”.

Quando Amalia Rodrigues falou em “dar o contra”, surpreendemo-nos de ouvir aquele brasileiro na boca de uma lusitana. Mas ela continuou a falar com o seu sotaque quase imperceptível:

— A princípio houve uma luta amistosa entre mim e os meus. Mas eles foram se conformando com a sorte, e eu me dedicava, cada vez mais ao fado. O fado era para mim como o próprio pão, como o ar que eu respirava. Nunca pensara, entretanto, em fazer dele uma profissão. Cantava pela alegria de cantar; cantava porque a poesia das letras e a melancolia das músicas dos fados me apaixonavam. Eu me prendia amorosamente a todas as lendas românticas dos velhos fadistas da Mou-

raria, de Alfama, do Bairro Alto e da Madragoa. E continuava a cantar...

"Nunca pedi a ninguém que me lançasse como cantora profissional. Mas um dia, cantando numa festa íntima, fui "descoberta" pelo empresário do "Retiro da Severa", uma das casas onde ainda se cultiva o genuíno fado.

"AQUI NÃO SE CONHECE O FADO"

— Mas existe um fado genuíno?

— Claro que existe. O verdadeiro fado não é nada disto que os brasileiros ouvem através do rádio e em gravações. O fado mesmo, o fado da Mouraria, que os poetas do bairro vão lançando nos "retiros" e pelas esquinas, este raramente sai de Lisboa. É alérgico às viagens. É por isto que eu quero mostrá-lo agora aos brasileiros. Venho trazer, também, com ele, uma mensagem de saudade e recordações aos meus patrícios que residem no Brasil. Trago para aqui o verdadeiro fado da Mouraria, da Madragoa e do Bairro Alto, onde estão os últimos redutos da boemia artística de Lisboa.

— Mas a senhorita não canta o fado de salão?

— Não existe, em verdade, o fado de salão. Existem paródias de fado, músicas mal arranjadas com letrinhas inconsequentes, que se apresentam hoje em todo o mundo como sendo o fado. Este porém é mais que isto: é o próprio retrato da alma lisboeta passado para a pauta musical. O que o senhor chama fado de salão não é, pois, nada mais que um arranjo feito às pressas por um compositor

mediocre, ansioso pelos proventos da gravação e das irradiações.

E Amalia Rodrigues queixa-se agora das letras dos fados que são difundidos no Brasil:

— Ao contrário dos outros cantores portugueses que por aqui têm aparecido, eu não lanço esses fados chorões, cujas letras são tremendos dramalhões rimados. Mães tuberculosas, filhinhos atropelados já não interessam. Também essa exaltação patriótica exagerada não é o meu gênero. Canto o fado verdadeiro, que me foi ensinado pelos cantores de rua nos bairros populares de Lisboa. Canto histórias ligeiras de amor, coisas alegres ou tristes, aspectos da vida dos bairros pobres de minha cidade. E essa espécie de música não é só compreendida pelos portugueses. Já por diversas vezes cantei o fado na Espanha e penso, levando em conta os aplausos, que ele agradou.

O BRASIL RECEBE O FADO

Agora Amalia fala de sua estréia no Casino Copacabana:

— Cantei com medo, olhando a fisionomia de todos os que me escutavam. Quando acabei estrugiu a ovação. Pensei comigo que todo o auditório era composto de portugueses e comecei a temer os dias futuros, em que os brasileiros enchessem o "grill". Mas seguiram-se os dias e o fado continuava a fazer sucesso. E agora posso afirmar que a música popular de Lisboa venceu no Brasil.

— Por que é que a senhorita, sempre que se refere ao fado, diz "música de Lisboa" e não "música de Portugal"?

— Pelo simples motivo de que o fado é

de Lisboa e não de Portugal. Existem os "vires" do Minho e de outras regiões. Existe o fado de Coimbra, uma variação do original. Mas o fado mesmo, o fado "no duro", para usar uma expressão brasileira, este nasceu na Mouraria e tem ali seu quartel general. Mas isto não impede que ele vingue em qualquer parte do mundo.

"Como já disse, tenho cantado fora de Portugal, tanto na Espanha como no Brasil. Canto em castelhano, canto em inglês. Mas o fado só o canto em português, pois não há tradução possível para a música natural da Mouraria. O fado não é nada disto que se tem cantado no Brasil. Digo e repito: ele é a própria alma sonora dos bairros de Lisboa, e só pode exprimir os sentimentos do povo que os habita. E não pode haver para ele estilizações ou arranjos. O fado é a minha música. Não posso admitir portanto que ela seja deturpada. Que outros cantem as imitações. Eu ficarei no fado genuíno. Que outros forjem os "fados de salão". Eu cantarei o fado da Mouraria onde quer que me encontre. Se nos salões o meu fado não agradar, paciência...

HERDEIRA DA SEVERA

Abrimos aqui um parêntesis em nossa conversa com Amalia Rodrigues, para falar um pouco da personalidade dessa original artista portuguesa:

Nasceu, como já dissemos, em Lisboa. Nunca aprendeu a cantar com os outros. A música foi-lhe entrando pelos ouvidos e tomando todo o seu ser. Nasceu para cantar o fado. Herdeira das gloriosas tradições artis-

Café com leite pela manhã. Amalia Rodrigues está hoje perfeitamente adaptada aos hábitos cariocas. A sua alimentação é inteiramente brasileira e ela vive como qualquer brasileira de Copacabana. O fotógrafo surpreendeu-a quando fazia a primeira refeição em companhia de sua irmã mais nova, Celeste Rodrigues, que já fez também a sua estréia como cantora e que vai aparecer ao lado dela em "A Rosa Cantadeira". Ambas são artistas modestas e detestam o exibicionismo cabotino tão característico dos cantores populares. Mas têm confiança nas suas qualidades, como se vê pelos sorrisos que trazem sempre nos lábios



licas da Severa, essa figura quase legendaria de Lisboa, cigana formosa e insinuante, que encheu com a sua vida muitos anos na vida da Mouraria, Amalia Rodrigues é hoje para a música popular portuguesa o que era no século passado essa extraordinária mulher. Desde cedo o fado a cativou. E veio cantando pelos anos afora, até que um empresário descobrisse e a levasse a um dos "retiros" de Lisboa, cafés-concertos que conservam até hoje as velhas tradições do tempo da alegre boemia que encheu o fim do século em Portugal. E a figura de Amalia Rodrigues, que começou a sua carreira artística ainda muito jovem, foi se tornando largamente conhecida entre os frequentadores do "Retiro da Severa", do "Retiro dos Marialvas" e de outras casas do gênero, como o era há anos a popular Severa famosa na "Feira de Agosto" e no "Colete Encarnado". E pouco depois a sua voz maravilhosa, a expressão e o sentimento de suas canções fizeram-na maior que Alfredo Marceneiro, o rei do Fado. E não havia então festa, pública ou familiar, em Lisboa onde não fôsse solicitada a presença da querida cantora. Conta-nos, aliás, Amalia que sempre lhe faziam uma perfidiazinha a que ela nunca perdoou: a todas as festas realizadas em casa de suas amigas, comparecia atendendo ao convite a que sempre se seguia a explicação: "Você pode ir, que não é para cantar não". E a moça quando chegava à festa encontrava sempre ali, à sua espera, um guitarrista pronto a acompanhar as suas canções. Ela já era então uma cantora profissional. E o fado, que antes fôra a sua diversão, era agora o seu meio de vida. Mas nunca Amalia Rodrigues negou-se a cantar, onde quer que fôsse pedida uma canção sua. A sua voz maravilhosa ecoou pelos jardins dos velhos palácios da capital portuguesa, as quintas dos arredores se encheram com a melodia de seus gorgoros. Ela estava sempre em todos os lugares onde havia uma festa tipicamente lisboeta. A graça de seu sorriso iluminou o solar de condes e marqueses.

EM VÉSPERAS DE CORRIDAS

Uma das mais tradicionais festas de Lisboa é ainda, sem dúvida, a tourada. Quando se realiza uma grande corrida de touros na capital lusa, acorre, desde muitos dias antes, à cidade uma multidão de curiosos, e vêm de longe, para participar do certame, dezenas de toureiros, "picadores", "banderilleros" e "matadores", que enchem os hotéis de luxo e fazem convergir para as suas pessoas todos os olhares da urbs. Uma coisa é a Lisboa dos dias comuns, e outra coisa muito diferente é a Lisboa das vésperas de touradas. Então a cidade vive em festa, as ruas se enchem de multidões alegres, e são apontadas no Chiado as figuras elegantes dos célebres heróis da arena.

E à noite, antes e depois de suas façanhas sensacionais, reúnem-se os toureiros nas festas dos grandes de Lisboa, que congregam em seus palacetes o que há de mais famoso na cidade. E de volta a seus países os "matadores" mexicanos e espanhóis levam da velha cidade as mais gratas recordações. Mas de todas elas a mais grata é a saudade da voz de Amalia Rodrigues, que sempre é apresentada em Portugal aos toureiros de fora como a mais bela de todas as curiosidades da terra. E ela, nos jardins dos palacetes solarengos, acompanhada pelos mais famosos guitarristas de hoje, inspirou a muitos "matadores" destemidos, com as endexas quentes de seus fados. Eles, com a melodia da voz de Amalia a lhes vibrar ainda nos ouvidos, investiam a lhes vibrar ainda nos ouvidos, investiam serenamente para os touros, sem medo das aspás agressivas que vinham ao seu encontro, ameaçadoras como lanças.

Foi assim que a bela cantora inspirou muitos toureiros que se exibiram em Lisboa.



Está na hora do ensaio. Isto aqui não é Lisboa, onde as distâncias são curtas e os "retiros" ficam pertinho de casa. E preciso entrar na fila do ônibus, permanecer em pé meia hora no meio fio, para acabar tomando o auto-alojamento para a cidade. Amalia Rodrigues se apressa para o trabalho. Já fez a toilette, pôs o que necessitava na bolsa. Escolhido o sapato, trata agora de calçá-lo. Mas os furos da correia a atrapalham: prendendo a fivela no direito, o sapato aperta; no esquerdo, fica folgado de mais. Troquemos pois de sapato. Não: um minuto, por favor. E a lâmpada estourou.

E foram eles que levaram o seu nome a Madrid e à Cidade do México, como a própria personificação da música popular portuguesa.

O FADO VAI A MADRID

E assim Amalia Rodrigues foi se tornando conhecida no estrangeiro. Quando ela esteve em Madrid, já ali chegara muito antes o eco de sua glória. Mas esta cresceu e se fez grande, cobrindo toda a Espanha, de S. Sebastian a Bilbao, de Sevilha a Barcelona.

Quando Amalia cantava em Madrid, os

"grills" se enchiam. Os espanhóis corriam a ouvir a música portuguesa, que passaram a amar com o mesmo entusiasmo que os lisboetas. E a cantora estendeu suas visitas à Espanha, à Catalunha e à Andaluzia, onde todos também queriam ouvi-la.

Muitas vezes lhe bateram à porta os jornais, para que a sua figura de mulher bonita ilustrasse uma nota artística ou uma reportagem mundana. Mas a moça mostrou-se sempre arredia e avessa à publicidade, atrás da qual sempre correm os artistas. Mas mesmo assim as críticas dos jornais espanhóis que

Recordações de Madrid... Perfumes mouriscos fabricados com as madeiras resinosas da Arábia. Amalia pulveriza o líquido perfumado nos cabelos, sentindo saudades da Espanha, de onde trouxe o pequeno frasco de extrato. Recordações de Madrid... Saudades da Espanha...

falam de sua arte e de sua pessoa, são sempre elogiosas.

Amalia Rodrigues voltou a Portugal. Trouxe para sua terra, em troca do fado que levava a Madrid, um vasto repertório de canções populares espanholas, que lançou em Lisboa com grande sucesso. E passou então a ter duas personalidades: Amalia que canta em espanhol e Amalia que canta fados. Sim, pois ela, quando entoava uma estrofe nascida da inspiração de um poeta da Mouraria, não é, como disse um de seus críticos, uma mulher que canta: é a própria alma portuguesa feita canção.

ATRAVÉS DO ATLÂNTICO, A CINCO MIL METROS

Mas não bastava para a cantora a glória de sua consagração em Lisboa e Madrid. A América reclamava-a. Ela tinha que trazer a alegria de sua presença aos seus irmãos do Brasil que, longe das plagas natais, longe do velho berço do fado, sentiam aqui a sua ausência como a própria ausência da pátria saudosa. E ela veio. Atravessou o Atlântico no bôjo de um "Clipper", a cinco mil pés de altura. Chegou e venceu. Cantou no Rio de Janeiro para os portugueses e para os brasileiros. Ouvimos através de sua voz a música dos realejos, que nas tardes mansas de domingo correm as ruas dos bairros pobres de Lisboa vendendo melodias a preço de sorves. Nos versos que ela cantou vibrava toda a alegria dos brinquedos de roda das meninas de Mouraria e de Madragoa.

Os portugueses choravam ao ouvi-la. A saudade lusitana, guardada em todos os corações imigrantes da gente lusa, transbordava em lágrimas dos olhos dos ouvintes de Amalia Rodrigues. E ela cantava, embevecida também pela melodia do fado saudoso, que contava histórias da terra distante, jardim plantado do outro lado do oceano imenso.

Mas um dia a cantora teve que regressar a Portugal. E os portugueses que ficaram, além da saudade da família, tinham então também saudade de um outro ente querido. Tinham saudade de Amalia Rodrigues, retrato musical de sua pátria, que Portugal lhes mandara como recordação no bôjo de uma aeronave.

E Amalia Rodrigues se foi. Isto aconteceu em fins do ano passado. Da passagem da cantora pelo Rio ficara uma grande nostalgia na alma de todos os portugueses que aqui moram. E foi essa saudade que reclamou novamente a presença de Amalia em nossa terra.

Agora ela está de volta. Os quatro motores do "Clipper" conduziram-na de novo através do Atlântico, para contar ao povo do Brasil as histórias alegres ou tristes do Bairro Alto.

E aqui novamente encontrou o entusiasmo de todos quantos tiveram a ventura de ouvi-la.

A sua voz enche de novo o coração dos velhos imigrantes, reavivando recordações embaçadas pelo tempo. A sua grandiosidade enche os teatros onde canta, a sua arte enche o Rio de Janeiro.

INIMIGA DAS MANCHETES

Agora Amalia Rodrigues volta a falar:

— O senhor não se zangue, mas não gosto de jornais. Tenho um medo terrível de fotógrafos e reporters. Em Portugal um jornalista

De avental, com um sorriso nos lábios, a cantora prepara uma fritada para o almoço. A chaleira está cheia de água para o café. Para mostrar que já é uma perfeita carioca, Amalia Rodrigues conta também, no seu apartamento, com a falta de empregadas.





Deixamos Amalia Rodrigues na praia de Copacabana. Ela olhou por algum tempo o horizonte longínquo e pôs-se a desenhar nomes na areia. A bela morena do Bairro Alto vive hoje identificada com as multidões femininas de Copacabana e só quem a conhece poderá dizer, vendo-a assim, que ela tenha nascido longe do Rio. A cantora adora a praia e as paisagens do nosso litoral, e o sol brasileiro já fez com que a sua pele adquirisse a tonalidade standard das morenas cariocas. Amalia Rodrigues raramente dá autógrafos e poucas vezes envia fotografias aos "fans". Aqui entretanto a vemos assinando o seu nome com as unhas esmaltadas na areia branca de Copacabana.

escreveu mesmo as aventuras em que se meteu para me localizar, sem ter afinal conseguido nada. Isto, aliás, acontece frequentemente na Europa. Ali, muitas vezes, encontramos artistas famosos que nunca apareceram nos jornais, a não ser nas secções especializadas, assim mesmo nas críticas. Não se vê no Velho Mundo, entre artistas, essa corrida louca para os noticiários que caracteriza a luta pela popularidade aqui na América. Em verdade, posso dizer que estranhei muito o próprio feitio dos jornais brasileiros. Em Portugal e Espanha nunca havia visto títulos tão grandes.

E Amalia Rodrigues fala dos "zincos" das nossas manchetes:

— Que tamanho de letras!

— Mas a senhora não sabe por certo que o prêmio máximo que a América reserva a uma artista é reproduzir o seu nome nessa espécie de letras?

— Já me informaram disto. Sei que aqui as coisas são outras. Mas não posso modificar o meu feitio. Tenho medo das lâmpadas de magnésio e sinto-me oprimida quando vejo a minha fotografia nos jornais.

Aproveitamos a deixa para um galanteio idiota:

— Pois nós ficamos encantados.

— E' bondade do senhor. Eu, por meu lado, não me adapto a esse sistema de cabotinismo exagerado. Se me publicam uma boa nota, claro que fico agradecida. Mas nunca pedi, como muitos, a crítica favorável de um

jornalista. E considero isto "feito que nem bater na mãe".

Amalia pede desculpa da expressão e explica a sua origem:

— E' uma frase muito conhecida em Lisboa. Quer dizer: "feito p'ra xuxú". Mais até do que p'ra xuxú". O senhor não acha que é de fato muito feito "bater na mãe"?

— Naturalmente que achamos. Mas esperamos que a senhorita vença o seu horror aos fotografos e fique de perfil.

Amalia Rodrigues ficou de perfil. A lâmpada estourou e a sua silhueta, recortada contra um arranha-céu de Copacabana, ficou gravada no celulóide. Flagrante de dois continentes fixados pela câmera...

A FILIAL DE AMALIA

Estávamos nesse ponto da conversa, quando apareceu na sala uma moça muito parecida com a nossa entrevistada. Esta nos apresenta a recém-chegada:

— Minha irmã, Celeste Rodrigues.

— Também canta?

— Canta. Está começando agora. Mas parece que a coisa vai pegar. Celeste já fez a sua estréia como cantora e brevemente trabalhará comigo no palco.

— E nenhuma das duas pensa em entrar para o rádio?

E' Celeste quem responde agora:

— Eu nem minha irmã jamais pensamos em enfrentar o microfone. A nossa vocação é

para o teatro e é este que nos seduz. Amalia considera muito mais belo demonstrar a sua arte diante do público, receber os aplausos e perceber as emoções de cada um de seus ouvintes, que levar sua voz ao auditório através das ondas hertzianas.

— Por que então não experimentam nem as gravações?

— Também de discos Amalia não gostava. Agora porém, por solicitação de muitos amigos, resolveu gravar algumas de suas criações. E penso que outras virão.

— Então pretende ficar apenas nos seus programas do Casino? — indagamos a Amalia.

E ela:

— Não. O casino, naturalmente é a minha ocupação de todos os dias. (Amalia fala "cazino", como todos os portugueses.) Mas brevemente estarei no palco. No Teatro República estreará dentro de pouco tempo uma companhia de operetas e revistas portuguesas. A primeira peça a ser representada é justamente "A Rosa Cantadeira", opereta de Amador do Vale com partitura de Frederico Valerio. Nela me pertencerá o papel central. E estou satisfeita em representá-lo, por isto que a opereta é a história musical traçada em torno da vida de uma fadista de Lisboa. Os cenários representam as ruas dos velhos bairros de minha cidade, e cantando nesse ambiente é como se eu regressasse por alguns instantes à Lisboa. Além disto, concorre para a minha alegria o fato de que a minha irmã terá sua oportunidade nessa opereta. Se ela fizer

sucesso, só isso compensará os esforços que empreendi para chegar ao Brasil. E quando voltarmos a Portugal teremos em Celeste outra fadista.

PROJETOS E RABISCOS NA AREIA

Continuámos o nosso diálogo com a mais popular cantora de Portugal:

— Quer dizer que o seu projeto é regressar em breve. Não tem vontade de fazer cinema?

— Tenho e não tenho. Já fui aliás convidada a tomar parte em películas portuguesas, mas não o fiz por achar que o nosso cinema ainda está fraco. Não me interessa aliás pela filmagem com relação à minha pessoa. Tenho entretanto uma ambição: representar

"Rosa, a Cantadeira" na tela. Talvez venha a fazê-lo através de um filme brasileiro.

— Mas o cinema americano não a seduz?

— Não penso por enquanto na América. Aliás, como já disse, o fado traduzido ou adaptado perde por completo o seu sabor e deixa de ser uma expressão da música popular portuguesa. E, como o nosso idioma é ainda bastante desconhecido nos Estados Unidos, acho que eu ali não seria compreendida. Portanto não penso ainda na América. Penso, sim, no México. Ali tenho alguns amigos, toureiros e empresários, que me afirmaram várias vezes que a minha música seria bem recebida em seu país. Mas tenho o México como um projeto relativamente remoto. Por enquanto fico no Brasil. Estou gostando do Rio, de suas praias, de sua gente. Já me adaptei à vida

da cidade. E se "E" a Rosa Cantadeira" fizer sucesso, então estarei completamente feliz.

Amalia Rodrigues calou-se. Descemos o elevador do edifício onde ela reside. A cantora nos acompanhou até à praia. Despedimo-nos. E enquanto esperávamos o ônibus observámos ainda a sua figura serena destacada contra o azul do mar, rabiscando a areia do Pôsto 3, com o olhar perdido ao longe. Saudades do Estoril e de Cascais, com certeza.

E lá ficou Amalia Rodrigues na areia branca do Pôsto 3, desenhando sobre a praia, com a ponta das unhas esmaltadas, nomes, lembranças, versos saudosos. A saudade da Pátria distante a acompanha por onde quer que ela vá e, embora já seja agora uma carioca típica nas atitudes, na maneira de vestir, ela conservará sempre o seu traço lusitano na arte inimitável de suas canções, no sentimento saudosista de sua voz. No teatro, no casino, através de suas gravações a jovem cantora estará sempre presente nos lares portugueses do Rio, como uma carta da terra natal, uma mensagem da pátria...

A sua voz traz para os portugueses do Brasil a presença nostálgica dos dias de estio ibérico, quando as crianças brincam de roda nas calçadas do Bairro Alto e a música dos realejos enche de alegria as ruas estreitas da Madragoa. E os velhos lusitanos, que aqui só encontravam um lenitivo para a sua saudade inata no paliativo do fado falsificado que lhes era proporcionado pelos cantores improvisados, vêem em Amalia algo diferente, como que um pedaço da alma da Mouraria que se destacasse e viesse através dos mares falar de perto aos seus corações portugueses.

Ela traz consigo um repertório copioso de canções tipicamente lisboetas, que representam um presente magnífico aos portugueses, cansados já de verem deturpada a mais alta expressão de sua música popular, fartos há muito tempo dos arranjos e adaptações a que os musicistas vêm submetendo o fado genuíno.

Este, como diz a própria cantora, só poderá ser considerado mesmo como fado se for cantado com o sotaque das gentes dos bairros pobres de Lisboa, com as músicas e as letras originais, com a entonação própria daqueles que os improvisaram numa esquina suburbana, ao som de uma guitarra dolente. Assim é o fado. E fora disso ele será apenas um arranjo musical sem expressão sentimental, feito tão somente no intuito de encher os programas de rádio.

Como muito bem disse Amalia Rodrigues, o fado não é nada disso. Um povo, representado pelos seus elementos mais característicos — pescadores, marinheiros, estivadores, etc. — não iria criar uma espécie de música no intuito de contar para o mundo inteiro pequenas tragédias domésticas, que falam de crianças atropeladas ou de mães tuberculosas. Não. O fado de Amalia Rodrigues para nós é algo diferente do fado, simplesmente porque ainda não ouvimos, até à sua chegada ao Brasil, a verdadeira música lisboeta. Mas agora sabemos que a sua música é a que realmente representa o fado. E o que se tem feito até aqui é uma tentativa de adaptação da música portuguesa.

Mas, pelo mesmo motivo que o samba não pode usar abrigo de peles, o fado também não se poderá acostumar às camisas listradas e aos chapéus de palha. Se quisermos aceitá-lo temos que compreendê-lo como ele é: vestido à boa maneira dos boêmios da Mouraria.

Vencendo o seu medo das câmeras, a artista posa para o fotógrafo na varanda do seu apartamento. A objetiva se abre e a silhueta de Amalia Rodrigues, desenhada contra o fundo claro de arranha-céu de Copacabana, fica gravada no celulóide. Fiagante de dois continentes...



izer
s o
ora
nos.
mos
ra o
o 3,
s do

reia
raia,
mes,
e da
quer
ca-
estir,
tano
enti-
o, no
ovem
por-
a na-

es do
estio
roda
a dos
strei-
t, que
a sua
ficado
es im-
rente,
uraria
mares
uêses.
oso de
resen-
uêses,
is alta
tos há
a que
nuino.
só po-
se for
pairros
letras
queles
burba-
Assim
um ar-
tal, fei-
os pro-

rigues,
presen-
rísticos
es, etc.
sica no
peque-
e crian-
culosas.
ara nós
te por-
chegada
ta. Mas
ue real-
em feito
da mú-

nba não
ém não
radas e
aceitá-lo
vestido
ria.



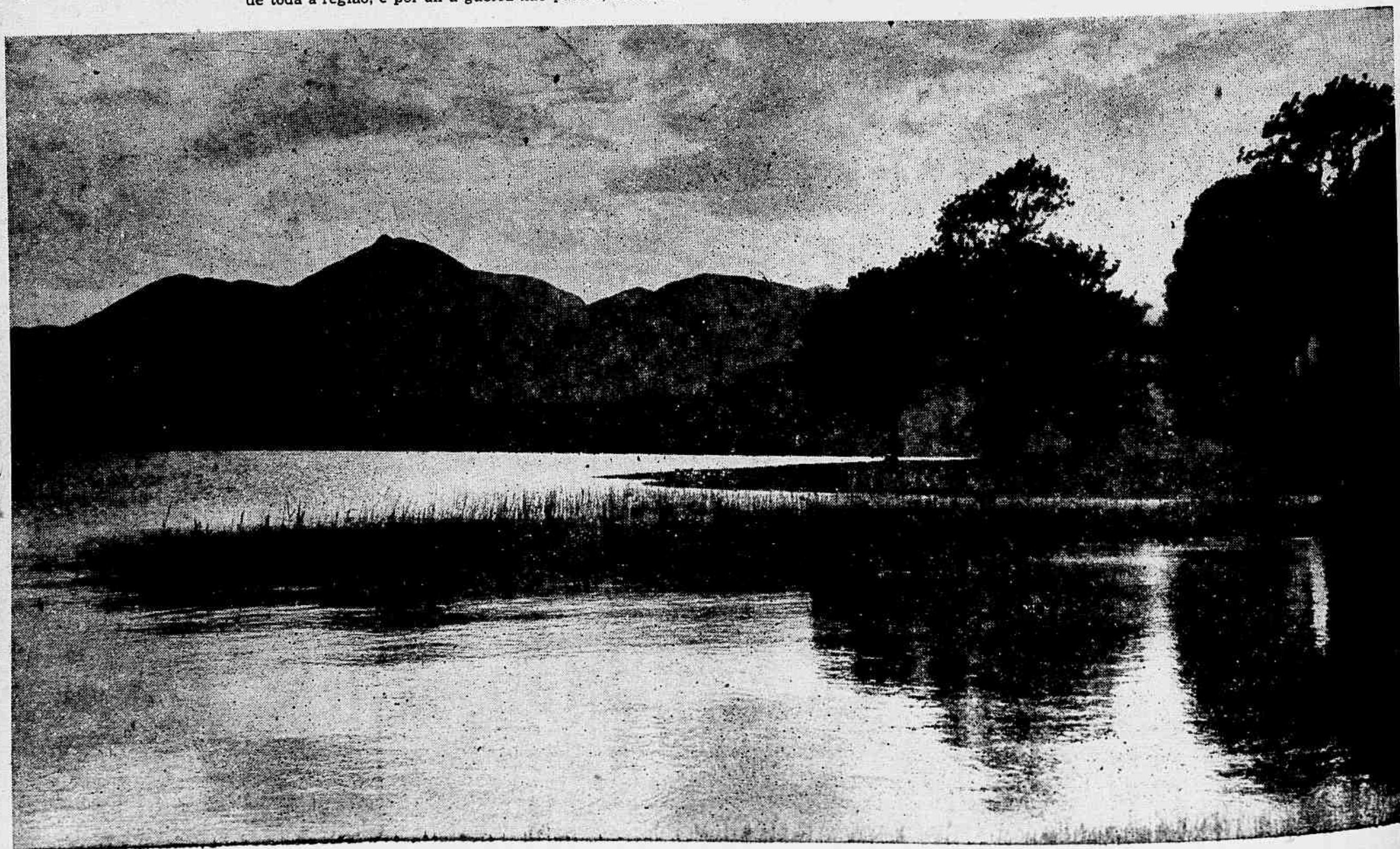
Amalia Rodrigues já se acostumou ao nosso clima. Toma banho de mar em Copacabana e a sua pele já está tostada pelo sol do pôsto 3. Ninguém, vendo-a na rua, pode adivinhar que ali vai a mais popular cantora de Lisboa. O seu aspecto é de uma praiana bonita do litoral atlântico do Rio; ela está transformada numa morena típica de Copacabana. Quando a visitámos fazia uma manhã fria, vinha do mar uma brisa cortante. Amalia Rodrigues entretanto não sentia frio. Acostumou-se no clima temperado de sua terra, e esse inverno esquisito do Brasil, que chega em junho, não é para ela mais que um pouco de falta de calor. Mesmo assim convem sempre um paletot de peles, para que não se diga que ela não segue a moda carioca. Ela tira do guarda-roupa o abrigo que aguentou o frio cortante do Chiado, e vestida com ele passeia pela avenida Atlântica, batida pela brisa que ela não segue a moda carioca. Ela tira do guarda-roupa o abrigo que aguentou o frio cortante do Chiado, e vestida com ele passeia pela avenida Atlântica, batida pela brisa que ela não segue a moda carioca. Ela tira do guarda-roupa o abrigo que aguentou o frio cortante do Chiado, e vestida com ele passeia pela avenida Atlântica, batida pela brisa que ela não segue a moda carioca.



As belezas da região dos lagos, na Grã-Bretanha, têm sido cantadas por poetas e prosadores. Os que não as conheceram ainda não sabem o que estão perdendo, porque nem tudo é árido e monótono na terra de Churchill. Veja-se este panorama. Uma velha ponte atravessa o regato Mosedale Beck, que corre pelo vale Wasdlale Head, a nordeste do lago Wastwater. Alguma coisa de repousante e convidativo para um demorado descanso, depois de uma semana londrina de atividades.

A REGIÃO DOS LAGOS INGLESES

Recantos do mais puro romantismo, pedaços da região dos lagos que parecem ter sido feitos pela mão de Deus para darem paz e consólo aos habitantes das grandes cidades, são frequentes nesses lugares. O cair da tarde, no lago Derwentwater, que se vê na ilustração abaixo, vale por um atestado naquele sentido. Derwentwater é um dos mais belos lagos de toda a região, e por ali a guerra não passou, deixando assim que a natureza continuasse perene de beleza e paz.



17

Aldeias típicas inglesas, cujos habitantes são homens pacatos, acostumados à quietude do lugar. Olham as montanhas com olhos de velhos amigos e vão galgá-las nos fins de semana, dando trabalho às pernas, para manter os músculos elásticos. Aqui está uma vista da aldeia de Kelswick, nas proximidades do lago Derwentwater, sobressaindo, como nas paisagens semelhantes do Brasil, a ponteaguda torre de uma igreja.

As opiniões divergem muito sobre os atrativos da paisagem inglesa. Alguns preferem as regiões baixas e de amplos horizontes de East Anglia, outros preferem a costa rochosa de Cornwall; mas poucos são os que não se rendem ante a beleza pitoresca da Região dos Lagos. Os lagos, como as montanhas, são pequenos em comparação com os da Escócia, mas nem por isso deixam de ser majestosos.

Apesar de sua área relativamente pequena (pouco mais de trinta milhas quadradas), este recanto ao nordeste da Inglaterra apresenta uma deslumbrante variedade de cenário. Não é de admirar que os turistas se recordem deste mundo em miniatura como um pedaço isolado do resto da Inglaterra.

De um modo geral a vegetação é luxuriante, formando um fundo suave onde sobressai o colorido brilhante das flores na primavera e no verão. Essa riqueza de vegetação é devida aos longos períodos de chuva — e, de fato, a aldeia de Seathwaite em Borrowdale é conhecida como "o lugar mais chuvoso da Inglaterra". Mas em tempo seco o ar é puro e límpido; e nenhum outro cenário é capaz de apresentar contrastes tão vivos como, por exemplo, o cume das montanhas brilhando sob os raios do sol que despenca através da compacta neblina.

Diversos caminhos e estradas vão dar a esta encantadora região. A estrada que parte do sul passa pelo maior lago da Inglaterra. O lago Windermere tem mais de dezesseis quilômetros de comprimento mas é muito estreito, pouco mais de um quilômetro. As suas margens densamente arborizadas oferecem recantos tranquilos e repou-santes.

O Ullswater, com o imponente Pico Helvellyn em suas cercanias, foi comparado ao lago Lucerna na Suíça, e o entusiasmo do turista aumenta a cada instante com as vistas que se sucedem e as graciosas curvas do lago por entre as montanhas. Além do Helvellyn encontra-se o pequeno lago de Thirlmere, de onde sai um aqueduto com 161 quilômetros de comprimento, que abastece a grande cidade industrial de Manchester. Mais ao oeste encontra-se o Derwentwater, com suas encantadoras ilhas. Talvez nenhum outro lago apresente paisagens tão deslumbrantes como este — é cercado ao norte pelo monte Skiddaw e pelo vale de Borrowdale, que leva aos picos do Scafell (978 metros de altura) ao sul. Existem inúmeros outros lagos nas cercanias das montanhas Cumberland e Westmorland, nenhum deles medindo mais de dez quilômetros, mas todos com uma beleza própria.

O turista que não escalar uma das montanhas não poderá apreciar a beleza da Região dos Lagos em toda a sua pujança. Felizmente todas as encostas são perfeitamente acessíveis a um turista resoluto.

Os habitantes destas regiões montanhosas são geralmente pastores. Essa gente alegre e trabalhadora empresta uma nota pitoresca à magnificência do panorama. Entre as muitas festas que organizam durante o ano, destaca-se a competição entre os cães de pastores, em que estes animais são submetidos a difíceis provas de inteligência e agilidade.

Mas este recanto romântico da Região dos Lagos também possui associações literárias e esportivas. William Wordsworth, um dos mais famosos poetas laureados da Inglaterra, passou a maior parte de sua vida em Grasmere não se cansando de louvar a majestade da paisagem que ele tanto amava. Muitos outros homens e mulheres de letras encontraram nestes lagos e montanhas um santuário de beleza; entre eles podemos citar Southey e Coleridge, o prosador de Quincey e o grande crítico artístico John Ruskin. E desta forma as belezas da Região dos Lagos foram cantadas para aqueles que ainda não tiveram a ventura de conhecê-la.

AUGUSTUS MUIR

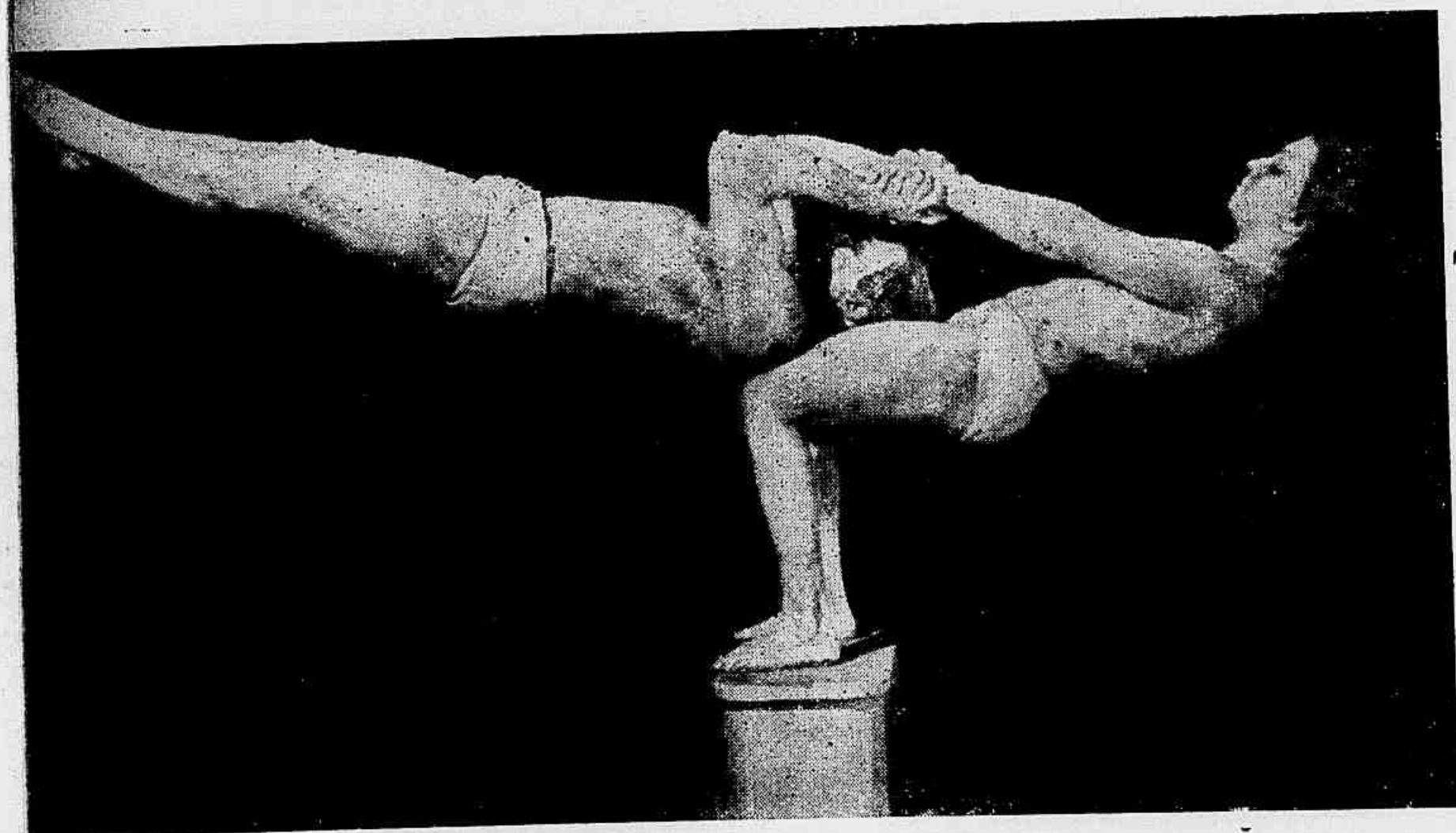
Copyright do B.N.S., especial
para a REVISTA DA SEMANA

Os moradores dessas regiões são habitualmente pastores, velhos e tradicionais pastores das montanhas, gente alegre e trabalhadora, emprestando uma nota pitoresca à paisagem. Aqui está, ao lado, um aspecto bucólico do rio Derwent, atravessando o vale de Borrowdale e desaguando no lago Derwentwater. Ali perto fica a aldeia de Seathwaite, localizada naquele vale. As montanhas erguem-se, lá ao fundo...





"FANTASIA EM BRANCO" NO ATLÂNTICO



Como uma pedra de raro fulgor, a "boite" clara do Pôsto Seis cintila. De seu átrio aristocrático, de suas janelas que lembram seteiras medievais, línguas de luz escorrem pelas calçadas e vão morrer na fimbria de areia, junto às ondas espumarentas que, em marolas suaves, entoam uma suave cantilena. De dentro foge também o agudo rumor dos violinos e dos violoncelos, das clarinetas e dos instrumentos de percussão — e é como se invisíveis e acariciantes mãos nos convidassem a entrar naquele "music-hall", que é o ponto preferido de nossa melhor sociedade, para suas diversões requintadas. Les Ercs, Manoelita Arriolo, Jimmy Upshaw, Eileen O'Brien, as "show-girls" americanas, as bailarinas clássicas do "ballet atlântico" e as dançarinas brasileiras constituem o ponto alto do espetáculo. "Fantasia em Branco", quadro de encerramento, magnetiza a platéia — que não regateia palmas à última criação do diretor artístico do Atlântico. E, finda a noite, a sociedade se dispersa levando no espírito, iluminado como uma aurora, um travo de saudade dos instantes vividos no "night-club" acolhedor do Pôsto Seis.

NOS BASTIDORES FEMININOS



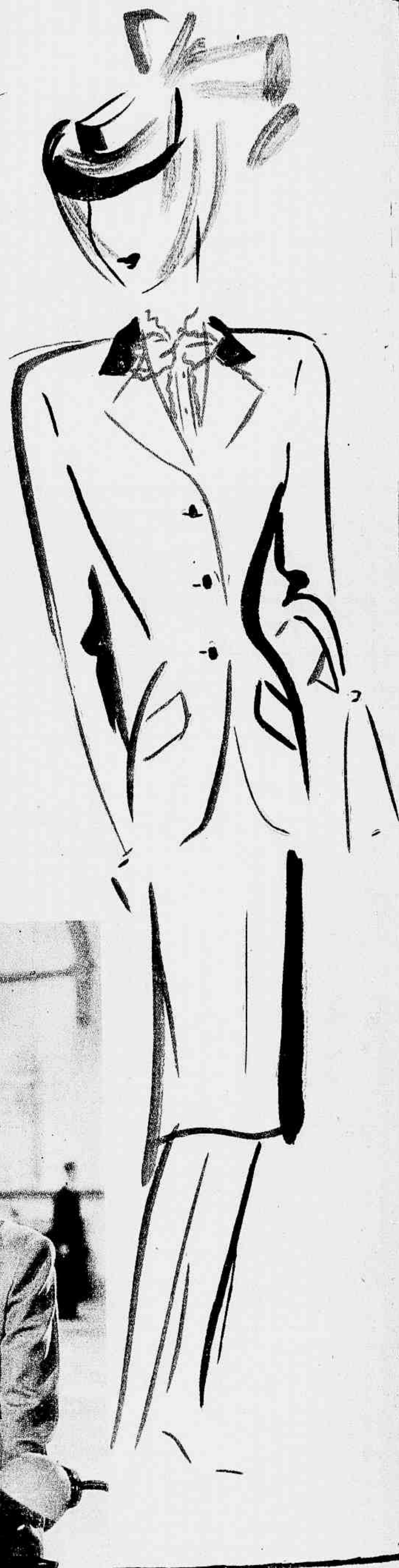
O sonho é a vitamina do espírito. E é também o melhor repouso para o corpo. Fugir das realidades da vida, nas asas róseas do sonho, é dar à nossa alma uma espécie de férias milagrosas. O sonho, esse voo bendito que nos leva às regiões encantadas da quimera, deixa o seu colorido sobre o nosso rosto e imprime em nosso gesto a graça etérea das nuvens do céu. Procuremos, pois, repousar o pensamento exausto dos problemas deste mundo sobre o tapete aéreo do devaneio: os olhos pousados nos horizontes sem fim, o corpo entregue à bemaventurança repousante e boa dessa excursão espiritual. E veremos, depois dessa evasão do espírito, o bem que nos faz ao físico esse banho de

calma e de solidão. Os momentos de beatitude em que a alma se espreguiça no tapete mágico da fantasia, removem o corpo e revigoram o coração. Dediquemos, pois, alguns instantes dos nossos dias ao surto benéfico nas asas do sonho. Relaxando os músculos, esquecendo as agruras da vida, entreguemo-nos ao embalo desse devaneio profundo e salutar. Uma viagemzinha ao país do sonho, um pequeno estágio no tapete voador da quimera, uma visita ligeira às regiões do otimismo e dos bons pensamentos valem mais que uma semana inteira em um salão de beleza.

Jesy Barbosa



Neste modelo, saia e blusa em separado, se combinaram dois tons azuis. A saia leva em seu talhe um lado plissado. E' abotoada ao centro. Os ombros formam um detalhe original. Blusa de seda fina. Mangas japonesas.



Para este costume de casimira cinzenta, o criador de modelos procurou a linha mais moderna que nos apresenta a moda. Saia direita, paletot de abas largas e entaladas. Gola de veludo negro. Chapéu de feltro com um pequeno véu.



Como abrigo de viagem lhes sugerimos este cómodo modelo de tipo americano, feito com lã de camelo, em tom natural. Corte amplo, bem como a gola. Cintura do mesmo gênero. Outra novidade para a próxima estação.



O decote que está fazendo furor nesta temporada: amplo, oval e baixo. Este vestido para a tarde, todo talhado em seda negra, com blusa abotoada, representa o que há de mais original e moderno. (Modelos Delia Garcés, da San Miguel Films do Brasil)



Prove que também pode descobrir o mistério. Ellery Queen fornece todos os dados.

O telefone estava tocando insistentemente, mas Ellery estava com sono. Não deu atenção à campainha.

— Ellery! Ellery!
— Hum?
— Você não ouviu o telefone?
— Deixe tocar, papai. Não pode ser nada importante.
— Isso tudo é preguiça? Pois bem, deixe que eu atendo.
O ruído de passos apressados de pés descalços soou no corredor e Ellery ouviu, já numa sonolência quase dormindo:
— Alô! Não. É o pai dele quem está falando. Sim. Sim. Onde? Jack Senter? E' claro que conheço. Sei. Sei. Irei. Com muito prazer. Até mais tarde.
Sem dar atenção à conversa, Ellery já cochilava quando o inspetor veio acordá-lo.

— Ellery!
— Hum?
— Sabe quem voltou da Ásia?
— Hum-hum...
— Jack Senter.
Subitamente, Ellery sentou-se na cama:
— Jack Senter?
— É.
— Eu sei de alguém que vai receber essa notícia com urros de alegria!
— Urros?
— O senhor quer dizer que conhece Nikki há tanto tempo e ainda não sabe que ela urra sempre que sabe

notícias de um uniforme com "recheio interessante", como ela diz? Vou falar para ela.

— Ellery! Espere!
— Esperar o que? O senhor não me acordou para dar a notícia?

— Ainda é muito cedo.
— Não é cedo de mais para ela saber o que aconteceu. Ora, ela vai me dar beijos de reconhecimento por ter comunicado logo a chegada dele...

— Mas Ellery, eu não acho conveniente... Você sabe... Porém o filho já não estava mais prestando atenção ao que ele dizia. Correu para o telefone, discou um número e estava esperando que atendessem.

— Veja só. Ela deve estar nos braços do nosso amigo Morfeu. Ou será que é inconveniente dizer que uma moça dormiu nos braços de uma pessoa do sexo masculino, mesmo que seja uma entidade imaginária?

— Ellery, por favor, pare com essa brincadeira. Eu preciso falar seriamente com você...

Mas, do outro lado, Nikki atendera.

— Alô!

— Meu Deus! Que voz do outro mundo! Você está chegando da sua viagem na vassoura, sua feiticeira pintada?

— Você me acordou para me dizer gracinhas, sr. Ellery Queen?

— Não, senhora. Chamei-a para prestar-lhe um grande favor: para entregar às suas garras ávidas mais uma pobre vítima. Lembra-se de um cavalheiro de um metro e oitenta de altura que provocava os seus suspiros e que a deixara para lutar pela pátria amada?

— Jack Senter!

— Como está presente nos seus pensamentos, meu bem. Pois bem, este ilustre, este famoso, este herói americano Jack Senter está aqui nesta belíssima cidade de Nova York, esperando contemplar a lindíssima, elegantíssima, formidabilíssima Nikki Porter.

— Não terá muito que esperar. Ora viva! Até que enfim apareceu nessa cidade um rapaz apresentável.

— Hum...

— Onde está ele?

— Perdoando, magnanimamente, o insulto à minha pessoa, quando você diz que só agora chegou um rapaz apresentável, disponho-me a perguntar ao meu ilustre progenitor, de pé ao meu lado, onde está hospedada esta sétima maravilha que está provocando essas exclamações indevidas e significativas dessa moça. Onde está ele, papai?

— Ellery, por favor, eu lhe disse que não telefonasse. Jack está num hospital, gravemente ferido.

Ellery mudou de expressão. Tomando o fone falou, tentando retomar o tom alegre:

— Venha até aqui se quer saber, e iremos vê-lo juntos. Os "tête-à-tête" ficam transferidos para ocasião mais oportuna. O rapaz está descansando e não quer ser perturbado esta manhã.

— Ellery, deixe de ser irritante. Onde está ele?

A AVENTURA DO TENENTE FERIDO

Novela de ELLERY QUEEN

— Acorde direlto, primeiro, apronte-se, cheque até aqui que eu lhe direi.

— Ellery Queen, você pode fugir bem depressa porque eu vou aí matá-lo!

Com um riso contrafeito, ele despediu-se e desligou. Depois, virando-se para o pai, disse:

— E agora conte-me tudo.

Nikki estava se preparando para sair quando tocou a campainha e ela foi atender. Era Ellery.

— Veio receber seu castigo a domicílio?

A brincadeira, porém, não fez rir.

— Escute, Nikki, eu preciso falar com você. Hoje de manhã, quando eu telefonei, não sabia ainda que Jack estava ferido. Ele está no Hospital Militar. Achei melhor passar aqui para prevenir você!

— Mas... Ellery, não é coisa grave?

— Já falei com o médico pelo telefone. Conheço-o bem. Ele me assegurou que o rapaz ficará bom. Só que...

— Que há?

— Nikki, ele perdeu uma perna!

— Oh!

— Por isso eu queria que você recebesse a notícia ainda em casa, para ir já sabendo e não ter a surpresa na hora: sobretudo para não deixar que ele sinta que você teve um choque ao saber da novidade. O médico recomendou especialmente que deveríamos tratar do assunto com toda a naturalidade como se fôsse uma coisa corriqueira. Acima de tudo é preciso fazer com que ele não dê demasiada importância ao fato.

Houve uma pausa. Depois Nikki disse:

— Eu nunca disse a você quanto gostava dele. Isso não faz diferença, compreende?

Jack encarou-os com um sorriso desajeitado, como que pedindo desculpas de sua desgraça.

— Alô, Ellery!

— Olá, velho.

— Como vai, inspetor — disse, depois, voltando-se para o pai de Ellery.

(Continua na pág. 38)



Aqui apresentamos um sugestivo aspecto da rendição de uma divisão alemã às Forças Expedicionárias Brasileiras, no norte da Itália. Com todo o seu material bélico, essa divisão nazista entregou-se às nossas tropas. Na gravura vemos oficiais alemães rendendo-se a um capitão brasileiro.

EM VESPERA DO REGRESSO AO BRASIL

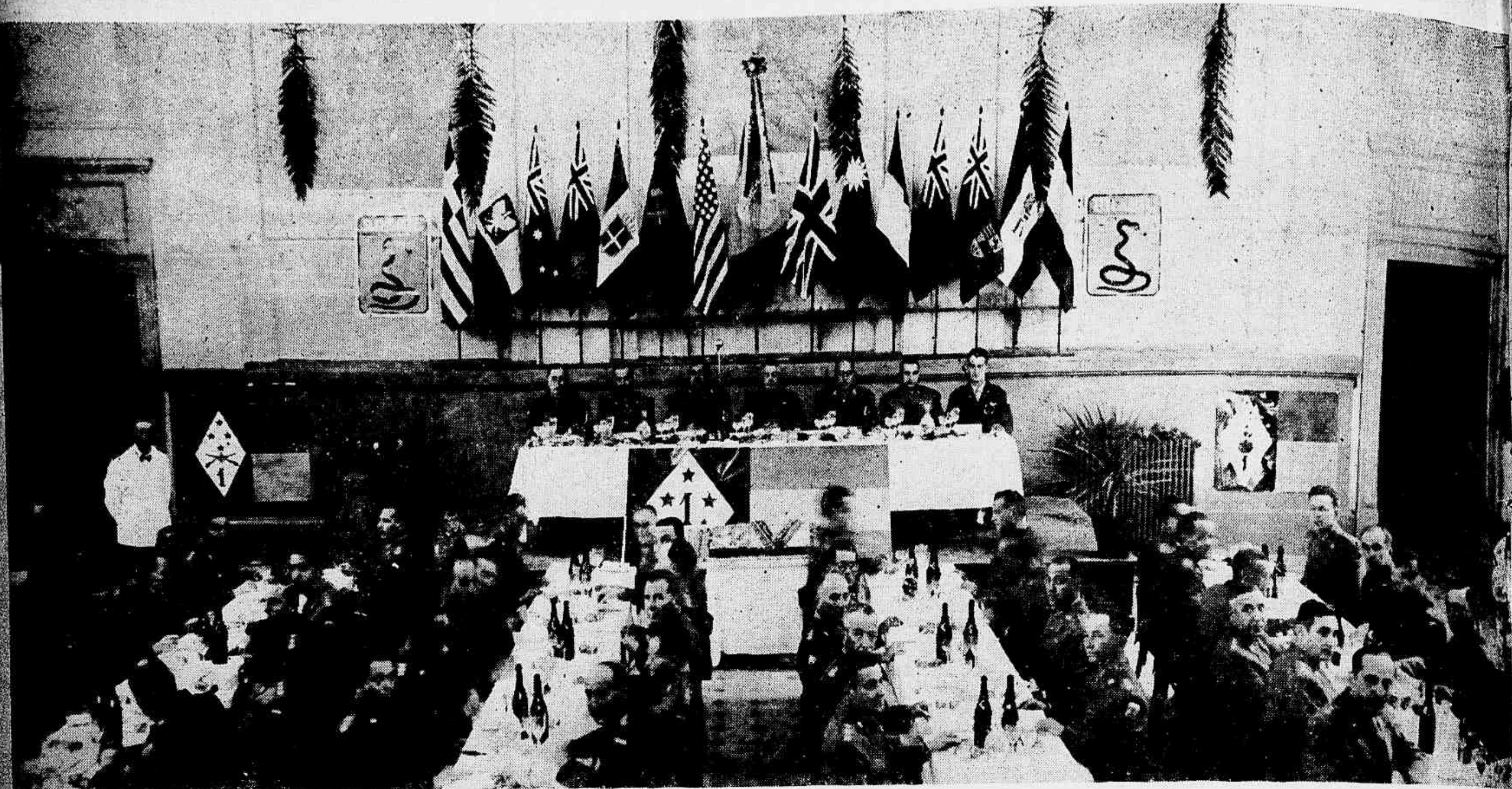
Vão nos chegando da Europa os últimos flagrantes fotográficos da luta dos brasileiros no norte da Itália, onde os nossos "pracinhas" demonstraram o valor da gente do Brasil, conquistando a vitória juntamente com os seus irmãos de armas das outras terras, à custa de imensos sacrifícios e de muitas perdas. O seu sangue porém não foi derramado em vão. Ele representa a semente lançada no solo dos Apeninos, que há de frutificar como um exemplo sublime às gerações vindouras. Os cemitérios brasileiros construídos nos campos de batalha do Velho Mundo são hoje o símbolo de nossa devoção à Pátria e de amor à Liberdade.

Entre as façanhas dos valorosos soldados brasileiros na Europa conta-se a captura de uma divisão completa do exército nazista, que se entregou à clemência da Força Expedicionária com todo o seu estado maior e copioso material bélico, inclusive grande número de veículos motorizados, que foram levados às nossas linhas como troféus de uma brilhante vitória.

Assim, coroados de glória, regressarão em breve à Pátria os nossos heróicos "pracinhas". Honra a esses bravos.

Detalhe de uma igreja do norte da Itália, onde foi rezada uma missa solene, mandada celebrar pelos oficiais da Força Expedicionária Brasileira por alma dos soldados mortos em ação. Muitos foram os nossos que tombaram nos campos nevados da Europa, em defesa dos mais sagrados ideais da gente brasileira. A cruz entre os cirios lembra aqueles a quem a pátria deve a integridade de seu patrimônio e de sua soberania.





No Quartel General da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária da F.E.B., situado no norte da Itália, teve lugar um almoço de congratulação dos oficiais brasileiros, a 13 de maio deste ano, em comemoração à Vitória. É dessa festa o flagrante que aqui reproduzimos. Ao fundo, o emblema da cobra fumando ladeia as bandeiras das Nações Unidas.

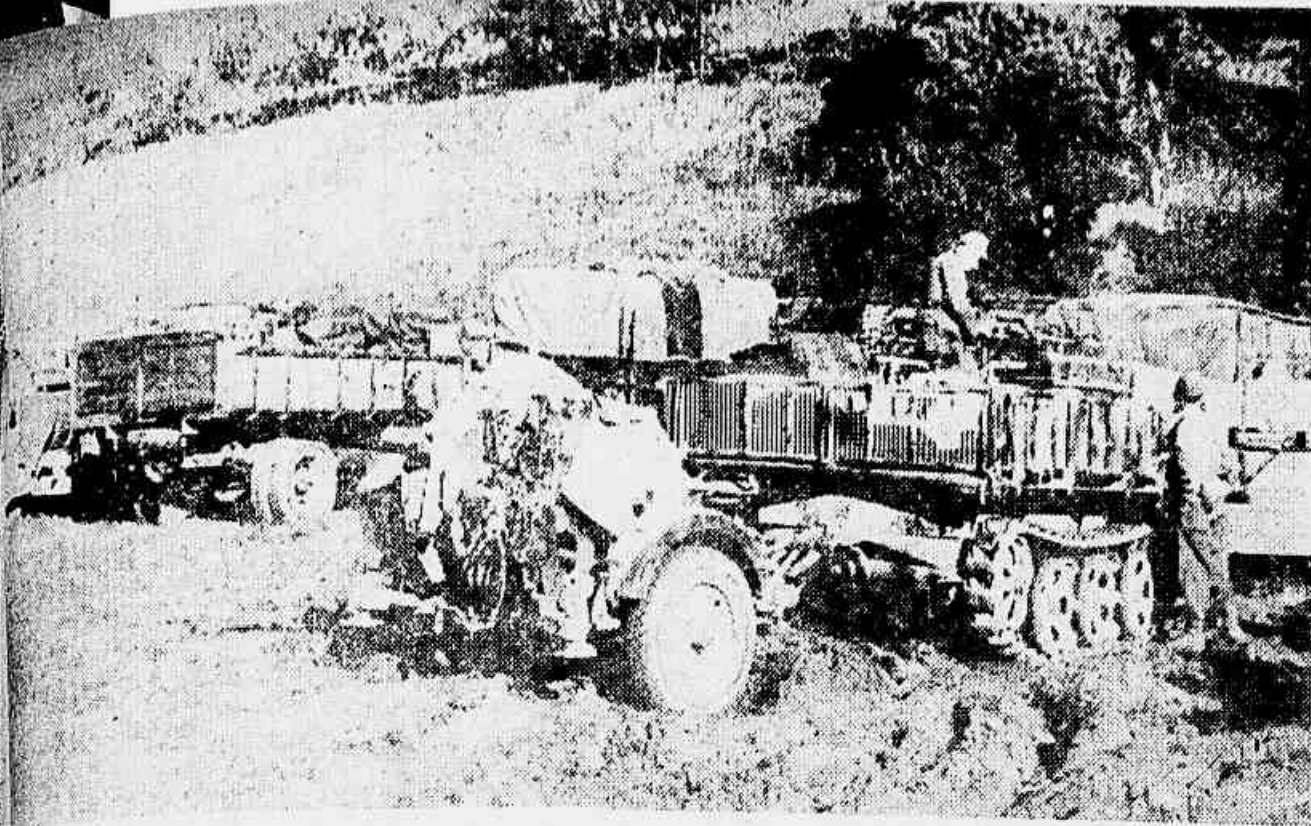


Abatidos, humildes, sem aquele entusiasmo fanático de 1939, os nazistas foram se entregando em massa às forças brasileiras com todo o material de que dispunham as suas tropas. Aqui está um grupo de prisioneiros feitos pelos pracinhas no norte da Itália.



Ao alto: — Um general alemão perde a arrogância prussiana e entrega-se à clemência dos pracinhas brasileiros. Ele aqui aparece de costas, entre outros oficiais nazistas. Em baixo: — o general de divisão Mario Carloni, do Exército Fascista da Itália, sendo conduzido pelas autoridades da F.E.B. a um posto americano.





Veículos motorizados capturados pelos brasileiros. Durante o avanço da F.E.B. contra Bologna, uma divisão alemã entregou-se em péso aos nossos soldados. Esta é uma pequena parte do material volante apreendido pela Força Expedicionária Brasileira à referida divisão.



Soldados brasileiros conversam num campo ao norte da Itália, após uma façanha sensacional: a captura de uma divisão nazista com todo o seu material e seu estado maior. Em primeiro plano aparecem os fuzis Mauser que tantas fizeram por toda a Europa durante os seis anos da conflagração.

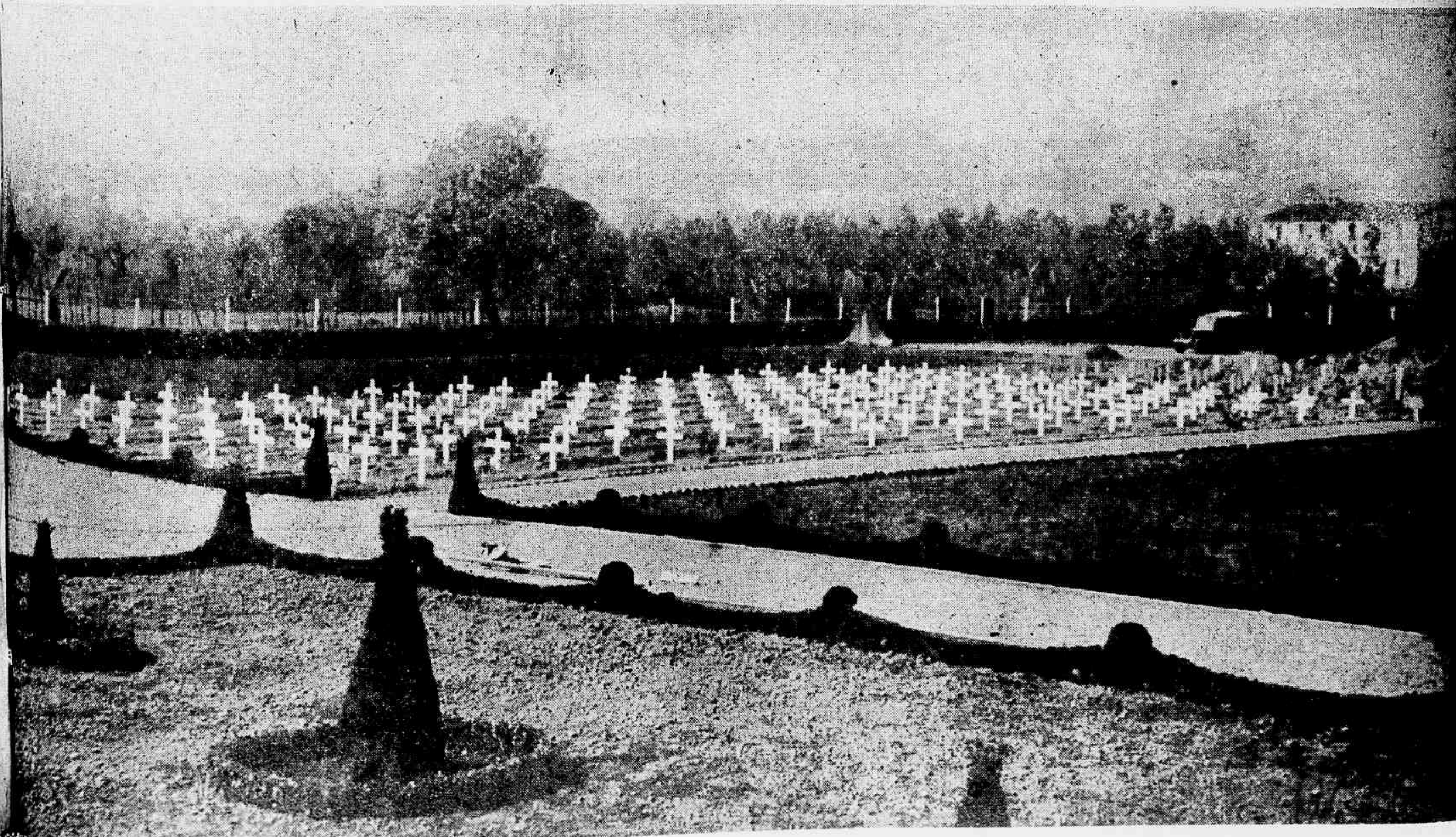


Sepultamento do soldado Walter Pereira de Souza, da Companhia de Intendência da Força Expedicionária Brasileira, feito pelo pelotão de sepultamento. Entre outros aparece no cortejo o capelão-chefe da F.E.B., tenente coronel Feney. Esta solenidade assinala as homenagens prestadas a mais um herói da Pátria.



Oficial alemão feito prisioneiro pelas nossas tropas expedicionárias é entrevistado por um oficial brasileiro, que toma as informações de praxe. Este é outro componente da divisão nazista que foi aprisionada em massa pelos heróicos soldados da Força Expedicionária, durante a ofensiva nos Apeninos.

Os que ficaram no campo de honra repousam aqui... Visão de um dos cemitérios dos soldados brasileiros mortos no cumprimento de sua sagrada missão. Agora eles estão sepultados sob a terra da Itália, onde lutaram pela liberdade dos povos e pela honra de nossa Pátria ultrajada. O seu heroísmo foi edificante, o seu exemplo jamais será esquecido. Estas cruzes plantadas nos Apeninos, são monumentos de glória edificadas pelos soldados brasileiros no solo da Europa.



Vibrante e expressa homenagem ao Snr. Severino Pereira da Silva

Não fora o espírito religioso e humanitário de seu diretor-presidente, e a Companhia Manufatura Fluminense de Tecidos não poderia oferecer ao mundo moderno o exemplo que sempre tem dado, alicerçado na notável obra social que o grande industrial, sr. Severino Pereira da Silva, realiza dentro dos seus empreendimentos.

Há bem pouco, tornou-se bastante eloquente a circunstância de não haverem aderido ao movimento grevista de São Paulo, que se alastrou com imensas proporções, os operários das suas grandes fábricas de Sorocaba e de outros pontos do Estado, os quais, muito ao contrário, nessa grave emergência, levaram a efeito grandes homenagens ao sr. Severino Pereira da Silva, traduzidas em manifestações de apoio e solidariedade ao industrial avançado que tem invertido somas formidáveis na execução do programa de alto caráter social que se traçou.

Transcrevemos a seguir o discurso que o sr. Severino Pereira da Silva pronunciou por ocasião da homenagem que lhe foi prestada no dia 10 do corrente.

"Exmo. sr. representante do sr. comandante Ernani do Amaral Peixoto, m. dño. interventor federal no Estado do Rio de Janeiro; exmo. sr. Brígido Tinoco, m. dño. prefeito municipal; exmos. srs. representantes das autoridades federais; minhas senhoras e meus senhores.

Meus companheiros. Amante entusiasta da paz, do engrandecimento e do progresso de nossa Pátria, obreiro modesto, porém tenaz e dedicado, do trabalho produtivo no setor industrial de nossa economia, tenho tido ultimamente profunda alegria de ver uma exata compreensão de idéias e propósitos entre empregadores e empregados.

Se ainda não é o que desejo, já vislumbro parâmetros muito próximos entendimento perfeito e justo entre o Capital e o Trabalho, dando ao trabalhador esforçado e eficiente a necessária recompensa para uma vida digna, tranquila e capaz de fazê-lo feliz.

Nem seria necessário, para alcançarmos esse objetivo, ideal mais que justo e praticamente realizável, irmos buscar normas de ação em doutrinas exóticas e positivamente inadaptáveis à nossa índole, aos nossos costumes e aos sagrados princípios que norteiam a vida da família brasileira desde os primeiros dias da nacionalidade.

Não vejo por que falarmos em comunismo, com distribuição de terras, salários altos e outras utopias, quando em verdade o que se deveria e se deve cuidar, neste período amargo e difícil da história pátria, é a apresentação de uma solução realista, concreta e viável, para o caso dos trabalhadores em geral de nosso País, quer dos centros urbanos, das indústrias, quer dos campos, da lavoura e das minas — que, uns e outros arrancam do seio farto da terra-mãe, por meio da enxada e do arado, ou pela picareta e o alvião, os elementos de riqueza que a natureza, sempre dadivosa, oferece à operosidade do homem e que este, pela sua arte, transforma em utilidades de aplicação ou consumo, para uso social.

Mencionar distribuição de terras é ignorar o problema brasileiro. O que nos falta não é espaço vital, não são terras de cultura. Muito nos sobra delas. O que nos escasseia são braços para o trabalho, máquinas adequadas e boas estradas. Grandes latifúndios existem, até mesmo em terras devolutas, do domínio do Estado que as poderia distribuir sem necessidade de confiscar propriedades privadas.

Não é preciso ir a Mato Grosso, Amazonas, Pará e Goiás, onde as terras sem dono formariam países enormes. Mesmo nas proximidades da Capital Federal possui o Governo terras desocupadas, com áreas imensas como a fazenda de Santa Cruz.

Porque com isso afugenta e espanta os valores, em prejuízo da nacionalidade. Antes de prosseguir nesta ordem de considerações, permito que eu declare que esta festa é também, e principalmente,

meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

mente do nosso interventor federal, o exmo. sr. comandante Ernani do Amaral Peixoto, jovem e dinâmico administrador, dotado do mais puro espírito público, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

Meus senhores: a homenagem ao sr. Severino Pereira da Silva, que, por meio de seu exemplo, nos ensina a sermos mais humanos e mais religiosos.

uma condição imposta pelo Criador e a razão de ser da vida humana.

Nesses regimes tão malsinados, especialmente na atmosfera arejada e livre da América do Norte, todos os homens de valor dotados de capacidade de trabalho, de espírito de iniciativa, de tenacidade e constância, de método, ordem e força de vontade, progrediram e conseguiram fazer fortuna, ainda de origem modesta, nascidos na pobreza.

Eles são admirados pelo Governo e apontados como exemplos à juventude. E' do interesse nacional que sirvam de estímulo às novas gerações.

E' o que, felizmente acontece também em nosso querido Brasil. Posso apontar-vos o exemplo vivo e presente da minha pessoa. Fui mais pobre do que todos vós e hoje sou um industrial que orienta e dirige uma considerável cadeia de homens de livre vontade, trabalhando e colaborando convulsos e com outros inúmeros companheiros em São Paulo e em Minas, num esforço comum em benefício da produção e da riqueza nacional, para o engrandecimento do Brasil.

No regime comunista não teria eu, nem qualquer poderaria ter, semelhante oportunidade, pois ali o governo monopoliza valores e iniciativas.

O meu programa é o programa do Brasil, dentro de sua realidade atual e de acordo com a sua formação histórica americana e democrática, porque ideologias e exemplos exóticos não nos servem nem poderiam trazer a felicidade e o bem-estar de nosso povo.

Devemos atacar e combater o comunismo, todos nós, nascidos no torrão abençoado do Brasil, na terra livre da América.

Nós somos pelo trabalho livre, pela liberdade de pensar, de crer, de dizer e de agir. Somos pelo direito de podermos expandir livremente a nossa personalidade, de acordo com as nossas inclinações e simpatias. Aborrecemos e detestamos as imposições da força sobre a nossa consciência.

Senhores: A presente situação social do Brasil é grave, confusa e perigosa; mas, com a ajuda de Deus, de homens de boa vontade e de desprendimento, tudo se resolverá maravilhosamente.

Nosso dever de brasileiros é promover a melhoria e reajustar as condições de vida de nosso povo em geral; cabe, pois, executarmos urgentemente essa bellissima tarefa.

Não estou a serviço de quem quer que seja, e muito menos contra quem quer que seja; estou sim a serviço do Brasil e contra o comodismo e a fraqueza dos meus colegas; quando digo fraqueza, não é menosprezando aos meus colegas: é exclusivamente com o intuito de os alertar contra o perigo que se aproxima de todos nós vertiginosamente.

No setor industrial devemos desde já proporcionar aos nossos colaboradores habitação condigna e por preços baixos, salário equitativo e bastante para atender dignamente às necessidades do operário e de sua família, de modo que ele possa ter meios para criar e educar os filhos em um ambiente de conforto, bem-estar e inteira felicidade.

Visa o programa assegurar lealmente o inteiro reajustamento das condições de vida do operário, sem preocupação de intervenção do Governo, mas sempre com o seu apoio, visto como o Governo tem outras obrigações sérias e complexas para com a coletividade.

Nosso dever será de assistir urgentemente aos trabalhadores com o fornecimento de tecidos baratos, calçados, moradias higiênicas, auxílio médico completo com hospitalização completa, inclusive os cuidados pré-natais e da medicina preventiva, alimentação e educação de sua prole, porque o salário que espontaneamente e sem interferência de quem quer que seja aumentamos a todos vós, não representa senão um paliativo para as vossas imediatas necessi-

dades e dar tempo para que sejam concretizadas as medidas apontadas.

Com agudas providências, teremos liberto o operário de preocupações e vexames, podendo dedicar-se àle de corpo e alma ao trabalho, que resultará, mais eficiente, em maior e melhor produção.

Tudo isso redundará em benefício do Capital e do Trabalho, em última análise, da riqueza pública.

Espero e estou convencido que os meus colegas industriais receberão com perfeita compreensão e real agrado estas despretenciosas sugestões que têm duas finalidades. Primeiro atender aos que precisam e conosco labutam, ajudando-nos a enriquecer, e, segundo, cumprir uma obrigação e um dever para com a Pátria, em prol da segurança do regime que se acha ameaçado.

Digamos alto e em bom som que não se pode continuar nesta situação de incoerência e abandono, como temos vindo até agora, com o nosso operário, que é o principal fator de riqueza de nossa indústria. Está em tempo de, com justiça e civismo, resolver-se urgente e definitivamente o problema da vida dos que sofrem.

Mas, por outro lado, é necessário que todos os operários se compenem de seu dever de cooperar eficientemente para o aumento e o aperfeiçoamento da produção, trabalhando com entusiasmo e fazendo ponto de honra em manter uma frequência impecável.

Sem essa compreensão e essa cooperação de parte dos empregados, é evidente que os empregadores não terão meios para realizar esse plano de reajustamento e melhoria. Nem devem eles perder de vista que a concorrência internacional se aproxima e cumpre tomar todas as precauções para não sofrerem seus efeitos de maneira desastrosa.

Antes de terminar desejo fazer-vos uma comunicação. Estamos resolvidos a retirar parte dos maquinismos de uma das nossas incompletas fábricas, para juntá-los à modernização e aos novos teares ora adquiridos na América e na Inglaterra, organizando um magnífico conjunto industrial a ser montado pela Companhia Manufatura Fluminense de Tecidos, de acordo com entendimentos realizados com o Governo do Estado, na próspera cidade de Vassouras, onde construiremos residências confortáveis, escolas maternais, creches, parques, etc. Podéis ficar certos e tranquilos que não esqueceremos o que aqui permanecerem.

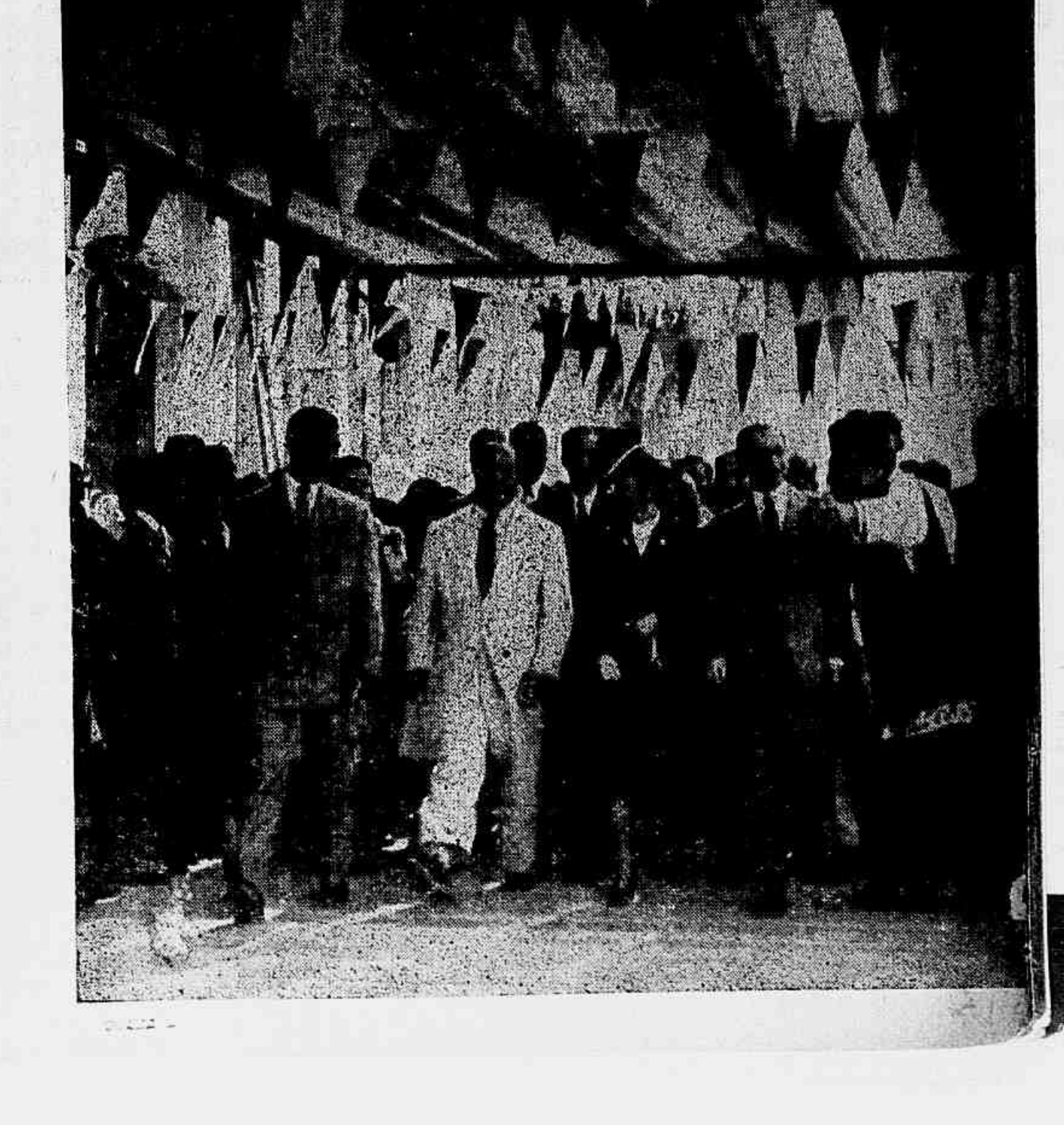
A mudança somente será efetuada por partes, sem paralisar nem perturbar os trabalhos da fábrica. Não serão prejudicados os operários, que passarão a trabalhar sob novos horários.

Meus senhores: Ao terminar quero agradecer comovidamente a delicadeza desta expressiva e carinhosa homenagem com que me honram, tocando as mais sensíveis cordas do meu coração, os queridos e dedicados companheiros da Manufatura, aos quais nenhum favor prestei e que são inspirados unicamente pela sua bondade e grandeza d'alma.

Permiti-me, por tudo isso, com a devida venia do exmo. sr. representante do sr. interventor, que eu receba esta homenagem e a deposite nas mãos da grande família da Companhia Manufatura Fluminense de Tecidos, como tributo de minha gratidão pela generosidade de meus companheiros, para a felicidade dos quais formulei os mais ardentes e permanentes votos.

Viva o Brasil!"

Nestas páginas oferecemos aos nossos leitores alguns dos mais destacados aspectos das homenagens prestadas à figura singular de Severino Pereira da Silva, ao lado de quem se vê, entre pessoas de sua exma. família e outras de grande destaque nos meios oficiais e sociais, o sr. Demétrio Pereira da Silva, diretor da Companhia Manufatura Fluminense, a cuja ação inteligente e dinâmica muito deve a indústria têxtil brasileira.





Flagrante da cerimônia religiosa do enlace da festejada pianista senhorita Marina Moura com o sr. Perilo Peixoto, médico da Segurança do Trabalho, efetuado no dia 30 de maio na matriz de Nossa Senhora da Paz, de Ipanema.



Realizou-se no dia 19 de abril o enlace matrimonial da sta. Nice Pertusier Fogaça, filha do sr. Homero Lopes Fogaça e d. Martha Pertusier Fogaça, com o sr. Antonio Veiga Ribeiro, filho do sr. Joaquim Ribeiro e d. Maria Veiga Ribeiro. O ato civil foi testemunhado pelo sr. Agostinho Pereira de Souza e senhora, e no religioso, realizado na igreja do Sagrado Coração de Jesus, serviram de padrinhos o casal Antonio P. Gallazzi. Durante a bênção nupcial o conhecido barítono brasileiro sr. Francisco Perdígão cantou a "Ave-Maria".

FIGURAS E FATOS

A menina Terezinha Monteiro Faria, de seis anos de idade, numa linda fantasia de Dama Antiga. Com um ano de estudos de piano realizou na Escola Nacional de Música um brilhante recital, recebendo muitos e merecidos aplausos.



Instantâneo batido no encerramento da Exposição de Arte Condenada pelo III Reich, quando o pintor e escritor Santa Rosa realizou interessante conferência sobre "Mundo e Arte", para um público intelectual da mais alta classe social. Foi realmente um empreendimento de larga repercussão pela sua dupla finalidade: artística e literária.



Mirinha completou dez anos; reuniu os parentes e os avós e ofereceu-lhes uma divertida festa. Ela é a dileta filhinha do casal Mathias Mediano-Honorina Fernandes Mediano. Na gravura um flagrante da aniversariante e de seus convidados.



AMADORES DE ARTE

Conto de A. BOUKHOV

GOSTO dos objetos de arte. Talvez isso não seja direito, mas, afinal de contas, um cinzeiro com uma reentrância onde é tão cômodo pousar o cigarro aceso, ou o fraco trabalhado sobre a mesa de cabeceira tão bem mais dignos de afeto do que o "amigo" que vem fazer uma visita por semana e nos importuna com o relato de sua vida conjugal... Se ele cessa as visitas, aparece um outro que ainda não teve tempo de se lançar à obra e a pessoa se congratula com a partida do primeiro... Mas quando, por exemplo, a arrumadeira desastrada quebra o cinzeiro que há quatro anos estava sobre a mesa, a pessoa sente uma comoção sincera. E' assim como quando se rouba o gato da casa, a muscote.

Mas há uma coisa que eu detesto: são os "bibelots" dos conhecedores. E' ainda mais que os objetos detesto seus felizes proprietários.

Ele estudara no estrangeiro. Frequentava um curso de arte, usava um chapéu de abas largas e visitava galeria de quadros. Quando voltou começou a escrever péssimos versos e indispôs-se com os jornalistas.

Agora está de pé à minha frente, olha-me com comisseiração maldosa, com o dedo indicador apontando para uma mesa baixa, toda escamosa.

— Deve ter uns sessenta anos — declara com emoção.

— Uma mesa não é uma costeleta de bezerro. Não se estraga de um dia para outro.

— Em todo caso ela, presentemente, é de valor inapreciável.

— Inapreciável? Não tem preço? É. Você tem razão. E ela não presta para nada. Quando muito, poderia servir para acender um bom fogo.

— Meu Deus! Que heresia! Mas uma mesa assim serve de ornato. Como é que você não compreende isso?

— Quer-me parecer que a sala estaria igualmente ornada com uma mesa comum mais moderna, mas cômoda para escrever e para almoçar...

— Você me surpreende, meu amigo. Será possível que você não compreenda...?

— Não compreenda o que?

— Isso é positivamente ridículo. Talvez meu avô tenha escrito e trabalhado sobre essa mesa. Meu bisavô... quem sabe?

— Herdou-a?

— Não. Comprei-a. Uma venda de ocasião.

Assim, um avô qualquer adquiriu, há setenta anos, uma mesa e agora, que ela não presta mais para nada, você...

— Além disso, é um objeto de arte, para os conhecedores — concluiu ele, impaciente.

E afastou-se.

Entretanto, como conhecedor de objetos de arte, ele não pode se conter. Ao cabo de alguns minutos, leva-me para ver um objeto coberto de uma fazenda negra. Descobrimo-o, olha-me triunfante.

— Um órgão — digo. — Você toca?

— Um cravo — protesta ele indignado. — Você sabe o que é um cravo, pelo menos.

— Sim. Você toca?

— Impossível. E' muito velho. Data de 1820. Tem a marca de uma casa famosa da época.

O cravo ocupa boa parte da sala. Toma o lugar de que? Não sei. Talvez de um instrumento de música, talvez de uma máquina de escrever. Examino-o com atenção e observo placidamente:

— Eu, por outro lado, possuo um gramofone. E' ótimo: quando quero ouvir música, dou corda e escuto.

Não duvido que isso possa ofender o proprietário do cravo. Ele empalidece, seus lábios começam a tremer e a fazenda negra se agita nas suas mãos. Procura dizer-me alguma coisa que me desagrade:

— E na sua casa? Na sua casa? Que há de precioso? Hein? Talvez alguma dama que o vem ver às escondidas...

Separamo-nos com maus sentimentos. Ele ofendido, e eu cruelmente alegre.

Detesto igualmente as lembranças de família. Podem guardar durante estes anos, entre as páginas de um ca-



dermo, uma flôr seca que uma mocinha provinciana ofereceu ao dono, numa estação. Quando m'a mostram eu a contemplo com respeito. Uma tal flôr pode evocar uma recordação triste e alegre ao mesmo tempo.

Mas mostrem-me o anel que pertenceu a um avô. E eu logo me lembro de ter visto um igual. Sim. Hoje mesmo, numa tabacaria, onde fui comprar uns cigarros. Há um sortimento, num cartão branco pendurado numa vitrine. Os soldados compram alguns aos domingos quando estão de folga e vão ver a criadinha dos seus sonhos.

Examino o anel do soldado sem respeito, esforçando-me para esconder uma desaprovação manifesta.

— Sim... Um anel... E' um anel.

— De família... De ferro com uma pequena pedra. Imagine! Pertenceu à minha avô e vem passando de geração em geração...

— Mas pode usá-lo?

— Esse anel? O senhor está brincando? Uma raridade dessas! Não há mais um igual...

Eu olho de mais perto. Se levássemos a tal preciosidade para uma casa de penhores o avaliador ficaria zangado, tiraria os óculos e mandaria que fizessem sair da sala o culpado, pedindo que não deixassem mais entrar algum bêbado quando já havia uma multidão esperando na sala. Se, por outro lado, eu usasse o anel, todos se admirariam. Tento aprofundar a questão.

Um anel sem valor...

— A senhora estimava a defunta?

— Quem?

— Sua avô.

— Ela? Era uma coisa horrível! Meu Deus! Costumava mandar surrar os servos. Deixou dívidas e mais dívidas...

— Mas então por que guarda o anel? Dê à cozinheira. Dê ao cocheiro, num dia de festa. Eles gostam disso.

— Como? Um anel de família de valor estimativo? E' tão original!

Após minha saída, as pessoas que têm lembranças de família falam de mim com grandes restrições:

— E' entretanto ele teve uma boa educação. E um grosseirão como ele com certeza casará com uma moça "comme il faut". Com certeza na casa dele de objetos de

Uma sátira tremenda aos amadores de arte...

arte só deve haver mobílias, molduras quebradas e pés de cadeira... Que homem grosseiro.

Os vasos, as estatuetas e as taças destinadas aos conhecedores me inspiram uma exasperação que reprimo com esforço. Sua origem é bem simples.

O velho paralítico Giacomo decidiu deixar sua cidade natal no sul da Itália. Liquidar sua loja e mendigar numa grande cidade. Vendia tudo. Sobretudo peixe. Mas na sua loja incrível, durante os anos de exercício, se acumulara toda a sorte de vidros e copos, vasos e estatuetas.

Quando olha tristemente para o balcão, pensando na partida, entra-lhe na loja um grupo de estrangeiros.

— Esse bibelot está à venda? — pergunta um deles, enxugando o suor e apalpando cuidadosamente uma garrafa que conteve vinagre.

Giacomo, que se embarçou com a visita inesperada, resolve assentir a tudo:

— Si, signore.

— E' uma taça da época de Botticelli — diz um dos viajantes com grata emoção.

— Em primeiro lugar não é uma taça, mas um frasco — corrige triunfalmente um dos companheiros. — Um frasco que não data da época de Botticelli, mas dos Rastrelli. Nem mesmo dos Rastrelli, mas dos Médicis. Em suma: remonta aos Capetos, aos Carolíngios.

— Devemos comprá-la — conclui o primeiro. — Não posso deixar passar essa raridade.



O convento de Alcobaça, onde jazem D. Pedro e Inez de Castro

A 8 de abril de 1320 espalhava-se por Coimbra a notícia do nascimento de um príncipe, em cidade onde já haviam nascido cinco reis, um deles, Afonso IV, pai do recém-vindo ao mundo.

Do matrimônio com D. Beatriz de Castela, houvera já Afonso IV uma filha e dois filhos, estes morrendo pequenos, na idade que a filosofia popular julga boa para morrer, evitando o fel da vida no aumento dos anos.

As dinastias, sobretudo reinantes, muito importa porém a conservação de representantes masculinos, embora umas tantas rainhas tenham luzido na História.

O herdeiro presuntivo de corôa em 1320 chamou-se Pedro, nome a interromper na monarquia lusa Afonsos e Sanches até então de corôa.

Os príncipes, mormente herdeiros presuntivos, são casados cedo, para que a dispensa de consulta aos seus corações os transfira das justas núpcias às injustas tão facilitadas pela posição.

Tal aconteceria a D. Pedro. De Castela lhe viera genitora, de Castela lhe veio esposa. E com esta acompanhamento, no qual, como dama de honor, figurava Inez de Castro.

Era-lhe sina amargar a ama e a si própria. Entraria para a galeria universal das Grandes Amoras, eufemismo a suavizar culpas de "Grandes Pecadoras".

Na galeria, de remonta à Bíblia, está Portugal por Inez de Castro, Leonor Teles e Mariana Alcoforado, a freira de Beja, em constelação menor as que em Odíveas iam "à mesa do rei", segundo trova popular a zurrir uma das preteridas, por alcunha Pimentinha.

A vida das Grandes Amoras, seja-lhes conservado o eufemismo, sujeita-se ao exame da História fornecendo tema à Literatura e à Arte.

O drama da existência de Inez de Castro é mais do que notório. De chegada a Portugal, Inez inflamou de amores o príncipe D. Pedro. Percebeu-os de pronto a esposa traidora. Convidando Inez para madrinha de seu primeiro filho, D. Luiz, logo desaparecido, D. Constança procurou com isto "opor barreira de escrúpulos aos amores que ela adinhará".

Debalde; a paixão culposa continuou resultando em descendência ilegítima, a de quatro filhos, inocentes vítimas de escândalo, imperceptível se considerada a massa de escândalos de todos os séculos, por compensação purificados pelas figuras, pelos atos, pelos exemplos de toda a ordem que ajudam a prezar a vida humana, volúvel como a onda.

Para triste remate de amores, Inez de Castro é assassinada, no crime aparecendo a sombra e o consenso tético de Afonso IV, do crime executores Alvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Diogo Pacheco.

Alberto Pimentel, o escritor de muitas pesquisas, divide em vários atos o drama de Pedro e Inez. Diz o drama de quatro primeiros atos passados no palácio das Salinas, por D. Constança, a esposa infeliz, edificado em Azeitão, na margem esquerda do Tejo. Sítio ameno, de olivedos e pinheirais, de onde o olhar passeia da visão da serra da Arrabida à visão longínqua de Lisboa.

Sabe-se, informa Pimentel, que no século XIV a nobreza lusitana construía palácios para seus ócios fora da corte. Tais os havia em Azeitão, parte da fidalguia preferindo correr terras e hospedar-se em casas particulares.

Para Alberto Pimentel, no palácio das Salinas arde o decorrer da paixão unindo em culpa Pedro e Inez. Convém o escritor português que o quinto ato do drama se tenha passado no paço de Coimbra ou junto à fonte que, sendo dos Amores das Lágrimas, seria, na voz popular, ressaltado às ninfas do Mondego chorarem a morte escura de Inez.

Pouco após ia Afonso IV dar contas a Deus. No dia do óbito, 28 de maio de 1357, morto o rei, viva o rei! Pedro subia ao trono, aos trinta e sete anos, com o direito de perdoar como rei senão esquecido como homem, preferindo ser assomado a clemente.

Todo vindita, todo onipotência, D. Pedro alcança dois assassinos de Inez, Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, dá-lhes morte atroz, sem poder pôr mão em Diogo Pacheco. Homislará-se este no reino de Aragão, salvo a tempo pelo oportuno aviso de um mendigo seu protegido, a salvação fruto da caridade.

Na obra de Lady Jackson, a viajante inglesa autora de "A Formosa Lusitana", lê-se notícia lida vulgarmente em muitas outras obras, a da exumação de Inez de Castro para sua coroação como rainha.

Prefaciador e anotador do livro de Lady Jackson, Camilo Castelo Branco põe nota ao texto da escritora inglesa relativo à honraria póstuma de preito macabro a Inez.

Eis a nota de Camilo:

"A coroação de Inez de Castro defunta é uma lenda. O verídico e austero Fernão Lopes não a refere; e Manuel de Faria Souza — o invencioneiro — que a inculca, no comentário a Camões, alega um instrumento público que só ele viu."

Digamos em seguida de coisas incontestáveis. Primeira coisa, a morte de D. Pedro I em Extremoz em 1567; segunda a da sucessão de seu filho Fernando I, coimbrão como o pai, para mau exemplo paterno com Leonor Teles; terceira coisa a da presença e da junção simbolicamente amorosa dos sarcófagos de D. Pedro e Inez no mosteiro dos Bernardos em Alcobaça.

De há muito, enquanto o mundo se não acaba, por mais que lhe prenciem o fim, estão em Alcobaça os sarcófagos de Pedro e Inez, o desta repousado sobre esfinges de boa representação do mistério da alma feminina, o sarcófago de D. Pedro descansando sobre leões, em representação de majestade, força e ousadia.

Por muitos anos Pedro e Inez jouveram ilenos na Sala dos Túmulos de Alcobaça, cada qual perpetuado na memória popular por modo diferente.

Piedoso para com a vítima Inez, o povo lhe conservava a lembrança de seus erros, mas os perdoava por seus fins de mãe assassinada diante de seus filhos crianças. Não podendo louvar, o povo não maldizia.

D. Pedro, de cognome O Justiciero, no seu amor à justiça foi levado a excessos de rigor na crueldade ao perseguir réus e castigá-los sem dó, quando ele próprio inquinado de culpas.

Ficou contudo atestado o amor do povo por seu rei, com os pequenos se misturando nas ruas, não desdenhando bailar com humildes.

Dois fatos muito influíram para a simpatia e para a gratidão popular por D. Pedro. São de agrado popular os atos de justiça e o cuidado real dos de cima pelos de baixo.

Atinal sabendo falsa a acusação de ter Diogo Lopes Pacheco participado da morte de Inez de Castro, D. Pedro reconheceu a inocência do acusado e ordenou a restituição de seus bens confiscados quando fugira para Aragão.

O reinado de D. Pedro I, abrangendo decênio, foi para sua terra uma era feliz. Assinalou-a o povo com este juízo muito repetido: "Dez anos assim nunca houve em Portugal".

O reinado do filho e sucessor de D. Pedro, Fernando I ainda mais saudoso tornaria o governo paterno no qual Inez, a castelhana, perturbara apenas um lar, enquanto a transmontana Leonor Teles no reinado de Fernando havia de perturbar a vida de uma nação imiscuindo-se na sua política.

No século XIX trouxe Napoleão a invasão a Portugal, invasão capitaneada em suas fases por Junot, Soult, este um momento sonhando proclamar-se rei no Porto, e Massena, este, segundo Napoleão, o filho querido da vitória. Podia ter sido em Rivoli e Essling, em Portugal seria o filho malgrado da derrota.

Dia houve em que os soldados napoleônicos chegaram a Alcobaça em indesejável visita. Entraram no mosteiro dos Bernardos, correram-o, e na Capela dos Túmulos violaram os sarcófagos lavrados de D. Pedro e Inez, aquêle querendo seis séculos atrás que os sarcófagos fossem dispostos de modo a que no Juízo Final, de ressurreição universal para sentença última, os sepultados da Sala dos Túmulos logo se encontrassem frente a frente ressurgidos.

Antecipou-se a soldadesca invasora ao dia incerto do Juízo Final. Abriu os sarcófagos, revolveu-os, tirou de valor o que pôde, desrespeitando restos mortais.

Foi isto na véspera da batalha do Bussaco. No dia seguinte as tropas de Massena vencidas se iam a Torres Vedras para começo de retirada.

Tocado fora o inimigo o mosteiro de Alcobaça se acudiu a estragos materiais, tratando-se de reparar ofensa a mortos repondo no seu lugar o que deles ainda existia.

Por mostra da violação dos sarcófagos de D. Pedro e Inez, o marquês de Rezende, no testemunho de Ferdinand Denis, possuiu grande porção de fios de cabelo autenticados como de Inez de Castro.

A preciosidade velu ter ao Rio de Janeiro para onde transmigrara o Príncipe Regente logrando Napoleão com esperteza saloia reconhecida pelo próprio logro nos tristes ócios de Santa Helena.

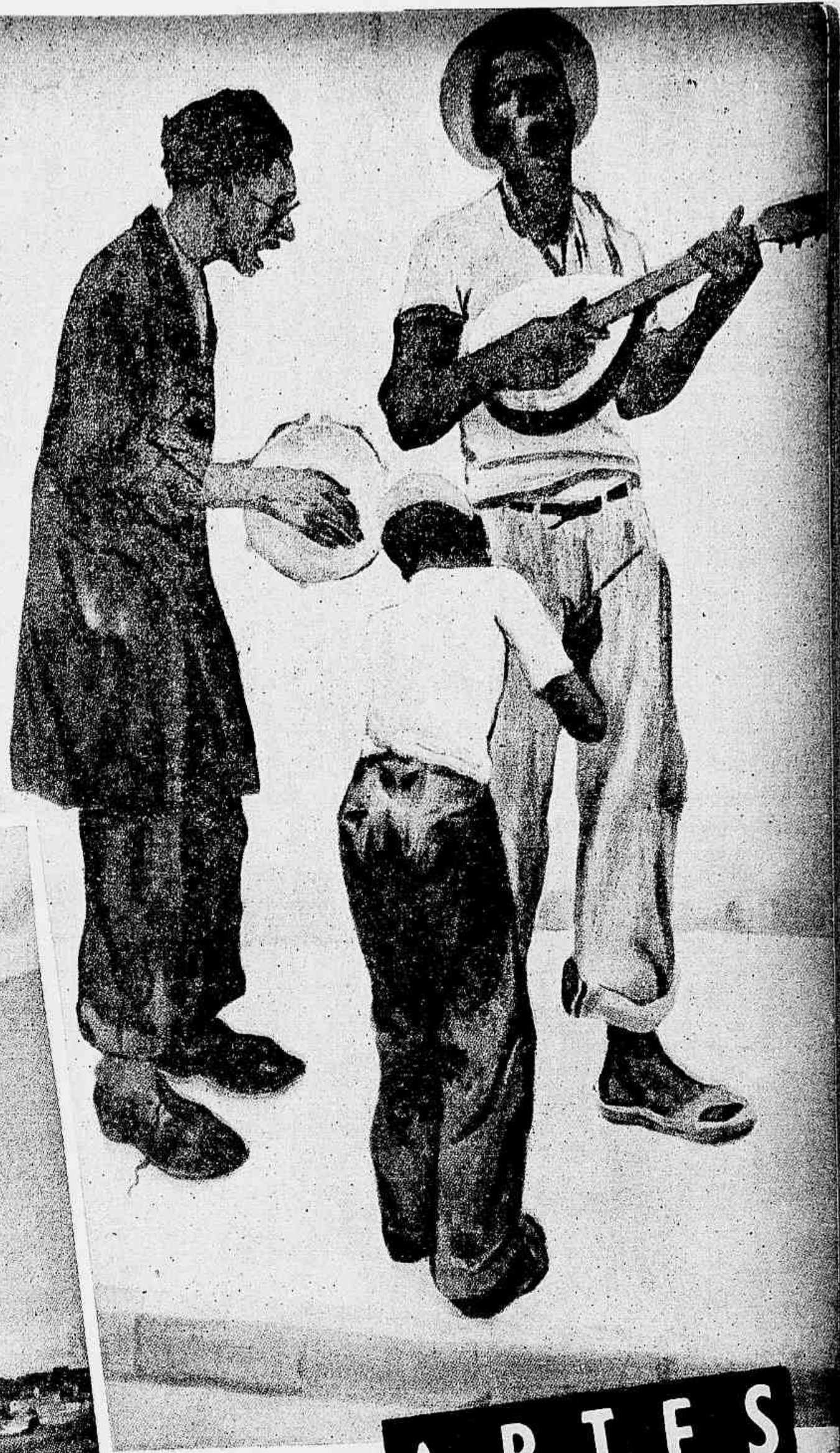
Um dos ministros do Príncipe Regente, o conde de Linhares, encarregou-se de entregar ao Príncipe a dívida do marquês de Rezende, a dos cabelos de raça fina de Inez, louros, tênues, leves embora tivessem no amor prendido forte.

Para bem examiná-los, o Príncipe Regente chegou-se a uma janela, o observador de atenção toda sobre curiosidade. Mas eis que sopra inesperado vento e das mãos do Príncipe Regente, sem tempo de qualquer preservação, se escapavam os examinados fios de cabelos. E lá se foram para sempre, onde nunca de esperar, dispersos pelos ares no Rio de Janeiro.

ESCRAGNOLLE DORIA

INEZ DE CASTRO

Mario Agostinelli nasceu no Perú. Fez-se, porém, um artista contemporâneo do nosso continente, apurou seus estudos em sucessivas viagens pelos países vizinhos e expôs em alguns deles. Pode ser considerado, sem falsa lisonja, uma das expressões moças e mais vitoriosas da pintura sul-americana, embora sua arte venha a desdobrar-se por outras facetas. E' também um desenhista de apurado bom gosto e um caricaturista de fina verve. No Brasil realizou, meses atrás, quando nos visitou pela primeira vez, uma exposição de motivos típicos peruanos, mas de tal maneira se encantou pelo "clima" da nossa terra, que se demorou até hoje. Agora, depois de empreender uma excursão a várias cidades mineiras, inclusive Ouro Preto e São João d'El-Rey, compôs uma série de telas que vem de expor na Galeria Lebreton, onde estão alcançando um justo e merecido sucesso artístico. Nesta página alguns interessantes tipos brasileiros de Mario Agostinelli, e no último, em baixo, o artista peruano posando junto a uma de suas telas.



ARTES PLASTICAS



MEU DUELO COM

Conto de VITOR RAKOSI -:- Ilustração de

Vitor Rákosi é um caso típico de vocação literária: universitário em Budapeste, deputado em 1900, sua inclinação para as letras arrastou-o por fim, de forma irresistível; publicou então uma longa série de novelas e depois os contos humorísticos que lhe deram fama. Dêstes últimos editaram-se uns 15 volumes, o que dá idéia da fecundidade de sua pena. Rákosi nasceu em Ukk, em 1860. Seu estilo fundou escola.

ESTA história pode ser lida por barões, condes, marqueses, príncipes, grão-duques e até por um pretendente ao trono ou um rei desterrado. Porque esta história fala de um homem que descende duma das famílias mais antigas da Europa.

Meus antepassados tomaram parte na invasão dos tártaros (1240-41). Como húngaros, não como tártaros. Tomaram parte nas Cruzadas, na guerra dos Trinta Anos e na dos Sete Anos. Numa palavra, estiveram em todas as partes onde se podiam adquirir ferimentos e não fortuna. E quando terminaram as grandes guerras, lá estávamos nós, pobres, com a responsabilidade dum grande nome histórico sobre os ombros. E não sabíamos que fazer. Nossa família se foi extinguindo e, por fim, fiquei só, último rebento daquela grande família, com o peso de trinta anos sobre meus ombros e com um emprêgo de escrevente.

Era eu um jovem moreno, fogaço, de olhos negros e sobrançelas cerradas, e a isso devi que a espôsa do diretor do Circo Cini-selli começasse a simpatizar comigo.

Aquêle flirt, aquela troca de

olhares, encheu-me de espanto; porque é preciso saber que Cini-selli era um homem duma força hercúlea, que amansava o cavalo mais selvagem, levantava os maiores pesos e — o que era ainda mais terrível — no final do espetáculo tirava de cima da cabeça de sua mulher uma maçã, com uma bala de revólver.

E' pois, natural — embora não tenha herdado de meus avós a cobardia — que recebesse com certa moderação os apaixonados olhares daquela senhora. Que diabo! Há tantas mulheres no mundo cujos maridos são pacatos burgueses, e teria eu de requestrar, precisamente, a mulher de um homem tão perigoso?...

Porém a mulher não sossejava. Uma noite, no corredor escuro, me segurou pelo braço e cochichou ao meu ouvido:

— Cobarde!

— Como pode a senhora dizer isso? — retorqui com suave reprovação. — Bem deve compreender que não posso enfrentar um touro como seu marido, nem que fôsse a senhora dez vezes mais bela.

— Tanto valor dá à vida?

— Um valor enorme. Sou o último descendente da família Sárav de Kerekret. Minha obrigação é permanecer neste mundo todo o tempo que me seja possível e é o único dever que cumpro com maior satisfação.

— Pois eu te obrigarei a amar-me.

Já me tuteava. As *écuyères* cavalgam muito depressa.

Depois me deu um beijo.

— Porque te adoro! — cochichou, e retirou-se dali graciosamente, exalando um apaixonado suspiro.

No dia seguinte me pegou de novo.

— Então, refletiste?

— Não.

— Sem embargo, quero fugir, seja como for, de meu marido,



CINISELLI

Armando Moura

e és tu quem escolhi para me raptar.

— Mas, meu Deus! Por que quer a senhora deixá-lo? E' um homem excelente, o ideal dos varões: um tarzan, forte, hábil, resoluto...

— Tudo isso está certo, se não fôsse pelo truque. Receio que um dia erre o alvo e me mate.

— Vamos!... Não se deu ainda caso semelhante na história dos circos.

— Tu não podes imaginar o medo que sinto quando chega essa parte do programa. Ele, porém, não a quer suprimir, pois é a que mais agrada ao público.

Tomei-lhe a mão.

— Escute, senhora — disse-lhe em tom suplicante — há nesta cidade um advogado, um homem fanfarrão, repugnante, embusteiro, trapaceiro e mestre em chantagens. Faça-se raptar por êle. Se a bala do seu marido o alcançar, todos nos sentiremos satisfeitos por isso. Se não lhe agrada o advogado, há aqui um alfaiate a quem todos os intelectuais da povoação devem. E, ademais, há também um fazendeiro ao qual devemos, vários amigos, mil e trezentos florins, dum jogo de cartas. A morte repentina dêstes dois últimos endireitaria perfeitamente as finanças de nossa cidade. Porém, que deseja a senhora de mim? De um pobre diabo, pobre mas honrado?

— Tu és o único a quem amo — disse a mulher, e me mordeu a orelha.

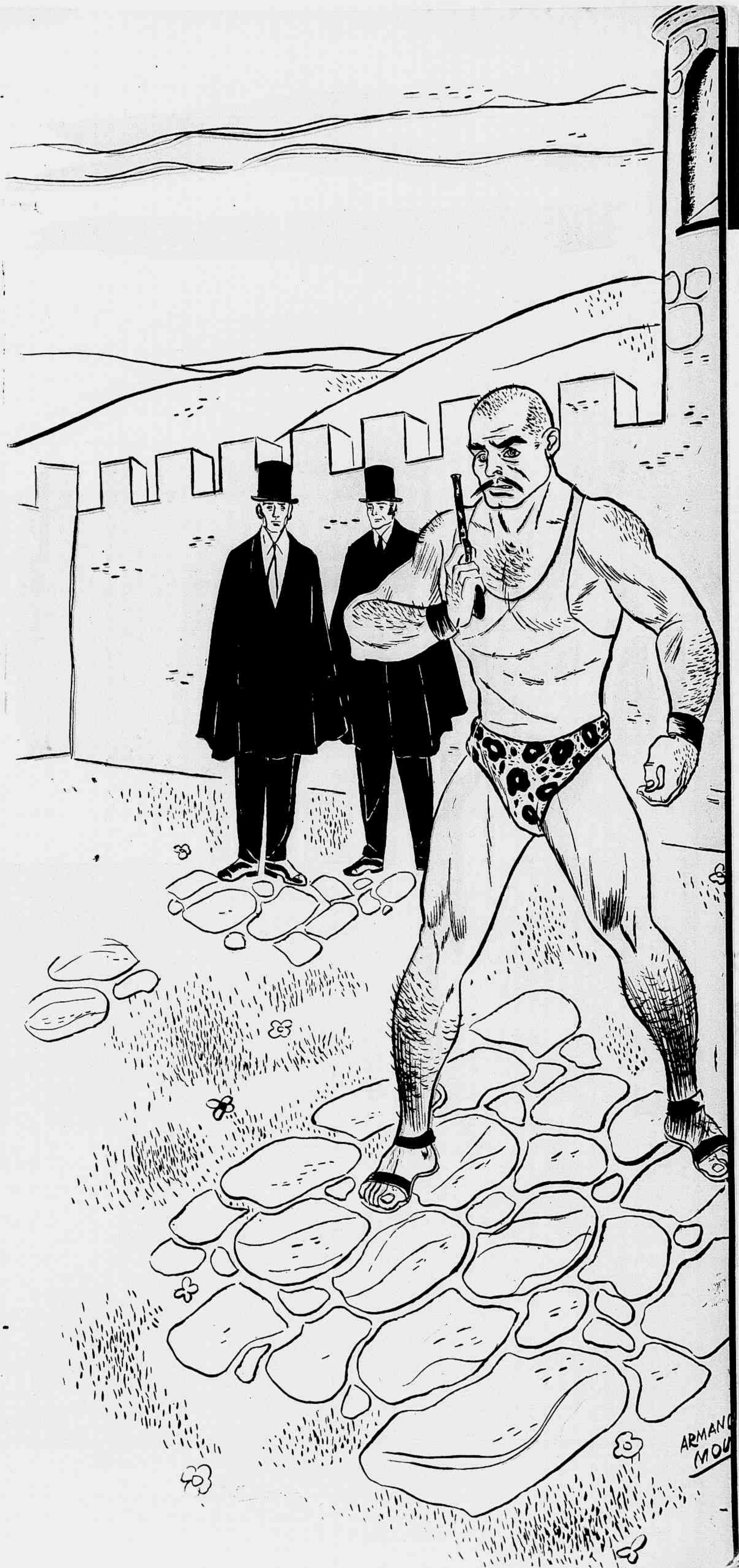
Empalideci. A partir daquela noite não fui mais ao circo. Quatro dias depois me dispunha a comer em minha casa, tranquilamente, um pé de ganso, quando, pela janela aberta, uma mulher saltou para meu quarto.

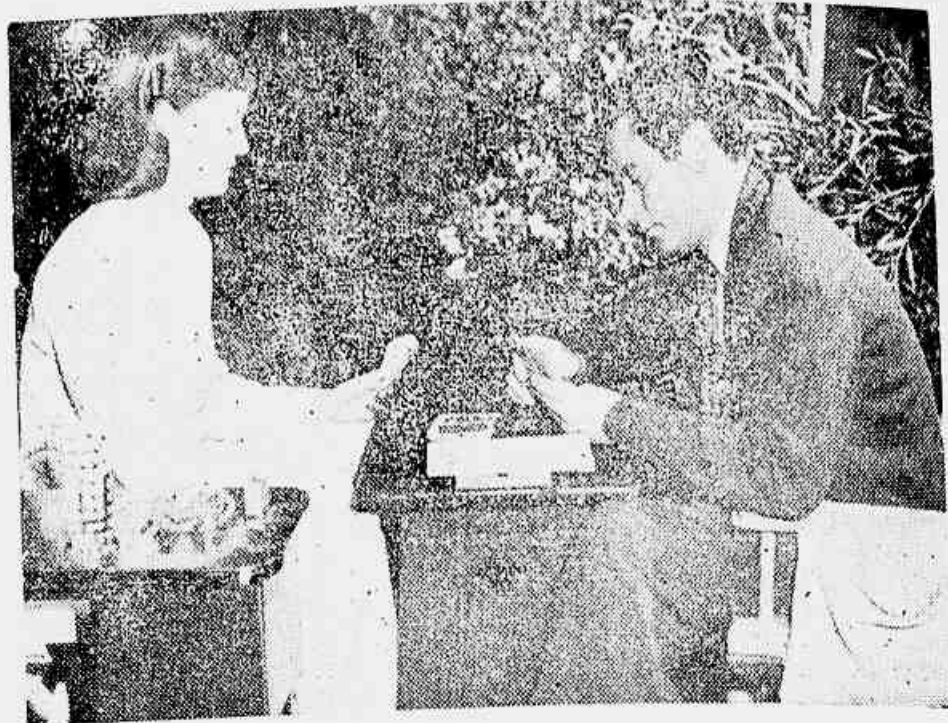
Era ela: a senhora Ciniselli. O pé de ganso caiu de minha mão. Fechei a janela e coloquei-me em sua frente.

— Escute... escute... espere um momento... volto agora mesmo.

Tranquei a mulher em meu quarto, corri ao circo e disse ao marido:

(Continua na pág. 39)



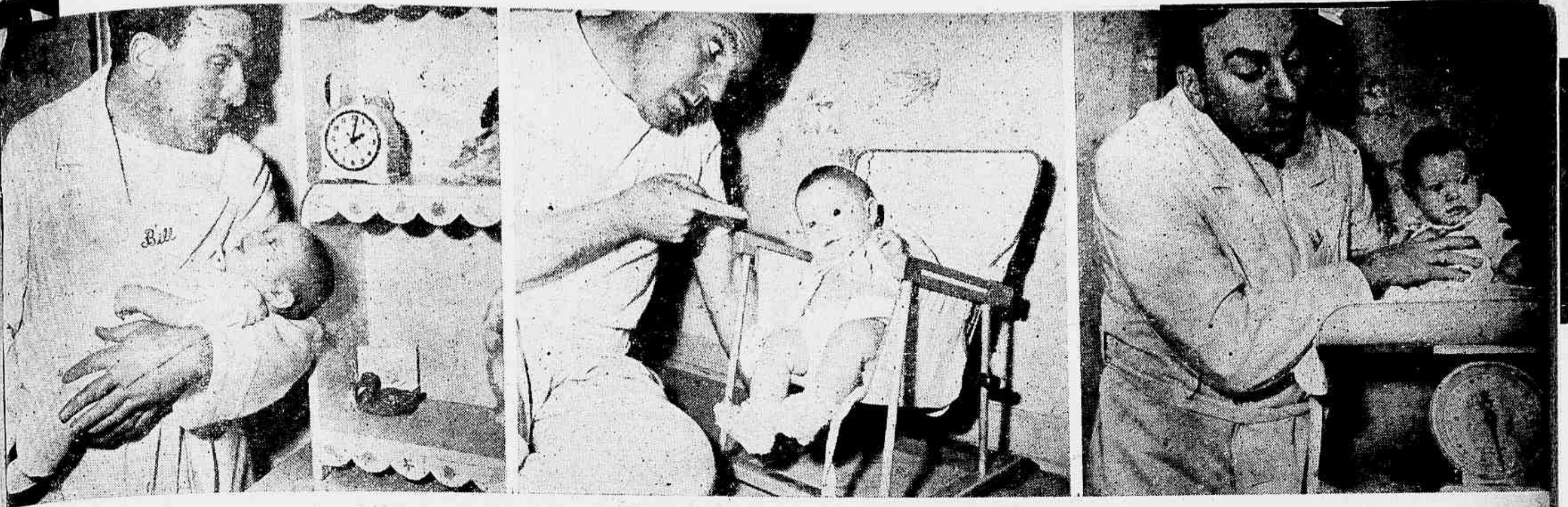


Num intervalo da filmagem de "A stolen life", na Warner, seus protagonistas, Bette Davis e Glen Ford que reaparece nessa película, entretem-se jogando, bebendo refrescos e fumando. Vê-se sobre a mesa o "script" da peça, que sempre acompanha os intérpretes.

DE CINEMA

Hollywood, junho. (Per Luiz Serrano, correspondente da REVISTA DA SEMANA) — Aqui vão alguns recentes e palpitantes acontecimentos cinematográficos locais: — Ao alto, à esquerda, Joan Crawford, cuja volta se fará agora no filme da Warner "Mildred Pierce", em companhia de Zachary Scott, autor do "script", e Frank Heath, assistente do diretor. Em baixo, à esquerda, Mickey Rooney, que agora está servindo na armada de Tio Sam, oferece autógrafos aos soldados ingleses, na Bélgica, depois de tomar parte em um animado "show". Mickey Rooney não filmará tão cedo. À direita, Barbara Stanwyck recebendo as homenagens de seus companheiros da Warner, quando ali filmava "Christmas in Connecticut". Era dia do aniversário da "estrela". Da esquerda para a direita: Reginald Gardiner, o diretor Peter Godfrey e Dennis Morgan. A esposa de Robert Taylor ganhou um pergaminho com a assinatura de todo o pessoal do estúdio e um delicioso bolo, que foi repartido fraternalmente entre os rapazes e moças que ali estavam em atividade.





Foi no filme "Irmãos em Armas" que William Bendix, às voltas com a guerra no Pacífico, resolvia adotar um pequeno chinês, lembram-se? Mas aqui o vemos, tomando instruções para alimentar um novo 'Chin-Chin', que será seu filhinho adotivo no filme da 20th. Century-Fox "Don Juan Quilligan". O garotinho tem dois meses e chama-se Bill. Na vida real parece que também ficará adotado por William Bendix.

Uma trindade bendita constituída pelas "estrelas" Barbara Stanwyck e Alexis Smith, que vão aparecer, juntas, no filme da Warner "The Two Mrs. Carrolls". O herói da história é Humphrey Bogart, e as duas espósas de mr. Carrolls são a espósa de Robert Taylor e a sua companheira. Mark Hellinger, produtor do filme, é o felizardo que se vê na gravura. Barbara Stanwyck parece estar gostando da gravata!



Nosso correspondente em Hollywood, sr. Luiz Serrano, em visita aos estúdios da Warner, quando neles se filmava "The time, the place and the girl", foi convidado a ensaiar alguns passos do legítimo samba carioca para um número, intitulado "A Rainy Night in Rio". E aí o vemos, acompanhado por Chandra Kaly, famoso dançarino internacional, e um grupo de pequenas latino-americanas. Muito lindas, por sinal!



Não canse os braços,
use Brasso!



J. W. I.

Hidrex O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático, econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas e perfeitas pela casa

PAN • LUX
RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

ATENDEMOS COM PRAZER A QUALQUER CHAMADO OU PEDIDO TELEFÔNICO DE INFORMAÇÕES

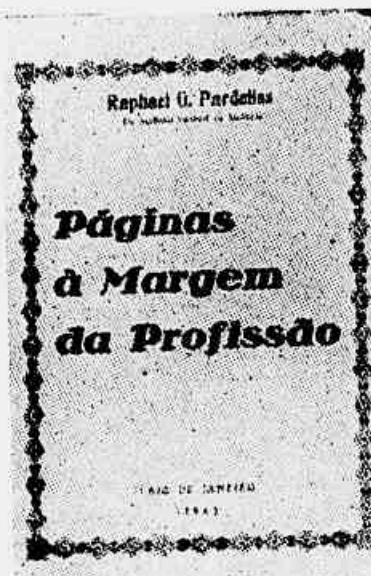
QUE BANHO DELICIOSO!

PAN • LUX
MARCA REGISTRADA

VENDAS A VISTA E A LONGO
PRAZO PELO SISTEMA
S. E. R. V. E. LTDA.
Largo da Carioca, 5 - S 503 - Fone 42-8391

Livros

PÁGINAS À MARGEM DA PROFISSÃO, memórias e panegíricos, de Rafael G. Pardellas, da Academia Nacional de Medicina — Rio de Janeiro, 1945.



É um livro que, com bela e veemente eloquência, nos fala ao espírito e ao coração. Obra dum professor de Faculdade, a todos nos ministra salutares lições de veneração pelos mestres, afecto aos discípulos e a todos os companheiros, boa vontade, generosidade, nobreza de ânimo para com toda a gente.

O Sr. Rafael Pardellas serve-se dum estilo modelarmente claro e directo, simples no melhor sentido do termo, para nos confiar as suas memórias, desde o tempo, não longe ainda, de estudante até à actualidade de mestre. Tudo está exposto com um acento de sinceridade, uma lealdade do narrador com os leitores e consigo próprio, um condão íntimo que deveras cativa. Veem depois, entre discursos mais ou menos extensos, proferidos em atos oficiais e celebrações, homenagens aos vultos da ciência a quem o autor se sente intelectual ou cordialmente ligado, pelo apreço ou pela gratidão — ou ainda, como em diversos casos, pelos dois sentimentos juntos. Esta série de louvores acusa bem o júbilo definido naquele princípio familiar às almas superiores e segundo o qual admirar é ainda melhor do que ser admirado. Assim o Sr. Rafael Pardellas rende o seu preito a mortos e vivos: Miguel Couto, Domingos de Góes e Vasconcellos, Dias de Barros, Fernando Magalhães, Helion Póvoa, Afrânio Peixoto, Aloysio de Castro, Clementino Fraga, tantos outros que lhe inspiraram a tendência glorificadora.

Vejam, como exemplo, o que nos diz do Sr. A. Austregésilo, a propósito da sua compulsória como lente da Faculdade:

"Inteligência diamantina. Bondade pródiga e acolhedora. Têmpera rara que a lutas e vicissitudes não abalaram na prática da árdua profissão que, apaixonadamente exerce e ilustra. As primaveras que uma lei do magistério soma, inflexível, não lhe impozeram restrições nas atividades didáticas ou profissionais. Velho por lei, moço, porém, de fato, cabe-lhe a glória invulgar da emergência fora da senectude. Austregésilo é e ainda será por muito tempo o mestre insigne, o médico perfeito, o intelectual privilegiado, o espírito público de escol e sobretudo um expoente multiforme de nossa cultura. Como um dos maiores da tradicional aristocracia médica brasileira, cabe-lhe, sempre e cada vez mais, a cátedra que o saber e a experiência impõem a toda hora e por toda parte. Se a Faculdade o perdeu, guardou-o a Medicina.

Que viva o mestre longamente a derramar ensinamentos, conselhos e afectos. Da utilidade de sua vida dinâmica e devotada continuarão a desfrutar a Medicina, a Pátria e a Humanidade."



BRIGUELA, "romance de maus costumes, em três tempos", de Iago Joé — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1945.



Mais um romance feito de coisas sucedidas. "Os episódios desta história — previne uma nota liminar — são quase todos verídicos." Vemos assim acentuar-se, na produção literária de São Paulo, a tendência que apanha da vida real ocorrências e indivíduos, para os romancear. Está visto que tal condição não depõe a favor nem contra o merecimento dos autores. Que estes aliem à observação em conjunto da vida real entrecos de pura imaginação e das categorias ou pontos de semelhança de personagens extraíam a condensação, a síntese, que é o "tipo" de romance, ou estritamente se valham de fatos quer presenciados quer de outrem ouvidos — o resultado, no livro, pode ser magnífico ou ir ficando daí para baixo até ao menos interessante. Tudo depende da "maneira" do escritor. Registrando, portanto, nas linhas de apresentação de *Briguela*, a circunstância do "acontecido", não quisemos encarecer nem depreciar o romance do Sr. Iago Joé. Foi apenas para assinalar, mais uma vez, como a Sra. Luciano Dupré, a vitoriosa autora de *Eramos seis*, está fazendo escola.

Em certa cidadezinha do interior paulista, um grupo de rapazes assistia a um entremez de fantoches, quando um deles achou o herói da peça, João Briguela, parecido com outro garoto, de seu verdadeiro nome Alarico Pedroza. Desde esse momento, por assim dizer, desaparecia o nome, dando lugar ao apelido. Para usarmos o estilo do livro, Alarico virou Briguela. E com esta alcunha, que tanta gente lhe havia de aplicar sem saber donde ela proviera e até julgando-a batismo verdadeiro, o protagonista cresceu, chegou a homem; exerceu vários mistérios; foi para São Paulo, onde se fez negociante; prosperou; casou a primeira vez, foi enganado; separou-se da esposa, arranhou nova companheira; e a história termina quando ele torna legítima, no cartório e na igreja, essa segunda esposa que, naturalmente, o trairá como a primeira.

A particularidade dominante do livro consiste na linguagem toda ela, na parte descritiva como nos diálogos, fotografada, digamos assim, do falar do povo. É como se um dos personagens, à imitação dos narradores capirás das *Leréias*, de Valdomiro Silveira, nos viesse contar tudo aquilo. E eis porque a leitura se torna especialmente pitoresca:

"Um dia surgiram espalhadas, no largo do Teatro, umas coisas velhas, com muito jeito de tralha de circo — lonas, caibros, cordoalha e folhas de zinco. Sentidos alerta, a criançada se alvoroçou, esperando um *escavalinho*. Engano. A Companhia Briguela é que ia funcionar numa barraca, ali mesmo, com artistas de pano e cabeça de pau, invento de um italiano meia-garrafa, quera imitar vozes."

Assim começa a biografia de Alarico Pedroza, vulgo Briguela, e assim, vivaz, curiosa, divertida, se desenvolve por duzentas páginas, a que se juntam as vinte e tantas dum glossário indispensável para a entendermos completamente.

MÁ DIGESTÃO, DISPEPSIA, DORES NO ESTÔMAGO

BIOGASTRINA

O DIGESTIVO IDEAL QUE GARANTE UMA DIGESTÃO NORMAL

Nova

A MISSÃO DO CRUZADOR JOSÉ BONIFÁCIO, páginas de recordação, pelo comandante Frederico Villar. — Prefácio do coronel Luiz Lobo — Edição da Biblioteca Militar — Rio de Janeiro, 1945.



Nestes capítulos reconstitue o Sr. Frederico Villar, a vinte anos de distância, o que foram os planos, a campanha e as aventuras da nacionalização da pesca e organização dos seus serviços no litoral do Brasil. É uma obra de documentação, de depoimento histórico, em que não raro transparece ou impera a nota da saudade. Não se recordam sem algum enternecimento os empreendimentos e os sonhos duma afastada época da vida. Naquele tempo, com um posto já eminente na Marinha, o Sr. Villar era ainda moço. Não importa isto em atestar que esteja hoje na velhice. Mas, se Henry Bataille, numa das suas mais belas obras de poeta, nos diz que o passado não passa nunca, continua, anda conosco e não atrás, adiante de nós, a verdade é que o não vemos com os mesmos olhos, o não sentimos com o mesmo coração de outrora. Recordar é reviver, mas gozando e sofrendo doutra maneira...

Abre o volume um preito à memória do primeiro tenente Gumerindo Loretto pelo "seu inconsolável comandante e amigo". E na sucessão dos capítulos acompanhamos, desde as primeiras medidas administrativas, as fizes da expedição que o cruzador *José Bonifácio* levou por toda a costa brasileira; e finalmente assistimos à consagração oficial e pela opinião pública desses trabalhos memoráveis. E "a história da nacionalização da pesca", diz no prefácio do livro o coronel Luiz Lobo. E acrescenta:

"Leiam-nos todos os nossos compatriotas e os estrangeiros curiosos de nosso passado. Eloquentemente ela dirá como foi hercúleo o trabalho de erguer pelo litoral inteiro do Brasil, na orla oceânica ou nas margens ribeirinhas, a muralha de nossa segurança às agressões marítimas com homens sãos de espírito e de corpo, conscientes de seus direitos, instruídos de seus deveres e capazes de defendê-los e de cumpri-los com eficiência e bravura. Guardem e transmitam à posteridade os nomes desses abnegados marinheiros, e os evoquem com devoção cívica, porque eles se sagraram beneméritos da Pátria."



FRANCESES, NOS CREMOS EM VOS, programas da PRA2 — publicação do Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1945.

A Sra. Beatrix Reynal, poetisa de nobre talento e da mais generosa sensibilidade, organizou estes programas radiofônicos quando a França mais precisava de vozes que pelo mundo inteiro proclamassem o seu direito à bemquerença dos povos.

Os dois lustros anteriores ao conflito universal tinham, se não abalado, pelo menos ameaçado gravemente o prestígio daquela mestra e guia de nações. As lutas duma política de indivíduos; os problemas mal encaminhados do capital e do trabalho; as correntes populares que fomentavam as reivindicações, as greves e, enquanto o inimigo visinho se armava progressivamente, determinavam crises de paralisia até nos estaleiros, arsenais e fábricas de material bélico — tudo isso colocava a França, perante todo o estrangeiro, na situação duma entidade gloriosa e outrora robusta, que se deixa debilitar e decair, renunciando cegamente aos meios, não já de se fazer respeitar, mas simplesmente de se defender. O mundo deixava de confiar na França. E pareceu que essa espécie de suspeição se justificava inteiramente, com o assalto dos exércitos do Reich, a sua fácil vitória e a função colaboracionista do regime de Vichy. Foi então que a propaganda, por todos os continentes, em favor da grande nação abatida e sob certos aspectos deslustrada, se tornou tão necessária como a intervenção das armas inglesas, russas ou americanas o próprio esforço e o sacrifício dos verdadeiros patriotas, do exército clandestino e dos *maquis* mais que heroicos, inspirados. Com efeito, por toda parte surgiram, mais ou menos numerosos, mais ou menos valorosos, os paladinos do livro, da tribuna, do jornal. No Brasil a campanha rangeou os servidores mais convictamente dedicados. E assim a Sra. Beatrix Reynal, empreendendo uma série de alocações pelo Rádio, teve a satisfação de ver o seu apelo atendido por homens de letras e artistas entusiasticamente dispostos a colaborar na bela obra.

As contribuições enviadas para esse programa aparecem agora em livro. Compõem duzentas páginas de amplo formato. Nelas se encontram, entre numerosos outros escritores, os membros da Academia Brasileira de Letras Afrânio Peixoto, Pedro Calmon, Roquette Pinto, Levi Carneiro, Cláudio de Souza, Olegário Mariano, Aloysio de Castro, Rodrigo Octavio Filho, Alceu Amoroso Lima, Hélio Lobo, Múcio Leão e João Luso. E há a notar uma página do Ministro de Estado Gustavo Capanema, outra do Sr. Jules François Blondel, embaixador francês, e outra ainda do Sr. Fortunat Strowski, do Instituto de França.

J. L.

BOLETIM GEOGRÁFICO — Recebemos o n. 21, correspondente a Dezembro de 1944, 2.º ano, do Boletim Geográfico, mensário de informações, notícias, bibliografia e legislação, editado pelo Conselho Nacional de Geografia.



CONFERENCIA DAS CLASSES PRODUTORAS. — Rio — Maio — 1945.

Recebemos um exemplar do discurso proferido pelo Sr. João Daudt d'Oliveira na instalação da Conferência das classes produtoras realizada em Terezópolis em 2 de Maio deste ano.

O discurso, já divulgado na imprensa diária, aborda dirversos assuntos.

HEMORRHOIDAS? Tome **Paulas de Merva de Richo**
LAC 3518-14-3 925 D.M.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS
Condições! Óptimas! Infallíveis!

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - 5.º. Et.

Nome

Rua

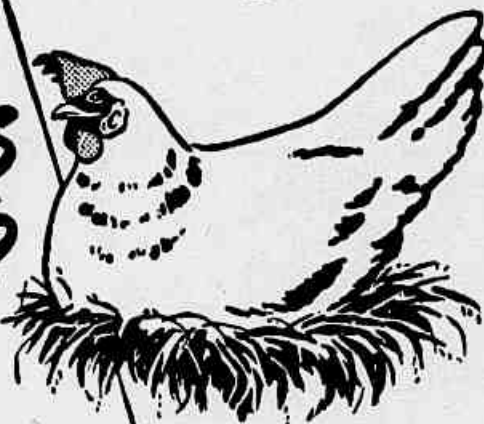
Cidade

Estado

R S

GOSTA

de frangos e ovos?



PEÇA HOJE MESMO O FOLHETO ABAIXO!

Sem compromisso de minha parte, envie-me o folheto "EM MEU QUINTAL UMA GRANJA"

Nome

Rua

Cidade

Estado

Pois, é fácil obtê-los, deliciosos e fresquinhos! E isso sem submeter-se aos elevados preços de hoje. Sim! Tenha-os em abundância. Basta aproveitar seu quintal, uma vez que nada é tão simples como criar galinhas. E, ainda mais, graças ao sistema idealizado pela SCAL, esta criação se torna extremamente fácil e interessante. Uma criadeira, trinta pintos, dez quilos de ração — e tudo! E, em poucos meses — frangos, galinhas, ovos com fartura!

SCAL
O CAMINHO CERTO EM AVICULTURA

SOC. COMISSARIA AVICOLA LTDA.

RIO: RUA DO LAVRADIO, 17 - FONE 22-7999
RUA DOS ANDRADAS, 115 - FONE 23-3490

Voga Publicidade

A aventura do tenente ferido

(Continua na pagina 22)

Depois, vendo Nikki, tornou a sorrir da mesma forma.

— Alô, garotol

— Como vai, bonito?

— Mal, menina; eles me subtrairam um daqueles "prolongamentos excessivos", como você costumava dizer...

— Então, agora, você está bem na altura para mim, hein, bonito?

Subitamente ele riu, mais aliviado.

— Não pensei que você fosse receber a notícia com tanta coragem...

— Você não teve?

— Às vezes eu perco, sabe?

— Bem, então vamos fazer uma sociedade. Você já entrou com muito capital de coragem. Agora é a minha vez, está bem?

Ele novamente riu.

— Você é maravilhosa!

— Oh, caro sr. Jack Senter, o senhor ainda não perdeu o mau hábito de dirigir cumprimentos às moças!

Ele riu, desta vez com vontade, quase como nos velhos tempos.

Mais tarde, depois de conversarem muito tempo, ele conseguiu falar na tragédia, sem se perturbar de mais. Era evidente, todavia, que estava profundamente abalado.

— É um mistério. Sim, um mistério. Ninguém sabe como foi que os japoneses souberam da hora do ataque. Imaginem que era um ataque de surpresa e que ninguém, ninguém a não ser um de nós, sabia a hora e o local do ataque.

— Mas como foi que os japoneses souberam?...

— Bem. Nós conseguimos prender o cúmplice que

levou a informação, mas ninguém até hoje descobriu como é que esse homem soube da hora, local e mesmo da espécie do ataque.

Ellery estava pensativo.

— Quem foi o cúmplice?

— Um nativo, um filipino.

— Ele estava em contacto com as tropas?

— Bem, estava. Era empregado num bar que nós frequentávamos.

— E você tem a certeza de que nunca ninguém disse nada, na presença dele, que pudesse levá-lo a descobrir?

— Nunca.

— Conte-me, com o maior número de detalhes possível, a última vez que vocês estiveram com ele antes do ataque.

Bem, foi na véspera, exatamente, depois de receber as ordens para o ataque nós fomos tomar alguma coisa no tal bar. O homem estava lá. Conversámos. Eu me lembro bem daquela conversa. Você sabe que todos os meus companheiros morreram. Só eu sobrevivi. Não posso esquecer as últimas palavras dele...

Eram três: Tex, Indiana e Jack.

NA CONVERSA QUE SE SEGUE ESTÁ A INDICAÇÃO DO LOCAL, HORA E DA ESPÉCIE DO ATAQUE AOS JAPONÊSES. OUVINDO-A, O ESPIÃO FILIPINO CONSEGUIU TRANSMITIR AO INIMIGO A INFORMAÇÃO. COLOQUE-SE NO LUGAR DELE E TENTE DESCOBRIR.

— Que é que vamos tomar, Jack?

— Não sei. O que vocês quiserem. Tex?

— Hum?

Que foi que a pequena do baile disse a você, depois que nós saímos?

Tex começou a rir.

— Bem, primeiro ela falou mal de todos vocês, especialmente você e Indiana. Depois perguntou:

— Você sabe dançar Jitterbug?

— Ora, sei! Então não sabia que o nosso avião se chama "Jitterbug" por minha causa?

— Não. Não sabia.

— Pois é.

Indiana interrompeu a história.

— E vocês dançaram muito?

— Se dançamos. Meu velho, quando acabou o baile ela me disse: "Menino, você dança o Jitterbug", mas também quebra as pernas da gente".

Todos riram.

Depois Tex perguntou:

— Por que é que você está com essa cara triste, Indiana?

— Estou pensando na família.

— Besteira. Esse negócio de pensar na família só serve para fazer a gente triste. Esqueça tudo, velho!

— Mas não posso deixar de pensar. Penso em Maisie e no garoto, na nossa fazenda, em Indiana...

Jack sorriu:

— Não fale sobre isso, senão eu começo a falar sobre Broadway e Nikki Porter e vocês acham ruim...

— Também, você não nos dá uma folga com as suas duas maravilhas do mundo...

— Eu acho melhor nos irmos andando. Já está ficando tarde, hein.

— Ora, espere mais um pouco. De qualquer forma nós vamos ver a madrugada surgir com o trovão.

— É verdade.

— Tome mais um drink.

— Bem, para fazer a vontade de vocês...

— Sabe o que foi que o coronel me disse outro dia?

— Não.

— Ele virou-se para mim e disse: "No próximo combate você é capaz de ganhar uma medalha".

— Pois, para mim, você ainda tem que esperar muito para ganhar a medalha.

— Não sei por que.

— Ora, então você pensa que para ganhar a medalha

(Continua na pagina 44)



Irresistível!

Irresistível

será a sua cutis, se a sra.

usar VAN ESS porque estes pós

e "rouges" - atomizados - dão à

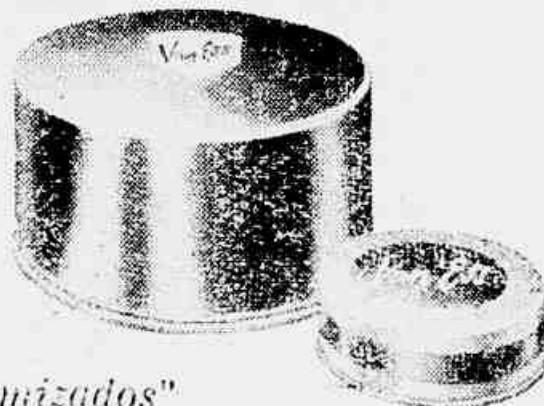
pele uma suavidade de pétalas, frescor

de orvalho, fragrancia de flores...

VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

pó de arroz e "rouge"

Van Ess



"atomizados"



McC

★ Use também o baton VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIDINA

Meu duelo com Ciniselli

(Continuação da pág. 3)

— Cavalheiro! Sua mulher está em minha casa.

— Miserável! — exclamou o tarzan e exímio atirador, arrojando-me contra a parede.

— Mas, suplico-lhe; aqui está a chave, vá buscá-la.

— Vou. Mas saberei cumprir com meu dever.

Arrancou de minha mão a chave do meu quarto, levantou-me no ar, segurando-me pelas pernas, e dêste modo me levou pela rua.

No dia seguinte me desafiou.

Eu fiz a mim próprio estas perguntas:

— Pode considerar-se como cavalheiro um homem que, em camiseta e no circo, levanta num impulso trezentos quilos de peso?"

"Pode considerar-se como cavalheiro aquele que tira de cima da cabeça de sua esposa uma maçã com uma bala de revólver?"

"Pode considerar-se como cavalheiro aquele que pega um homem pelas canelas, e dêste modo o leva pela rua afora?"

Uma voz interior (provavelmente a de meu anjo da guarda, que não queria que eu me batesse), me disse que quem tais coisas fazia não era um cavalheiro.

Todavia uma voz exterior, a do conde Estêvão Károlyi, me disse que era um cavalheiro, pois

o conde Estêvão Károlyi tinha o hábito de dizer que estava disposto a bater-se com todo o mundo, até com um moço de corda. Por outro lado, era fácil de dizer, visto que pelas esquinas há poucos moços de corda que tenham a intenção de desafiar o conde Estêvão Károlyi.

E também o nome ilustre de que eu era portador, o nome de meus gloriosos antepassados, me obrigava a aceitar o desafio. De outra forma meus ilustres avós se agitariam em seus sepulcros, inclusive aquele a quem os infelizes atiraram do alto das muralhas de Jaffa, e que desde aquele instante desapareceu sem deixar rastro.

A LUZ FLUORESCENTE SYLVANIA

Atrai a freguesia e... custa menos

DISTRIBUIDORES
RUA DO PASSEIO, 48-56 — RIO

MESBLA

S. PAULO P. ALEGRE — PELOTAS
B. HORIZONTE NITEROI RECIFE



Aceitei, pois, o desafio. As testemunhas decidiram que fôsse a trinta passos, avançando cinco e disparando uma vez.

Era a morte certa. Redigi meu testamento, escrevi algumas cartas de despedida. Pela última

vez fiz uma refeição excelente, e fiquei muito tempo à mesa. Minhas testemunhas queixavam-se, dizendo que chegaríamos atrasados.

Salvei da sobremesa, pelo menos, duas maçãs, metendo-as no

O Romance de um perfume suave...

num sabonete consistente,
puro e econômico!

Numa sinfonia de caríssimas essências, combinadas num "bouquet" suave e delicado, a abundante espuma de Gessy protege e embeleza sua cutis. Seus finíssimos óleos vegetais exercem sobre a epiderme uma ação rejuvenescedora, restaurando-lhe o viço, a mocidade, o frescor. Experimente esta fina criação da indústria brasileira: Gessy. Gessy tem massa uniforme e consistente e é mais econômico. Gessy vale por um tratamento de beleza.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA
J. W. T. 14.247

Sois Noivos?



Quereis a felicidade?

COMPRAE AS VOSSAS

ALIANÇAS E ANEIS DE NOIVADO

Na **CASA MASETTI**

A Casa dos bons relógios

SEMINARIO, 131-135 • MARCONI, 44

SÃO PAULO

N. B. — Aos residentes no Interior que queiram obter as Alianças da Felicidade, enviaremos Catálogo ilustrado com calibrador para medidas. Queiram servir-se do Reembolso Postal

A Debilidade SEXUAL e o seu Tratamento moderno

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reservas do organismo, a qual reanima dando-lhe nova vida e vigor. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino.

Encontra-se à venda em todas as Droguarias e Farmácias.

Formula do Prof. AUSTREGÉSILO
Remetemos, pelo reembolso postal — Cr\$ 25,00 o Vidro
Produtos Panvital — Rua da Estrela n. 6 — RIO DE JANEIRO

bolsão. Ainda tive tempo, pelo caminho, de comer uma, e os padrinhos admiravam meu sangue-frio.

No picadeiro do quartel pusemo-nos frente a frente. Fui eu quem atirou primeiro, e errei o

tiro. "Adeus, mundo!", murmurei e baixei tristemente meu revólver.

Via como Ciniselli avançava tranquilamente seus cinco passos e levantava a pistola.

Então meti a mão no bolso e encontrei a maçã.

— Um momento! — exclamei, e coloquei a maçã sobre minha cabeça.

Vi que o rosto de Ciniselli gesticulava, exprimindo, refletindo uma dor física, como se lutasse contra si mesmo; seu braço se desaprumou várias vezes; tornou a levantá-lo... por fim atirou, e a bala levou a maçã de cima de minha cabeça.

Em poesia isto se chama "a força do consonante". Ciniselli havia lutado contra aquela força, mas não conseguiu vencê-la.

Estava salvo!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".
Proprietário: a

Amadores de arte

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 29)

Pergunta então timidamente a Giacomo:

— Quanto quer por isso?

O dono da casa levanta os cinco dedos com um deles um tanto curvado para dentro, por modéstia ou um pouco por prudência. Não queria abusar.

— Imagine — comenta o viajante — que ele pede 500 libras por isso. E' um roubo se nós aceitarmos. Daremos a ele mais cem libras. Ora que idiota!

Giacomo tencionava cobrar cinco libras... E já pensava que era abuso.

Quando recebe o dinheiro, sente um frio no coração e raciocina em voz alta:

— Regostei-te, velho Giacomo! Ainda há imbecis no mundo. Na verdade são estrangeiros, mas tua pátria não está fechada à imigração.

Seis meses mais tarde levam-me para contemplar a garrafa de vinagre e fazem-me o histórico da sua origem, assegurando-se que em Paris os conhecedores haveriam de querer dar quatro mil francos por ela... Obrigam-me a extasiar-me diante dos arranhões, diante da poeira e da sujeira que as unhas gordurosas de Giacomo deixaram, afirmando que cada mácula é a assinatura, por assim dizer, dum Capeto, duma Carolíngio ou de um Stuart.

Portanto não é de admirar que eu, que tenho relações com o dono da casa, levante-me bruscamente e declare com voz trêmula designando com a cabeça o frasco de vinagre:

— Ou ele ou eu! Escolham!

E ainda quando a coisa é comparada entre nós, na cidade, no mercado. Em uma caneca defeituosa um homem engenhoso derramou "kvass" durante quatro anos; depois atirou-a ao chão. Ele perdeu o fundo e ficou verde.

Consideram-me ignorante se eu me recuso a ver nela uma das melhores produções da época de Pedro o Grande.

E' preciso muita coragem, hoje em dia, para demonstrar uma natureza prosaica, refratária à estética. Gosto duma macia poltrona inglesa de bom couro, recentemente saída da loja. Prefiro mil vezes uma lâmpada elétrica a um lustre antigo que fumeja tristemente pendurado ao teto. Quando me informam numa loja que a estante que tenciono comprar conta cinquenta e quatro anos, eu declino formalmente a honra de celebrar seu jubileu em minha casa. Outros que se encarreguem disso... Em prisas éras fazia-se fogo com o auxílio de dois pausinhos que se esfregava um no outro. Devia ser pitoresco, segundo as descrições dos romancistas. Mas se cada indivíduo de tendências estéticas, para fumar um cigarro, tivesse que parar na rua para esfregar dois pausinhos até que saísse fogo, não seria tão pitoresco! Já é necessário respirar demasiadas nulidades presentes para que se adicione uma guarnição bem sortida de poltronas respeitáveis, mesas veneráveis e vasos inestimáveis. Assim a pessoa fica reduzida a guarda de museu: a tirar o chapéu diante da porta do próprio gabinete e a saudar docilmente à direita e à esquerda. Para mim, não. Não, senhor. Dispensol

LUZ FLUORESCENTE um suave milagre

Uma série de miraculosas invenções — presente da ciência à nossa geração. Entre as mais recentes, crescendo rápido em popularidade, a luz fluorescente. Fria, difusa, econômica, é mais uma contribuição ao conforto da vida moderna. Fábricas, lojas e escritórios, salões e hospitais gozam hoje dos benefícios deste suave milagre. Seus usos se multiplicam, à medida que as novas lâmpadas adquirem aperfeiçoamentos. Lembre-se de que a General Electric, líder de todas as formas de iluminação, também marcha à vanguarda nos estudos, pesquisas e realizações que visam lâmpadas fluorescentes ainda melhores.

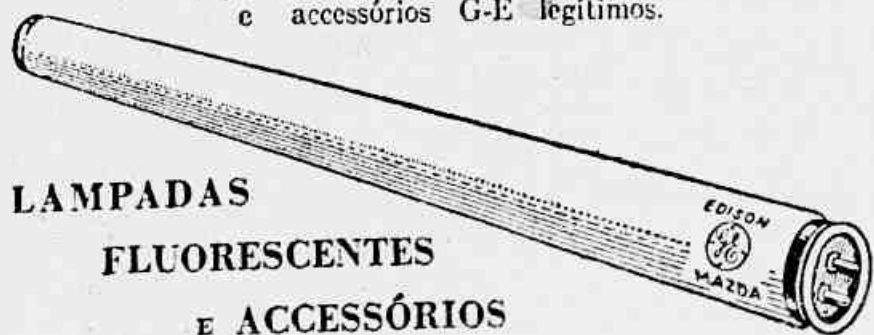
Ouçá os "Festivais G-E", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22,05. Em ondas médias (PRE-8, 980 kcs) e curtas (PRL-7, 30,86 metros.) Um programa musical, com atrações para todos os gostos.

revelando a beleza da
forma e da cor...

Generosa e repousante, a luz das lâmpadas fluorescentes G-E Mazda realça os belos contornos, dá mais destaque às cores, torna os ambientes mais atraentes. Para sua completa satisfação, exija lâmpadas fluorescentes e acessórios G-E legítimos.

LAMPADAS
FLUORESCENTES
e ACCESSÓRIOS

GENERAL  ELECTRIC



DE Música

A ESTREIA DE ERICH KLEIBER

Chegou, finalmente, Erich Kleiber, para matar as saudades dos admiradores que conquistou durante a temporada do ano passado.

Tomando a direção de uma orquestra maltratada por uma série de regentes mais ou menos incompetentes, na opinião dos próprios músicos, ele provou, definitivamente, que se não se tinha feito melhor até então não era por culpa destes últimos. Hoje, todos concordam que as poucas falhas que ainda restam na orquestra são devidas a dificuldades materiais, tais como instrumentos velhos e defeituosos, etc. Mas no que diz respeito à interpretação, na unidade, na compreensão das obras executadas não há mais nada a dizer.

Contou-me, certa vez, um frequentador assíduo de concertos que não via a necessidade do maestro, que, na verdade, o que reparava era que o regente ia para um lado e a orquestra seguia, conscienciosamente, para outro. Eu respondi a meu amigo que não repetisse a opinião em público porque poderiam tomar por grande ignorância o que, de fato não passava de uma verificação que mostrava a sua perspicácia. Na verdade, com maestros que são verdadeiras nulidades — reparem que eu quero, aqui, deixar expresso que há raras e bemvindas exceções — ele, que estava habituado a frequentar os concertos sinfônicos do Rio de Janeiro, não poderia deixar de formar essa opinião errônea. Sim. A orquestra era obrigada a seguir por outra trilha, porque o maestro, em geral, não tendo noção do que fazia, ou tendo noção errada do que deveria fazer, queria por força arrastá-la a monstruosidades interpretativas.

Não. A orquestra do Teatro Municipal é boa. Excelente, mesmo. E isso se nota quando ela é guiada pela batuta extraordinária de um Kleiber. Imediatamente, ganha limpidez. Esse é talvez, um dos maiores defeitos das nossas orquestras: falta de nitidez e pureza.

Mas Kleiber, com sua análise lúcida da partitura, marcando os menores detalhes antes de atirá-los no conjunto, acerta logo essa parte. Quando há arroubo, não é um arroubo ininteligível, é uma eloquência clara e precisa. Para fazer uma comparação ilustrativa: quando um orador de má dicção se entusiasma, as palavras parecem vir-lhe à boca mais rapidamente que as pode pronunciar; e disso resulta um atropelo desagradável e inteligível.

A condição principal para dar a ni-

tidez é articular bem, manter o domínio sobre cada instrumento em particular além de todos os instrumentos em conjunto. Kleiber ilumina a partitura com implacável precisão; exgota os recursos que o compositor fornece.

Acontece que a maioria de regentes que revela tal escrúpulo, em geral é composta de homens frios. Ora, isso é um defeito, porque, se os mostra uma coisa perfeita, mostra uma música inanimada. Não vejo essa deficiência em Kleiber. Pelo contrário, noto, mesmo, uma mistura de delicado lirismo e vigor realista na sua interpretação da "Pastoral", uma força dominadora na "Heroica".

Observo com prazer que estamos aprendendo muita coisa com Kleiber. Os próprios críticos limitam-se a sublinhar algumas características das suas interpretações. Não vão além. As restrições que até agora foram feitas tratavam mais da obediência dos músicos — aliás exemplar — à batuta do que ao

Conclue na pag. 45

À busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o seu ego do espírito. Benal encontra-se em todas as Drogras e farmácias.



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

SR. OLIMPIO DE LUCENA
MONTENEGRO

A Companhia Editora Americana, à rua Visconde de Maranguape, 15, Rio, pede que a pessoa supra referida compareça ao seu escritório com urgência.



"Robe de chambre" em seda estampada, guarnecido com babados do mesmo tecido. Logo após, "deshabillé" em cetim, com adornos de renda, todo recido com um "éclair" que sobe até o decote. A seguir, "deshabillé" em mousseline e renda, enfeitado com fitas de veludo. Por último, "robe de chambre" em fazenda estampada, ornamentado com babadinhos, que por sua vez se adornam de pequeninos galões. Em cima, três lindos modelos de combinações, e uma esplêndida calça de cetim com aplicações de renda.



NOIVAS

Para você que está vivendo o seu lindo sonho de amor, aqui estão alguns modelos, cada qual mais lindo para o seu "grande dia"! Chamamos a atenção para o primeiro à esquerda, com o originalíssimo entremeio em laços, ao mesmo tempo que o último, adornado de rendas e com a sua cauda principesca, também é digno de nota. E' preciso, porém, não esquecer que, antes de tudo, devemos escolher aquele que melhor se adapte ao nosso tipo.

m "éclair"
ntado com
de renda.

A beleza

depende tanto dos dentes!

O seu sorriso é o seu maior encanto... um sorriso que os seus dentes brilhantes, alvos e saudáveis, tornam radiante! No entanto, a nossa "civilizada" maneira de viver dificulta-lhe manter sempre lindos esses dentes.

A alimentação é importante. Escolha os alimentos que contenham as vitaminas e minerais adequados... e alimentos sólidos que proporcionem exercício aos dentes e gengivas. Visite periodicamente seu dentista, para exame.

...e faça questão de um dentífrico que seja puro e inofensivo...

Use o
**Creme Dental
SQUIBB**

Há de gostar do sabor... e da sensação de admirável frescor que lhe inundará a boca! Mas, o que é muito mais importante, o Creme Dental Squibb limpa com segurança. Não contém nada que estrague o esmalte ou irrite as gengivas — nenhuma substância áspera ou adstringente. É fabricado por uma casa que desde 1858 vem fornecendo produtos de qualidade às classes médica e odontológica. Experimente um tubo... hoje!



PROCURE O SÊLO DA
CASA SQUIBB... PORQUE
SQUIBB É UM NOME EM
QUE SE PODE CONFIAR

A aventura do tenente ferido

(Continuação da pág. 38)

basta ser doido. Meu Deus! Se alguém visse as loucuras que você faz com aquele aparelho...

— Mas o coronel não viu e ele está satisfeito.

— Hum.

— Escutem, eu acho melhor nos irmos andando. Está ficando mesmo tarde.

— Bem, não reclame mais. Já vamos.

O DADO MAIS DIFÍCIL E PORTANTO O ÚNICO QUE TEM GRANDE VALOR É O LOCAL. A ESPÉCIE DO ATAQUE E A HORA SÃO FÁCEIS DE DESCOBRIR. A SOLUÇÃO VEM A SEGUIR; SE QUIZER TENTAR PARE AQUI. NO CASO CONTRÁRIO CONTINUE A LER.

— Foi só isso o que dissemos — termina Jack.

— Disseram demais — completou Ellery.

— Como?

— É sempre perigoso falar sem pensar. É verdade que nenhum de vocês disse o nome do local nem a hora nem a espécie do ataque, mas, pela sua conversa, o espião pôde descobri-los facilmente.

A HORA — É simples. Está contida na frase "De quer forma nós vamos ver a madrugada surgir com o trovão". Era um ataque de madrugada.

A ESPÉCIE — Mais fácil ainda. Vocês disseram que o avião chamava-se "Jitterbug". E disse **nosso** avião. Logo, um avião com uma tripulação de pelo menos três homens, que eram vocês. Provavelmente mais. Um bombardeiro. O ataque seria feito por bombardeiros.

Tudo isso eu também descobri — disse Nikki — Mas o local? Quando é que eles mencionaram o local?

O LOCAL — Confesso que esse é bem mais difícil de descobrir. Mas não para quem conhece um pouco de psicologia e tem também alguma leitura da literatura inglesa.

— Como?

— Não conhece os poemas de Kipling?

— Sim.

— Em qual deles se fala na madrugada surgindo com o trovão?

— Oh!

— É isso. A associação de idéias ditou a construção da frase. A madrugada surgindo com o trovão foi provocado porque o nome de um lugar relacionado com essa frase estava presente nos pensamentos de vocês três, e esse nome tinha que sair de qualquer maneira se vocês não tomassem cuidado. Porque, se não soubesse expresso, sairia sugerido, como de fato saiu, e o espião, que evidentemente conhecia o poema, não teve dificuldade em identificar o lugar pelo título do poema: "Na Estrada de Mandalay".

E m São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Súcessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

ESTA e a unica apresentação de agua de colonia JEAN MARIE FARINA



Exijam
a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO

DE MUSICA

Conclusão da pag. 41

rumo que esta indicava. Isso não significa que todos tenham deixado as suas faculdades críticas à porta do teatro; dispostos a aplaudir, arrestritamente, todas as tolices que o maestro fizesse. Esse fato vem, mais propriamente, da ausência de tolices, da se-

gurança absoluta e da certeza que temos todos de que encontramos em Kleiber um dos verdadeiramente grandes. O que não nos impedirá de discordar dele, talvez, no futuro. Admiração não significa escravidão, mas sempre conscientes da autoridade dele, da sua grande compreensão.

Temos tido, ultimamente, entre nós, músicos que nos deixam inteiramente satisfeitos. Kleiber é, inegavelmente, um deles. Nada mais resta a dizer, portanto. Sobram-nos adjetivos, mas são simples aplausos, em coro com as estrondosas ovações que estragem no teatro após cada uma das partes dos concertos. Unamo-nos a elas satisfeitos.

Homenagem ao grande industrial brasileiro sr. Severino Pereira da Silva

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a reportagem que publicamos nas páginas centrais desta edição, focalizando as excepcionais homenagens que, recentemente, foram prestadas por parte dos operários da Cia. Manufatora Fluminense de Tecidos ao sr. Severino Pereira da Silva, uma das mais notáveis figuras dos meios industriais do País.

E O PALHAÇO QUEM É?

Uma senhora contou-me o caso, muito confidencialmente e, como os repórteres tem fama de indiscretos, fez o possível para ocultar o nome do protagonista da divertida história. Não foi difícil, porém, com uma investigação ligeira, descobrir o responsável. Entretanto, obedecendo ao compromisso assumido, não tenciono revelar o que ela, com tanto empenho, tentou manter em segredo. Direi, simplesmente, que o fato é verídico.

Ninguém está a salvo de um esquecimento inoportuno e foi precisamente isto que sucedeu ao herói, ou, para ser mais preciso, à vítima do episódio que estou narrando. Regendo de cór ele sentiu subitamente falhar-lhe a memória e olhou desesperado para o primeiro violino que, sem perceber, sorriu, amigavelmente. No auge do embaraço, ele não teve outro remédio senão seguir a orquestra em vez de dirigi-la. Porém acontece que nem sempre ele tinha tempo de preparar o gesto necessário para dar a impressão de que estava regendo. Muitas vezes regia ele para um lado e a orquestra seguia, placidamente, o seu caminho, para outro lado.

O público não percebeu o que sucedera. Nem os músicos. Um deles, somente, disse, ao finalizar o espetáculo.

— Vocês repararam que o homenzinho se perdeu, hoje?

Os colegas, a uma só voz, responderam:

— Você olha para ele? Vejam só que excentricidade! E olhar para ele não atrapalha a sua execução?

Evidentemente, esse maestro tinha a mesma utilidade que demonstrou, certa vez, um cantor ilustre, admirador de Beethoven.

Tendo conhecido o mestre havia muitos anos, ele não sabia que o genial compositor estava surdo, e, ao ser informado da presença de Beethoven em

Conclue na p. g. 47

*Suas pratas
espelham
sua personalidade!*



Silvo

LÍQUIDO PARA
POLIR PRATARIA



Ao mesmo tempo
LUSTRA e LIMPA
a Prataria!

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

**MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1306/9 — Fone: 22-1778

**Cabelos Brancos??
Escurecedor Discreto**

Informações:
Rua Flack, 163-Blo. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



Três modelos para o nosso inverno, cada qual mais encantador. O primeiro à esquerda, um costume elegantíssimo, está esplendidamente adornado com um galão de peles; o segundo, que também é um costume talhado com bastante elegância, se caracteriza pelo bordado que lhe rodeia o simulacro de bolsos. O último, com sua gola de "astrakan", o casaco longo, rodado, é de uma extrema graciosidade.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO * RIO

DE MUSICA

Conclusão da pag. 45

um de seus concertos, sentiu uma emoção tão grande que não pôde emitir uma só nota. Diante disso, um amigo correu imediatamente para Beethoven e pô-lo ao corrente da situação angustiosa. Este, enviou, então, um bilhete tranquilizador ao artista: "Meu querido amigo, não se preocupe com minha presença. Vim unicamente vê-lo cantar. Pode desalinhar tranquilamente que o público não descobrirá e eu não o ouvirei Ludwig Van Beethoven".

E' trágico o incidente do esquecimento e, ao mesmo tempo, tem seu lado cômico. Só nos resta dizer ao maestro. — Ah, que tentação de revelar o nome tão conhecido! Oh! Anjo da guarda dos charlatães! — O mesmo que Alfred Capus exclamou quando um escritor mediocre veio oferecer-lhes seu último livro:

— E' mesmo o último? Que felicidade!

Porém não creio que o ilustre regente nos anuncie tão cedo a sua aposentadoria.

Já repararam, sem dúvida, que esta crônica segue, numa conversa mal alinhavada. Não creio que isso seja um defeito. A autoridade de Rossini me garante que nada há de mal em ligar o trágico com o cômico, de relacionar duas coisas, que só tem entre si um laço muito frouxo.

Na estréia do Otelo, um amigo exclamou, surpreso, ao ouvir a marcha fúnebre que acompanha Desdemona ao sepulcro: Maestro! Mas... mas é o tema da calúnia, do Barbeiro de Sevilha!

— Que tem isso?

— Mas... mas como é que o senhor achou um meio de empregar... A morte de Desdemona, tão pura, e, além disso, um assunto trágico, relacionada com as palhaçadas de Don Basilio!

— Porque não? Não é o tema da calúnia? E Desdemona não morreu caluniada? E então? Que me diz a isso?

Diante da resposta de Rossini, não tenho dúvida em contar-lhes mais um caso interessante cuja ligação com o

CONFEITARIA TUPÍ

Na notícia ilustrada que a REVISTA DA SEMANA publicou em torno da inauguração deste moderno estabelecimento, em 2 do mês corrente, cometemos involuntariamente um engano que, nesta edição, procuramos corrigir, esperando merecer as necessárias desculpas dos dignos e operosos proprietários da Confeitaria Tupi.

Na foto que anteriormente estampamos na REVISTA DA SEMANA vêem-se, cercados dos seus auxiliares, os srs. Antonio Alves e Antonio Vidal, componentes da conceituada firma Alves & Vidal, proprietária do novo estabelecimento, cujas instalações e aparelhamento obedeceram ao que de mais perfeito e moderno existe nas grandes casas do gênero, desta cidade.

maestro em questão fica a cargo da perspicácia do leitor.

Maurel era um barítono de superlativa vaidade. Estando pronto para representar um dos principais papeis da ópera de Leoncavallo "O Palhaço", foi reclamar ao diretor da ópera: nunca, na sua vida cantara uma ópera em que o

personagem desempenhado por ele não figurasse no título. Exigia que se obedecesse à praxe, de qualquer maneira, ou não cantaria. Estava decidido a isso.

O diretor, porém, não se embarçou. — Meu caro Maurel, você tem toda a razão. Sua reclamação é muito justa. Sendo assim, eu vou mudar o título para

Desprende, joga
ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polir as dentaduras postizas, e manter as e em maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É atalho (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiza". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 111 - 1.º andar
Rio de Janeiro

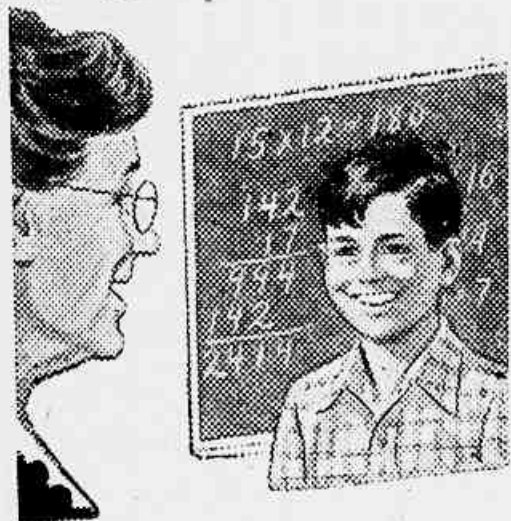
23-11

"Os Palhaços". Desse modo, você fica incluído, não é verdade?

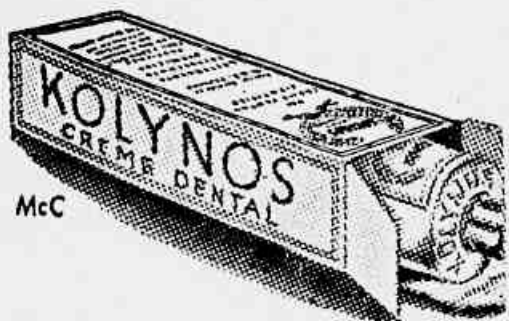
Maurel não percebeu a perversidade. Será que o leitor notou como a história veio a propósito?

ROBERTO LYRA FILHO

KOLYNOS
SOBRESSAI
EM TODAS AS PROVAS...



PORQUE É UTIL
EM TODAS
AS IDADES!



EXPERIMENTE
hoje mesmo
o CREME DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

Narciso Azul de Gally eterniza os momentos
sublimes com as mais doces recordações!...

À VENDA EM TODO O BRASIL

DIABETE — OBESIDADE — MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

**CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
REMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



MENAGOL
REGULA I

CABELOS BRANCOS?

LOÇÃO
Brilhante

BLUSAS

Duas lindas blusas para os seus costumes. A primeira abaixo tem como adorno a carreira de botões cobertos com a própria fazenda em que é executada, e aplicações também do mesmo tecido. A segunda, com a pala rematada em franzidos.

REVISTA DA SEMANA

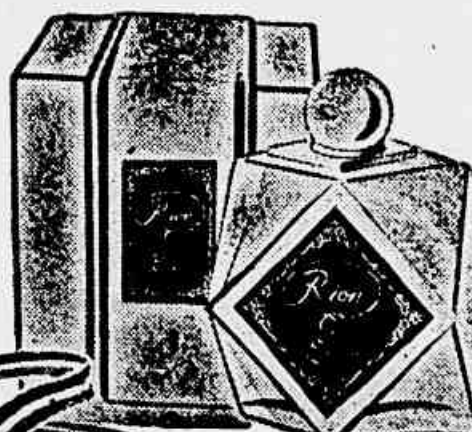
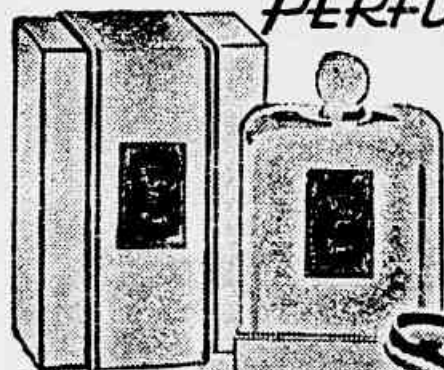
Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida ao sr. Olimpio de Lucena Montenegro para obter matéria destinada a esta revista.

Rua Maranguape, 15 — Rio.

A Administração.

**PERFUMES**

IM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

**PERFUMES**

BELLES FLEURS
MUSGO CHINE

05

LUIZINHA — Mas, afinal, para que tudo isto? Só para eu vestir e me olhar no espelho? Tudo isto é uma inutilidade, Josefa.

JOSEFA — Mas você não tem um namorado, Luizinha?

LUIZINHA — Um namorado? Sim, eu tenho um namorado. Mas agora só o verei no dia em que lhe puder dizer quem eu sou, quem é meu pai, qual é a minha família. Antes disso eu não o deixarei vir aqui.

JOSEFA — Então talvez muito breve ele possa ver você com este vestido bonito, com este colar e estas pulseiras...

LUIZINHA — Por que?

JOSEFA — Porque... talvez um desses dias o possa chamar para lhe dizer tudo isto...

LUIZINHA — Será possível, Josefa?

JOSEFA — Bem. Eu não sei de nada. Mas tenho esse palpite.

LUIZINHA — Ora. Um palpite. Eu preciso é de certeza, ouviu? Não importa quem seja a minha família. Mas eu preciso é de saber alguma coisa a respeito de mim mesma. Que tenha sido um pescador o meu pai, mas que eu saiba o seu nome. Mesmo porque talvez seja preferível ter nascido de um pescador, de um homem bom e simples, do que ter um pai cujo nome se precise ignorar...

JOSEFA — Cale-se, Luizinha. Não esteja dizendo asneiras. Se sua mãe ouvisse isto havia de ficar tristíssima.

LUIZINHA — E' que eu perco a cabeça quando falo neste assunto. Se você soubesse como tudo isto me atormenta!

JOSEFA — Já lhe pedi uma porção de vezes que tenha calma. Espere um pouquinho mais, Luizinha. Eu espero em Deus que, muito breve, você possa ficar bem satisfeita.

LUIZINHA — Está bem. Então vou guardar estas coisas bonitas para estrear no dia em que Netuno puder voltar a S. Vicente.

JOSEFA — Netuno! Quem é Netuno?

LUIZINHA — E' o meu namorado, Zefinha.

JOSEFA — Puxa!... mas que nome tão esquisito!...

(Música)

(Ambiente de hall de grande hotel; murmúrios; risos)

HOMEM 1 — Lá está ela. Veja. Que encanto de mulher! Ela tem sido uma verdadeira sensação aqui em São Paulo. E conheço muito figurão que já se mudou para este hotel só para aproximar-se dela.

HOMEM 2 — E... conseguem as boas graças da deusa?

HOMEM 1 — Qual nada. Aquilo é uma muralha chinesa.

HOMEM 2 — E o engraçado é que ela tem mesmo qualquer coisa de chinesa. Uma chinesa que, ao mesmo tempo, fôsse lindíssima e arrebatadora. Porque, de fato, ela é arrebatadora.

HOMEM 1 — Realmenté. Ela tem um tipo mongólico. Com aqueles olhos oblíquos, com aquele sorriso tão estranho.

HOMEM 2 — Oblíquos mas enormes... é positivamente original. E como se veste! Que mulher elegante. É. Tu tinhas razão.

HOMEM 1 — Eu não te dizia? E muito mais encantado

estava eu quando a vi pela primeira vez. A mulher aborda qualquer assunto com uma graça toda feminina. Fala uma porção de idiomas, tem uma grande cultura e é inteligentíssima.

HOMEM 2 — Por que não me apresentas a ela?

HOMEM 1 — Não tenho mais prestígio. Convidei-a uma vez para um jantar. Ela aceitou o convite, foi amabilíssima, e depois nunca mais aceitou a qualquer convite feito por mim. Limita-se agora a me cumprimentar.

HOMEM 2 — Que lhe fizeste?

HOMEM 1 — Nada. Tratei-a com a máxima distinção. Mas é assim que ela faz com todos. E' um enigma, aquela mulher.

HOMEM 2 — Mas olhe. Quem é aquele que está chegando junto dela, aquele que a está cumprimentando? Veja. Vão sair juntos, hein?

HOMEM 1 — Vão, sim. Eu sei até que eles vão dar um passeio de automóvel. Assim me disse o gerente.

HOMEM 2 — Que felizardo, hein? E quem é ele?

HOMEM 1 — Não sei. E' um hóspede aqui do hotel. Chegou uns 15 dias antes dela. Mas só agora houve uma aproximação entre os dois. E eu estou admirado de uma coisa...

HOMEM 2 — O que é?

HOMEM 1 — E' que aquele está conseguindo um "record" maior. Já o vi com ela mais vezes do que era de esperar.

(Música)

REGINA — Foi uma ótima idéia. Está uma noite esplêndida. O luar está mesmo sugerindo uma excursão de automóvel. Está uma noite linda, não é?

LUIZ — Está, sim. Está uma noite maravilhosa. Eu apenas lamento que não possamos ir sós. Seria bem mais encantador.

REGINA — Ah... convidou mais alguém?

LUIZ — Por uma questão de gentileza. Fui obrigado a convidar aquele cavalheiro que está lá em baixo à nossa espera. Dê-me o seu braço. Vamos descer...

(Ruido de passos descendo uma escada)

REGINA — Mas... quem é aquele homem? E' aquele o seu convidado? Mas, aquele homem! Eu conheço aquele homem... Han... aquele homem é!...

(Encerramento)

CAPÍTULO XVIII

LOCUTOR — Netuno, o namorado de Luizinha, despede-se dizendo que vai escrever-lhe muitas cartas. Regina, sabendo que Luiz está em S. Paulo, idealiza um plano. Em pouco tempo aquela senhora pacata transforma-se numa dama chic, frequentando os mais finos magasins de modas e os mais habilidosos cabeleireiros. Uma vez preparada, rumo para São Paulo afim de pôr em execução o seu plano. Deu resultados surpreendentes. Luiz, que estava no mesmo hotel, começa a se impressionar com a estranha hóspede,

Adona, Luízinha! Adona, meu amor!

(Rumor de carroça)

(Música)

VENDEUSE — Como lhe vai bem este vestido. Com o seu tipo estranho, este estilo de toilette lhe fica muito bem.

JOSEFA — Eu acho este vestido muito extravagante.

VENDEUSE — Não diga isto, moça. Sua patroa, com a ar "exquise" que tem, só deve trajar-se com roupas neste gênero. Sóbrias mas diferentes. Olhe só. Vire um pouquinho mais, madame. Assim. Veja que bonito! Parece uma princesa oriental! Então? A senhora quer que mande este também, não é? Este, o branco, aquele negro com lantejoulas. O costume rosa, aquele azul com arabescos dourados e a capa de peles, não é?

JOSEFA — Tudo isto, meu Deus? Eu acho roupa de mais.

VENDEUSE — De mais? Para o hotel de alto luxo em que estão hospedadas, toda elegância é pouca. Depois, uma mulher interessante como a sua patroa é digna de grandes toilettes. Estamos entendidas, não é, minha senhora?

REGINA — Sim. Mande os vestidos que escolhi: a capa de peles e também aquele chapéu com aigretes, e o outro de veludo.

(Música)

CABELEIREIRO — Ficou esplêndido o seu penteado.

REGINA — Sim. Está muito bem.

CABELEIREIRO — Aliás, com os lindos cabelos que madame possui, a tarefa é simples. Facilmente se consegue um bonito efeito com uns cabelos assim.

REGINA — Obrigada, senhor. Eu queria lhe pedir que mandasse um cabeleireiro ao meu quarto, diariamente.

CABELEIREIRO — A senhora está aqui em cima, no hotel?

REGINA — Sim. Meu apartamento é o 21.

CABELEIREIRO — Está bem. O cabeleireiro irá. E' só madame pedir pelo telefone, à hora que lhe convier.

(Música)

JOSEFA — Já sei. Não precisa recomendar mais, Heloisa. Quando Luízinha era pequena ficava tão bem na minha companhia. Agora, que ela já está uma moça, você está com estas preocupações.

REGINA — Mas naquele tempo ela não tinha namorados.

JOSEFA — Mas você já não sabe que o moço não está mais em S. Vicente? Ele foi embora dois dias antes de irmos para aqui.

REGINA — Mas ele pode voltar de uma hora para outra, e a tia Alzira é capaz de não olhar direito pela minha filha. Depois... eu acho tão esquisito a Luízinha não querer vir.

JOSEFA — Ora, não tem nada de esquisito. Ela está triste, está saudosa. Com certeza não se sente com disposição para se meter no alvoroço de um hotel como este.

ela, separando-se dela tristemente. Ela não há de querer vir aqui para São Paulo e deixar as cartas do namorado molhando na agência do correio.

REGINA — Sim. Está certo. Mas você precisa ir quanto antes.

JOSEFA — Eu acho mais perigoso você ficar aqui neste hotel com estas roupas extravagantes, com estes penteados tão esquisitos, com estes homens todos quase lhe engulindo com os olhos, do que a Luízinha lá em S. Vicente na companhia de tia Alzira.

REGINA — Não seja tôla, Zefinha. Você bem sabe o que eu vim fazer aqui. Deixe que os homens me olhem. A mim pouco importam os seus olhares.

JOSEFA — Hum... não é o que parece! Eu acho que você fica bem satisfeita com o sucesso que está fazendo aqui.

REGINA — Fico. Fico satisfeita, sim. Porque penso o seguinte: se toda essa gente está encantada com a minha figura, não me será difícil conseguir o que desejo. E você sabe muito bem o que é.

JOSEFA — Mas você está mesmo certa de que o seu plano vai dar um bom resultado?

REGINA — Eu espero que sim. Você não acha que eu posso triunfar? Ou não faz fé em mim?

JOSEFA — Eu espero em Deus que você se saia muito bem desta aventura. Mas acho que você devia escolher um meio mais simples para alcançar o que quer.

REGINA — Não, Josefa. Eu quero que seja assim. E eu espero que os meus planos tenham um êxito formidável.

JOSEFA — Mas até agora eu não vi nada, hein? Você tem feito uma porção de artimanhas, tem tido um trabalho danado, tem tomado atitudes que me deixam de boca aberta, e nada. Eu estou achando a coisa tão difícil...

REGINA — Eu não tenho feito nada de mais, Josefa. A você parece muita coisa, porque eu lhe conto o que faço. Mas os outros não percebem nada. Eu tenho agido com uma linha absoluta.

JOSEFA — Bem, isso é verdade. Mas eu tenho gostado de ver o seu trabalhinho, hein!

(Campainha do telefone)

REGINA (atende) — Alô... apartamento 21. Quem é? Ah, sim. Pode ligar. (Pausa) Alô... sim... é ela mesma. Mas quem está falando? Quem? Tenho uma vaga idéia... A pessoa que estava ontem no salão de leitura? Agora me lembra! Que me estendeu aquela revista? (ri) Muito obrigada. Oh, é muito gentil. Sim. Daqui a pouco vou descer para jantar. Um aperitivo? Bem. Eu não aprecio os aperitivos, mas aceito pelo prazer da companhia. Às sete horas, então? Está bem. No salão pequeno, não é? Está bem. Eu irei. De nada. Eu também terei um grande prazer. Então até já. (Desliga) (Para Josefa) Josefa!... Josefa!...

JOSEFA — Mas como você está pálida! O que há? Fale de uma vez! Que tem você, Heloisa?

REGINA — Comecei a triunfar!...

(Intervalo)

JOSEFA — Mas tenha calma, criatura. Assim, quando você acabar de vestir-se, vai ficar cansada.

REGINA — Depressa, Josefa. Ainda não está pronta?

JOSEFA — Não. Você rebentou uma porção de vidrilhos. Também... nunca vi enfiar um vestido com tanta violência. Por que não muda este? Você tem tanta roupa bonita.

REGINA — Mas este vestido é o mais perigoso que eu tenho. Depois eu ainda não apareci com ele aqui no hotel.

JOSEFA — Que quer dizer este negócio de vestido perigoso?

REGINA — Vestido perigoso, Josefa, é um vestido que tem "it", que tem "sex-appeal".

JOSEFA — Perigosa está ficando você. Aquela senhora sossegada lá de S. Vicente, hein? Se a tia Alzira estivesse aqui, havia de dizer boas coisas de tudo isto.

REGINA — Se a tia Alzira conhecesse os meus projetos como você conhece, eu garanto que ela não ficaria escandalizada como você.

JOSEFA — Eu não estou escandalizada. Estou apenas achando graça na sua transformação. Você se queixava sempre que o Luiz só apreciava a sua beleza, o seu físico e, no entanto, agora, só se preocupa com a beleza e com o físico. Só pensa em vestidos, em penteados...

REGINA — Eu era muito ingênua, Josefa. Depois, eu sofri de mais para exigir da vida o que a vida não pode dar. Além disso eu acho, agora, depois de muito ler e pensar, que todos os caminhos podem levar-nos à felicidade. O que é preciso é caminhar honestamente e desassombradamente.

JOSEFA — Desassombradamente... quer dizer com audácia, não é?

REGINA — Justamente, Josefa: audaciosamente.

JOSEFA — E é o que não lhe tem faltado...

REGINA — Que é que não me tem faltado?

JOSEFA — Audácia.

REGINA — Também não é tanto assim. Você se espanta porque me vê vestida nuns vestidos vampirescos, fumando e aceitando convites para aperitivos e jantares com cavalheiros elegantes. Mas isto faz parte do programa, Josefa. Eu precisava chamar atenção, despertar curiosidade...

JOSEFA — E parece que, afinal, conseguiu, hein?

REGINA — Mas não converse tanto, criatura. E' preciso acabar de prender estes vidrilhos.

JOSEFA — Pronto. Já está tudo de novo em seu lugar.

REGINA — Bem. Então já vou. Estou bem, estou?

JOSEFA — Você está um abismo. É como disse aquela costureira: você está, direitinho, uma princesa oriental.

REGINA — Você acha mesmo que eu estou bem?

JOSEFA — Olhe, eu não gosto de fazer elogios, mas eu acho que você está maravilhosa.

REGINA — Mas eu estou tão nervosa!... eu estou sentindo uma emoção tão grande, meu Deus! E' preciso mesmo muita audácia para tentar o que eu vou tentar.

JOSEFA — Deus permita que vá tudo bem.

REGINA — Deus te ouça, minha amiga. Deus te ouça. Olhe — não vá dormir cedo, não. Quando chegar eu irei ao seu quarto para lhe contar o resultado.

(Música)

REGINA (chamando) — Josefa... Oh, Josefa...

JOSEFA (desaparecendo) — Hum... que é? Ah, é você?

REGINA — Eu não disse para me esperar?

JOSEFA — Mas você demorou tanto. Eu não estou mais habituada a essa vida de dormir tarde.

REGINA — Mas eu vim lhe acordar para dizer que foi tudo bem, que foi tudo muito bem. Melhor do que eu pensava. Muito, muito melhor. Eu estou tão contente, Josefa!

(Música)

(Campainha telefone)

REGINA (atende) — Alô... sim... sou eu... bom dia. Bem. E o senhor? Dormiu mal? Talvez por causa dos vinhos que tomou, não é? (ri) Oh, eu não sabia que era ladra de sono. E quer, mesmo assim, ir jogar tênis? Não preferia ficar dormindo? Está bem. Então, dentro de meia hora nos encontraremos. Está bem. Até já.

(Música)

JOSEFA — Então você me levará hoje, não é, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — É. Eu acho bom você ir hoje mesmo. A Luízinha anda muito triste. Ela ficou tão sozinha, não é?

JOSEFA — Será que ela já recebeu alguma carta do tal rapaz?

ZÉ PEDRO — Se recebeu, hein? Ontem, quando eu cheguei, ela estava na varanda com um monte de cartas no colo e lendo uma por uma.

JOSEFA — E ela estava triste, não é?

ZÉ PEDRO — Estava, sim. De vez em quando ela dava um suspiro tão maguado!

JOSEFA — O pior é que ela não se abre com as pessoas. Fica sofrendo calada. A gente não pode nem ao menos tentar consolar aquela menina.

ZÉ PEDRO — E você acha que nesse negócio de amores adianta o consólio de um terceiro? Qual nada, Josefa. Só duas pessoas podem dar jeito a essa encrenca de namoros: só eles mesmos, os próprios namorados.

JOSEFA — Mas eu vivo tão preocupada com Luízinha.

ZÉ PEDRO — Pois é. O melhor é você ir hoje mesmo.

JOSEFA — Deixe a Heloisa voltar do jogo de tênis e nós iremos imediatamente.

(Música)

JOSEFA — Vamos abrir a maleta, Luízinha?

LUIZINHA — Mas esta maleta não é sua, Josefa?

JOSEFA — Não. Esta maleta é só de presentes para você.

LUIZINHA — Ah, é? Então vamos abri-la.

(Ruído característico. Mala que abre)

JOSEFA — Olhe aqui. Veja só este vestido.

LUIZINHA — Mas que coisa linda, meu Deus. Parece uma roupa de cigana.

JOSEFA — E' p'ra você usar na praia. E' uma chita americana. Bonito, não é?

LUIZINHA — E' isso aqui? Ah, é um "short". Mas que lindo. Que combinação de cores bonita, não é?

JOSEFA — E olhe aqui este colar de madeira, esta pulseira... estes brincos. Veja estes brincos.



confortavel dormitório

O dormitório que aqui apresentamos foi colhido numa residência norte-americana. Espaçoso e claro, mobilado com simplicidade e bom gosto, é o que se pode desejar para as residências modernas.

As camas, os "abat-jours", as poltronas forradas de um tecido claro, a pequena cômoda adornada com um vaso de flôres — enfim, todo êsse conjunto simples empresta ao ambiente um ar de conforto e distinção.

Aqui fica para os apreciadores das decorações modernas mais esta sugestão.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



MENSAGEM AOS CIDADÃOS DAS AMÉRICAS

Devotando as suas instalações mundiais e 18 anos de experiência nas rotas aéreas internacionais ao problema do transporte de carga vital e de passageiros que precisam viajar pelas Américas em tempo de guerra, a Pan American estabeleceu, em 1944, novos records em cada uma de suas atividades. Por exemplo: nos primeiros 9 meses de 1944 percorreu um número de quilômetros-passageiro superior em 22% ao de igual período de 1943. Prova da utilização mais eficiente do material disponível é o fato de ter sido esse tráfego alcançado com um aumento de apenas 5% de quilômetros-avião.

Embora fosse quasi impossível obter equipamento novo, a Pan American conseguiu, nos 3 trimestres de 1944, transportar 190.366 passageiros entre as principais cidades das Américas, contra 157.472 no ano anterior. Assim, 300 capitais e centros comerciais se viram mais intimamente unidos, por um sistema de aproximação continental. Todos os carregamentos bélicos possíveis e o máximo de mercadorias internacionais seguiram pela mesma via. Até setembro de 1944, 16.183.000 kg voaram pelos céus americanos contra 13.173.000 em 1943: mais 23% de carga, levada aos pontos onde urgentemente a necessitavam.

Os "Planos de Paz" da Pan American incluem novos e gigantescos "Clippers", que trilharão as rotas aéreas universais, para que amanhã "o mundo inteiro seja seu vizinho."

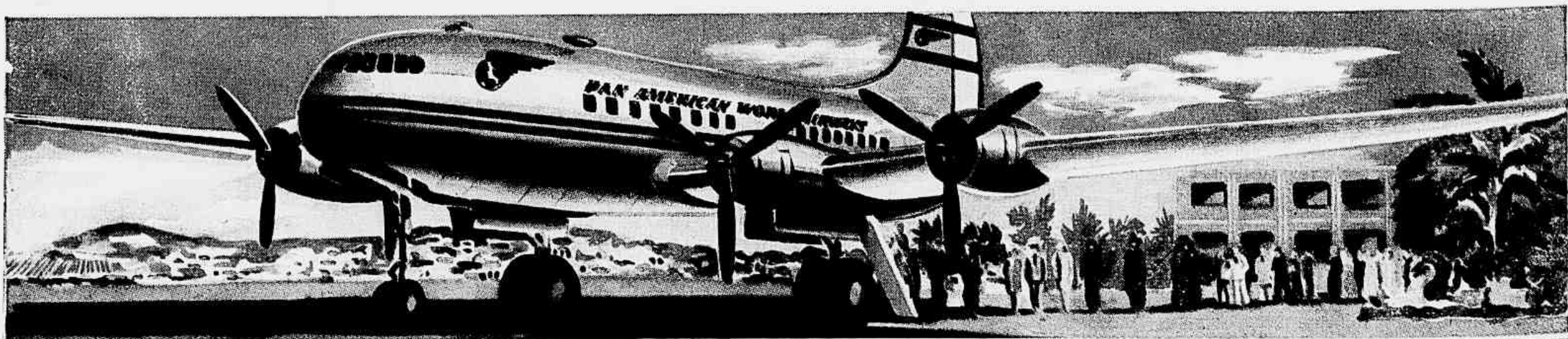


Ouçã AQUARELAS DO BRASIL

Todas as 6as-feiras das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Evocação sonora da tradição musical e do folklore nacionais. Um magnífico programa com grandes orquestras e coros mixtos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.

GRANT

10.034 - PAB 4



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers